



O ÚLTIMO COMBATE DE LENINE

MOSHE LEWIN

TRADUÇÃO DE ANA BARRADAS

DINOSSAURO

O ÚLTIMO COMBATE
DE LENINE

Título: O último combate de Lenine

Autor: Moshe Lewin

Tradução: Ana Barradas

Capa: António Barata

Edições Dinossauro

Outubro de 2021

MOSHE LEWIN

O ÚLTIMO COMBATE
DE LENINE

TRADUÇÃO DE ANA BARRADAS

EDIÇÕES DINOSSAURO
LISBOA 2021

ÍNDICE

Prefácio - 9

Capítulo I

Uma ditadura no vazio - 15

Capítulo II

A Nep, essa desconhecida - 27

Capítulo III

O eclipse de Lenine - 33

Capítulo IV

Staline, Trotsky e os georgianos - 41

Capítulo V

O doente e o seu guardião - 55

Capítulo VI

O “Testamento” de Lenine - 63

Capítulo VII

“O assunto clandestino” - 73

Capítulo VIII

Rússia entre o Ocidente e o Oriente - 83

Capítulo IX

Para uma reforma das estruturas governamentais - 91

Capítulo X

Se Lenine tivesse vivido... - 99

Anexos - 109

Glossário - 135

O pior que pode acontecer ao chefe de um partido extremista é ver-se obrigado a ocupar o poder num momento em que o movimento ainda não está maduro para estabelecer o domínio da classe que representa e para a aplicação das medidas que este domínio requer. [...] Vê-se, inevitavelmente, perante um dilema insolúvel: o que pode fazer contradiz toda a sua acção anterior, os seus princípios e os interesses imediatos do seu partido; o que deve fazer é irrealizável. [...] Quem caia nesta equívoca situação está irremediavelmente irremediavelmente perdido.

Friedrich Engels, A guerra dos camponeses na Alemanha

Haveria que considerar irremissivelmente perdidos os comunistas que imaginaram poder-se consumir uma empresa de alcance histórico mundial como é a de estabelecer as bases de uma economia socialista (sobretudo num país de pequenos camponeses), sem erros, sem retrocessos, sem recomeçar de novo múltiplas vezes tarefas inacabadas ou mal executadas.

Não estão perdidos (e com muita probabilidade não sucumbirão) os comunistas que não se deixem arrastar pelas ilusões nem pelo desânimo, e que conservem a força e a flexibilidade necessárias para recomeçar do zero e consagrar-se a uma tarefa das mais difíceis.

Lenine, Nota de um articulista, finais de Fevereiro, 1922

PREFÁCIO

Depois da Segunda Guerra Mundial, apareceram na cena política internacional muitos regimes progressistas ditatoriais, cujo único precedente é a União Soviética, que celebra agora o seu cinquentenário. Estes cinquenta anos de experiências socialistas poderiam ser, sem dúvida, muito proveitosos para os novos Estados, se estes se preocupassem em adquirir um conhecimento profundo sobre si próprios e meditassem a respeito das diferentes fases da primeira ditadura proletária: assim, o fracasso dos “complexos agroindustriais”, criados na URSS em 1929-1930, foram a prefiguração do das comunas populares chinesas, e Nikita Krushchev foi vítima da mesma megalomania quando em 1950 quis implantar as “agrocidades”. Quanto aos ensinamentos económicos e sociais, singularmente ricos, do período da NEP, foram sobretudo os especialistas anglo-saxões, com excepção de alguns soviéticos, quem os teve em conta, apesar de pouco proveito deles poderem retirar. Muitos outros períodos e outros elementos da história soviética permanecem submersos numa névoa mais ou menos densa, apenas dissipada aqui e ali pelos trabalhos de alguns investigadores. É pouco provável que a elite governante da União Soviética conheça a verdadeira história do seu país — descontando as experiências vividas por cada personalidade individual — já que, devido a um fenómeno singular, os países marxistas tratam a sua história como um segredo de Estado. Os dirigentes parecem crer que o conhecimento de um passado com frequência trágico é desencorajador para a construção do futuro aos olhos daqueles que devem construí-lo; ora bem, não há dúvida de que a ignorância da história hipoteca de uma forma muito mais grave tudo que está para vir do que a sua divulgação e a sua análise. Enquanto a história só puder ser divulgada através de uma aprovação oficial, continuará na obscuridade, já que é a disciplina científica que corre maior risco de ser viciada pela apropriação pelo Estado.

O estudo que aqui apresentamos de Lenine e do seu pensamento no final da vida não é, como é óbvio, totalmente novo: já foi possível conhecer a muitas coisas a esse respeito graças às revelações de Trotsky nos anos 1920 e através das consequências da questão do “testamento” de Lenine, provocadas pelo XX congresso do PCUS. Contudo, recentes publicações soviéticas permitiram-nos retomar este tema e tentar uma reconstrução ao mesmo tempo mais fina e mais detalhada das relações

que se estabeleceram nas esferas supremas do poder no momento da doença de Lenine. Esperamos também levar um pouco mais longe a análise do “testamento” de Lenine, isto é, do seu pensamento político no último período da vida, e propor em alguns casos uma interpretação nova do mesmo.

Entre os documentos que constituem as nossas fontes, é preciso citar dois em primeiro lugar. Por um lado, a última edição até à data das *Obras de Lenine* (5.a edição), mais completa que as precedentes e dotada de um importante aparato explicativo, e, por outra, o *Diário das secretárias de Lenine*, notas de serviço tomadas entre 21 de Novembro de 1922 e 6 de Março de 1923, publicadas pela primeira vez por uma revista histórica soviética em 1963 e traduzidas para francês nos *Cahiers du monde russe et soviétique*.¹ Estas notas são tão importantes pelo conteúdo como singulares pela forma. Estão apresentadas em forma de um caderno com quatro colunas: data, nome da secretária de serviço, encargos recebidos, notas sobre a sua execução; nesta última coluna também figuram observações relativas aos acontecimentos no decorrer da jornada de trabalho no escritório do presidente do Sovnarkom, do Conselho de Comissários do Povo. Os seus actos e gestos, as suas entre- vistas, a sua correspondência e as suas palavras, são descritos por vezes dia a dia, o que ilustra bem os métodos de trabalho de Lenine, mas não acrescenta em princípio nenhuma revelação notável. Contudo, não deixamos de reparar que Lenine trabalha com lentidão, que não vai com regularidade ao seu gabinete, mas que com frequência prefere chamar uma secretária e ditar sem sair dos seus aposentos privados. Lenine está já minado pela doença, os médicos obrigam-no a cuidar-se, a passar com frequência uns dias de repouso no campo, a faltar a algumas reuniões de trabalho, ao Conselho de Comissários ou ao Bureau Político. A 13 de Dezembro de 1922, no dia seguinte a uma importante entrevista com Dzerjinsky, Lenine sofre dois sérios ataques e por fim tem de submeter-se às prescrições imperativas dos médicos, adiar as suas tarefas e ficar de cama. A partir deste momento, o *Diário* torna-se apaixonante. Quando Lenine chama as secretárias para lhes confiar um encargo ou ditar-lhes algo, estas observam-no com uma atenção contida, alerta para as suas palavras e os seus menores movimentos, que transcrevem no *Diário* sob forma de breves anotações. Lenine está de cama, num pequeno quarto do seu

1) *Voprosy Istorii*, 1963, núm. 2. O *Diário* também está reproduzido em *Sotchinenija (Obras) de Lenine*, tomo 45, págs. 455-486; a tradução francesa em *Cahiers du monde russe et soviétique*, num. VII-2, Abril-Junho de 1967. As nossas referências (*Sotch.*) correspondem sempre à 5.^a edição.

apartamento do Kremlin, a mão e a perna direitas paralisadas, isolado quase por completo do mundo exterior e, aparentemente, afastado de toda a actividade governamental. As prescrições dos médicos neste sentido são severas e estão reforçadas pelas proibições formais do Bureau Político.

Mas as notas do *Diário*, por lacónicas que sejam, bastam para mostrar-nos o combate intenso e apaixonado que Lenine, paralisado e sem dúvida consciente do seu próximo fim, lança, não só contra a deca-dência física, mas também contra o aparelho dirigente do seu partido. Penosamente, traça um quadro de conjunto da situação do país, elabora um programa de acção e esforça-se por o impor aos seus colegas do Bureau Político e do Comité Central. Este programa, que os membros do Bureau não lhe pediram, contém mudanças importantes que alteram os métodos de governação, as pessoas e, em parte, os objectivos. A maioria do Bureau mostra-se reticente.

Com a única ajuda de algumas mulheres — Krupskaya, a esposa, Marija Ilinitchna, a irmã, e três ou quatro secretárias, em especial Fotieva e Voloditcheva —, Lenine combaterá obstinadamente para obter os dossiês de que necessita. Interroga os responsáveis, propõe-lhes linhas de acção; busca aliados, se é preciso informa-se por meios indirectos das ideias deste ou daquele dirigente; prepara um enorme informe para o próximo congresso do Partido e publica artigos, já que conseguiu obter as autorizações necessárias, por vezes dos médicos e por vezes do próprio Bureau Político, para prosseguir em parte das suas actividades. Mas existem razões para envolver clandestinamente outra vertente da sua actuação. Com efeito, com a ajuda dos seus íntimos, este grande enfermo, inquieto pela sorte da sua obra, trama um verdadeiro complô. O coração da “conspiração” — a expressão é do próprio Lenine — é formado por uma comissão privada que constituiu secretamente para investigar os acontecimentos na Geórgia, nos quais foram implicados altos dignitários do Partido. As circunstâncias deste assunto, que o *Diário* permite reconstruir com detalhe, revelam ou confirmam quais eram as relações pessoais e políticas dos três dirigentes: Lenine, Trotsky e Staline. As próprias notas permitem-nos medir a amplitude do esforço físico e intelectual de um homem gravemente doente, fazem-nos sentir a sua presença e a intensidade das suas emoções, a influência da sua personalidade, fazem-nos ver o encanto das suas gargalhadas estrepitosas.

Mas o âmbito estreito da pequena história continua muito desvalorizado. Os historiadores falam facilmente de uma “crise intelectual” que Lenine teria vivido no decurso destes desses dias, de um “golpe de Estado” que teria preparado, de uma rebeldia contra os resultados a que

deveria levar a sua própria obra, enfim, da tragédia de um grande revolucionário que julga ver desvanecer-se perante si o seu ideal de libertação e de emancipação das massas, que tem a impressão de perder toda a influência sobre os acontecimentos por causa da desgraçada coincidência de um acidente na sua vida física com implacáveis realidades políticas. Ao prosseguir o estudo dos acontecimentos, teremos de examinar estas afirmações.

Por outro lado, a situação em que se encontra o regime soviético no momento da doença de Lenine, os problemas que este teve de enfrentar no decorrer dos últimos meses de vida, continuam a ser de grande actualidade. Ao abordá-los, descobriremos que o nosso estudo tem um alcance muito diferente do de uma contribuição biográfica. Lenine quer dar ao regime, para cujo surgimento contribuiu, um contexto socioeconómico adequado e inventar métodos de gestão adequados ao mesmo tempo a este contexto e aos objectivos finais da revolução: o resultado será a NEP, a Nova Política Económica. Tenta imprimir à máquina ditatorial um estilo determinado, dar-lhe um novo vigor e uma nova eficácia. O seu comportamento coloca o problema dos deveres e das responsabilidades que incumbem aos dirigentes de uma ditadura que se quer socialista. Estas três questões-chave fazem sempre parte dos primeiros passos de um regime análogo ao arquétipo soviético, e cada vez que uma ditadura assume a missão de desenvolver um país atrasado

A primeira questão, tal como se apresenta a Lenine, é a do equilíbrio difícil de estabelecer entre as forças económicas espontâneas, necessárias para o primeiro impulso, ou seja, o campesinato das herdades privadas, os artesãos, os negociantes, e, por outro lado, o sector estatal centralizado e mais ou menos planificado, que deve assegurar ao conjunto da economia uma determinada direcção geral. Já sob a NEP existe o dilema do “mercado” e do “plano”. Apesar do desaparecimento do campesinato privado e das camadas médias de tipo capitalista, ainda hoje ocupa um primeiro plano nas preocupações dos dirigentes soviéticos, que descobrem que ambas as noções não se excluem uma à outra em absoluto, antes se completam se souberem pôr-se em marcha simultaneamente e de forma harmoniosa.

A segunda questão, a do funcionamento do Estado ditatorial, levar-nos-á mais tempo. No princípio, a ditadura organiza-se para cumprir a sua missão de desenvolvimento do país e estabelecimento de uma maior justiça social, princípios em nome dos quais se realizou a revolução. Mas o Estado ditatorial mostra tendência para cristalizar num organismo que tem as suas leis e interesses próprios, corre o risco de sofrer surpreendentes distorções em relação aos objectivos iniciais, esca-

par das mãos dos seus fundadores e contrariar, pelo menos durante um longo tempo, as esperanças das massas. O instrumento converte-se então num fim em si. Um sistema coercitivo instituído para promover a liberdade, pode, em lugar de assegurar às forças sociais exteriores ao aparelho estatal uma crescente participação no poder, converter-se numa máquina de opressão. Todo o Estado que tenta executar eficazmente tarefas difíceis e com frequência penosas para a massa, passa a constituir inevitavelmente um estrato privilegiado de quadros que gozam de um certo prestígio e vantagens materiais e políticas. Estes privilégios, se não se controlam e não se mantêm dentro de limites estritos, em função das realidades sociais e económicas, tornam-se rapidamente perigosos e travam o desenvolvimento.

Contudo, corre-se o perigo de os privilégios e os poderes corromperem aos homens. Os dirigentes e os administradores do Estado surgido de uma revolução, embora pertençam à elite amiúde valorosa, idealista e austera que fez esta revolução, sentem-se tentados antepor os privilégios à função que os justifica, especialmente se se encontrarem perdidos no seio de uma massa de funcionários novos que não possuem o nível nem o valor dos fundadores. Quais são os meios para preservar a integridade e evitar esta decadência? A resposta não é fácil. Tudo o que se pode dizer é que o a têmpera moral e a consciência política da elite, assim como certas garantias institucionais, constituem factores decisivos. Nestas condições, é tanto mais frutuoso meditar sobre a advertência de Lenine aconselhando os comunistas a conservar “força e flexibilidade”, estar preparados para “recomeçar a partir do zero”; trata-se de não perder o espírito crítico e de saber bater-se para refazer, se for o caso, muito do que foi tentado.

Não nos estenderemos de novo sobre estas implicações actuais ao longo da obra. Depois de apontá-las aqui, propomos-nos apenas proporcionar o mais objectivamente possível todas as peças necessárias para empreender uma reflexão sobre o tema.

CAPÍTULO I

UMA DITADURA NO VAZIO

A Revolução de Outubro não tinha, aos olhos dos seus promotores, sentido nem futuro se se desligasse da sua função internacional como catalisador e detonador: esta primeira chispa devia permitir o estabelecimento de regimes socialistas em países que, contrariamente à Rússia, dispusessem de uma infraestrutura económica e uma base cultural adequadas. Sem o cumprimento desta função, o regime soviético não poderia sequer sobreviver. Lenine afirmara-o com frequência e persistiu nesta ideia, inclusive depois de transcorridos vários anos sem que surgisse uma confirmação à sua esperança. Em Junho de 1921, declara: *“A República Socialista pode subsistir debaixo de um cerco capitalista, mas, de certeza, não por muito tempo”*. Em Fevereiro de 1922, é igualmente categórico: *“Sempre proclamámos e repetimos esta verdade elementar do marxismo, que a vitória do socialismo exige o conjunto de esforços de alguns países avançados”*.²

A Rússia, que havia iniciado sozinha o caminho revolucionário, estava desde o início bastante isolada, mas dois factores impediam a consciência desta situação: por um lado, as concepções internacionalistas dos dirigentes, e, por outro, a persistência durante certo tempo da agitação social na Europa. Inclusive durante a guerra civil, quando a Rússia, para sobreviver, teve de fazer frente a uma espécie de internacional capitalista, os chefes soviéticos não se haviam apercebido do isolamento do país. Só perto do final da guerra, as ilusões dos menos teóricos e dos menos internacionalistas começaram a esfumar-se. No fim, todos tiveram que render-se à evidência. Lenine, no último discurso público da sua carreira, declara:

“Estamos sós: isto é o que nos temos dito a nós mesmos.

Estais sós: quase todos os Estados capitalistas no-lo repetiram a propósito de não importa que assunto tratado com eles.

*É aí que reside a dificuldade essencial, é preciso dar-mo-nos conta disso.”*³

2) *Sotch.*, t. 44, págs. 9 e 418.

3) *Discurso do 20 de Novembro de 1922, Soth.*, t. 45, pág. 304.

Mas o facto deste isolamento, de consequências incalculáveis para um período longo de tempo, também levou a registarem-se algumas consequências imprevistas, dele derivadas, e a rever-se determinados princípios. A ditadura do proletariado, sistema de governo da primeira revolução vitoriosa, devia, segundo a interpretação mais usual da teoria marxista, estabelecer-se num país de população na sua maioria operária, e neste caso a ditadura do proletariado exercia-se só sobre uma minoria ínfima. Nada deste projecto se podia realizar na Rússia, mas na realidade os bolcheviques sentiam-se menos incomodados ao constatar-lo que os mencheviques; os primeiros aceitavam uma interpretação de Marx segundo a qual se admitia a possível consecução de um triunfo socialista na Alemanha atrasada dos anos de 1850, graças a “uma revolução proletária apoiada por uma guerra camponesa”. Havia tanto menos motivo de inquietação em relação à infraestrutura russa, dado que a revolução, mais fácil de desencadear em tais condições, se estenderia de imediato a outros países e cederia a direcção do movimento a outros partidos irmãos mais dignos de assumi-la.

Mas se a segunda proposição era falsa, a primeira revelou-se também como tal e, em consequência, passou a ser vista sob uma nova luz. É incontestável que os operários jogaram um papel de primeira ordem na conquista do poder por parte dos bolcheviques. No decorrer da guerra civil, continuaram a proporcionar os quadros mais abnegados e fiéis, tanto no exército como na administração soviéticos. Mas esta guerra, mortífera e devastadora, ocasionou uma paragem na produção de numerosas fábricas, ou até a sua destruição; cobrou um pesado tributo humano entre os operários, combatentes de vanguarda em todas as frentes, e provocou também a sua dispersão pelos campos em busca de meios de subsistência. Ao mesmo tempo, os elementos mais dedicados e melhor dotados são mobilizados pelos serviços governamentais, locais e centrais. As funções governamentais minam as fileiras da classe operária, especialmente nos sectores onde se havia recrutado a sua vanguarda: metalúrgicos, ferroviários ou mineiros. A utilização dos operários no aparelho administrativo foi quicá a carga mais pesada para o proletariado russo, cujo número não abarcava mais do que três milhões de operários industriais. O próprio Lenine o constata: “*As forças do proletariado foram sobretudo esgotadas pela criação do aparelho administrativo*”,⁴ e acrescenta que o proletariado perdeu consciência de classe, isto é, desviou-se do caminho da classe de que faz parte. Sejam os operários mortos em combate, os integrados no aparelho administrativo ou desmoralizados

4) *Ibid.*, pág. 106.

pela penúria e o tráfico de mercado negro empreendido para não perecer,⁵ o resultado foi em qualquer caso trágico. A revolução, apresentada como a conquista do poder pela classe operária, e com efeito o havia sido em grande medida, encontrou um resultado diferente no fim da guerra civil, porque a própria revolução havia morto os seus pioneiros na tarefa. Dois anos depois de Outubro, os soviets tinham perdido o exercício directo do poder. Em Março de 1919, Lenine constatará com profundo desgosto, mas com a maior franqueza, que, devido ao nível deplorável da instrução e da educação das massas, *“os soviets, que eram por natureza órgãos de governo pelos trabalhadores, são na realidade órgãos de governo para os trabalhadores, governo exercido pelo estrato mais avançado do proletariado, mas não pelas massas operárias”*.⁶

Desde o momento em que se admitiu o facto da debilitação do proletariado, a ditadura perdeu fatalmente, uma após outra, as características que se lhe havia atribuído. Deixa de considerar-se que o poder revolucionário se apoia sobre toda a classe operária, nem sequer sobre uma grande maioria desta. Mas, na realidade, a ditadura não deve contar só com uma delgada camada de operários avançados, ou não se sustentaria muito tempo; o Partido, no qual os operários só constituem uma importante minoria, substitui o proletariado, é ao mesmo tempo o braço e a espada do poder revolucionário. *“A burguesia – dirá Lenine – compreende bem que na realidade «as forças da classe operária» são formadas na atualidade pela potente vanguarda desta classe: o partido comunista russo,”*⁷ Por outra parte, escreverá também que o Partido é a mais sólida raiz da ditadura, o que constitui um fenómeno aberrante com respeito à teoria marxista. Bem organizados, guiados e enquadrados, as células e os grupos locais proporcionavam ao mesmo tempo chefes e executores para a luta que se travava em todas as frentes, para todas as tarefas administrativas e económicas.

Um historiador norte-americano, que dificilmente pode considerar-se simpatizante do comunismo, disse: *“Os Brancos tinham de enfrentar um inimigo que, certamente, tinha de sofrer deserções, casos de corrupção e desobediência, mas que, no partido comunista, dispunha ainda por todo o país de uma massa de homens adestrados e disciplinados”*.⁸

Não constitui isto uma homenagem ao poderoso instrumento forjado por Lenine e que talvez agora tomasse um viés que ele não pre-

5) *Ibid.*, págs. 103 e 106.

6) *Sotch.*, t. 38, pág. 170.

7) *Sotch.*, t. 39, pág. 412 e t. 44, pág. 106.

8) DONALD TREATGOLD, *Twentieth Century Russia*, Chicago, Rand McNally & Co., 1959, pág. 181.

vira? O Partido detinha o poder real e suportava a sua carga. Com efeito, tornara-se evidente desde os primeiros meses da revolução, e inclusive antes das destruições causadas pela guerra civil, que a classe operária por si só não era capaz de governar, nem sequer de dirigir as fábricas onde trabalhava. Os comités de empresa, os conselhos operários, o controle operário, criações espontâneas e autênticas realizadas com o ímpeto revolucionário que se seguiu à tomada do poder e devidas a um impulso libertário de inspiração anarco-sindicalista, encontravam-se plenamente legitimadas pelo *Estado e a Revolução* de Lenine, mas só conduziram a desordens e a uma ineficácia susceptíveis de paralisar o aparelho de produção do país. Houve que barrar o caminho a esta orientação e empreender um novo curso; muitos viram nisso uma traição aos ideais socialistas, mas Lenine manteve as suas exigências com a maior energia: requisitos de disciplina garantidos pelo reinado dos directores (*edinonatchalia*) e a preponderância das administrações. Antes da hecatombe de operários causada pela guerra civil, existe já uma ampla brecha aberta entre a teoria e a prática da ditadura do proletariado. Brecha a que se seguiriam outras.

Vimos numa das citações que Lenine escrevia entre aspas as palavras: “as forças da classe operária”. A vanguarda partidária já não tinha atrás de si o grosso das tropas; a sua base social passou a estar entre aspas. Os cérebros mais lúcidos do Partido davam-se conta de que ele próprio estava de certo modo suspenso no vazio, mas crer que esta situação pudesse prolongar-se por muito tempo era outra quimera de teóricos. O vazio social em questão ia ser preenchido em tempo muito breve por forças distintas das que inicialmente se haviam previsto.

As administrações industriais começam a afirmar-se – ainda que a indústria fosse ainda débil –, mas ao lado delas encontra-se nos serviços locais e centrais uma enorme massa de funcionários que são, segundo Lenine, antigos burocratas czaristas e que ocupam um lugar cada vez mais importante na vida política. O regime não podia prescindir de uma máquina governamental deste tipo, mas, e sempre segundo a opinião de Lenine, esta maquinaria não é soviética, constitui uma vergonhosa anomalia. Estes funcionários czaristas – o termo russo *tchinovniki* indica muito bem o seu carácter – haviam boicotado o novo regime ao princípio, e depois tinham-se deixado convencer. “Regressaram e esta foi a nossa desgraça”,⁹ diz Lenine. Não sabemos o que teria sucedido se não tivessem voltado, mas eis o que se passou: “Temos na cúspide do poder, não sabemos exactamente quantos, mas no mínimo uns milhares, e no máximo umas dezenas

9) *Sotch.*, t. 45, pág. 290.

de milhares dos nossos. Contudo, na base da hierarquia, centenas de milhares de antigos funcionários que herdámos do czar e da sociedade burguesa trabalham, em parte conscientemente, em parte inconscientemente, contra nós”.¹⁰ Perante esta rede na prática fora da influência soviética, Lenine fica perplexo e desarmado. Por outro lado, a sua análise não é totalmente exacta, já que esta máquina se converteu, contra a vontade dos funcionários em questão, num autêntico sustentáculo social do poder; executa mal ou bem as tarefas que lhe são confiadas e apesar de tudo está ligada a ele pelo facto de ser constituída, ainda que parcialmente, por elementos afectos ao novo regime numa proporção mais importante que a que diz Lenine. Escutemos a este respeito outro valioso testemunho, o de Trotsky: “A des-mobilização de um Exército Vermelho de cinco milhões de homens ia desempenhar um papel considerável na formação da burocracia soviética. Os graduados vitoriosos ocuparam os postos importantes nos sovietes locais, na produção, nas escolas, para levar a todo o lado, obstinadamente, o regime que os fizera ganhar a guerra civil. Em toda a parte as massas foram paulatinamente eliminadas da participação efectiva no poder”.¹¹ O lugar ocupado por estes combatentes responsáveis foi muito mais considerável do que faria crer a cifra proposta por Lenine de algumas dezenas de milhares de comunistas no topo da hierarquia administrativa, posto que estes se misturavam em todos os níveis à massa dos *tchinovniki*.

Na realidade, Lenine sente-se profundamente inquieto e descontente com a forma como o conjunto das administrações, seja qual for a sua composição, exerce o poder e cumpre as tarefas quotidianas. Não se cansa de criticar os heróis da guerra civil que se mostram incapazes de cumprir as tarefas do tempo de paz; é o único que pode fazê-lo impunemente. Mesmo em Moscovo, onde se reuniram alguns milhares dos melhores quadros comunistas, Lenine descobre e fustiga a rotina e a incúria.¹² Os comunistas deixam-se asfixiar por uma massa estranha e não são eles quem decide efectivamente sobre o andamento dos assuntos:

*“O que falta então? É muito claro, o que falta aos dirigentes comunistas é a cultura. Consideremos o caso de Moscovo: quatro mil e setecentos comunistas responsáveis e uma massa enorme de burocratas. Quem dirige e quem é dirigido? Duvido muito que se possa dizer que os comunistas dirigem, creio que pode dizer-se que são dirigidos.”*¹³

19) *Ibid.*

11) TROTSKY. *La Révolution trahie*, em *De la Révolution*, Paris, Ed. de Minuit, 1963, pág. 501.

12) *Veja-se O prodnaloge, Soth., t. 43, pág. 234.*

13) *Soth., t. 45, pág. 95.*

Todos os fenómenos que acabamos de rever exercem uma profunda influência nos mecanismos do poder: praticamente, o Partido exerce-o em diferido, e escapa a um controle preponderante de qualquer força social. Enquanto a classe operária se debilita, o Partido aumenta o seu poder. Figuram operários entre os novos membros, claro, mas também um número considerável de camponeses, e sobretudo de intelectuais e de funcionários, por vezes procedentes de outros horizontes políticos. Afrouxam-se os laços com a ideologia dos fundadores; inclusive podem faltar totalmente quando são vulgares arrivistas os que se filiam como membros, atraídos pelos privilégios de um partido no poder. No decurso de alguns anos, o nível político e cultural do Partido no seu conjunto baixou consideravelmente: *“Os membros do Partido, na imensa maioria, não estão bastante educados politicamente para que se tenha uma direcção efectivamente proletária num momento tão difícil, sobretudo se se tiver em conta o enorme predomínio numérico no país do campesinato, que desperta com rapidez para uma política de classe independente”*.¹⁴

A bem dizer, ainda que houvesse uma maioria de operários no Partido, isso não mudaria nada, seriam apesar de tudo incapazes de travar a propensão para degenerar em pequeno-burgueses. Lenine sabe-o,¹⁵ e o motivo dos seus piores temores é a possível asfixia sob o oceano da pequena burguesia, tão poderosa na Rússia. Pelo contrário, mostra-se muito menos consciente de outro perigo que surge no horizonte, numa direcção totalmente distinta.

O Partido, ao ter de imperar sobre os operários que permaneceram fora da sua organização, tende a adoptar a mesma atitude em relação aos operários que se uniram às suas fileiras; e esta dominação exercer-se-á com maior razão sobre os membros de outras classes sociais que puderam ser admitidos. A maioria dos operários, inclusive aqueles que trabalham na grande indústria e que em teoria deveriam ser portanto os mais sólidos pilares do poder, são demasiado incultos para poder participar de forma efectiva na elaboração da política e no exercício da função governativa. Ao dizer isto, queremos referir-nos aos operários como grupo, já que, individualmente, chegavam aos postos mais altos do Partido, que havia permanecido fiel à doutrina neste terreno e extraía os seus quadros das fileiras da classe operária, por vezes até esgotar a fonte. Era a própria elite interna a única que podia assumir ao mesmo tempo com êxito a direcção dos assuntos e a educação dos membros do Partido, fossem operários ou procedessem de outras classes sociais. A ditadura

14) *Ibid.*, pág. 19.

15) *Ibid.*, págs. 18, 19.

do proletariado, que a pressão das circunstâncias havia transformado em ditadura de uma minoria socialmente diversa, converteu-se rapidamente numa ditadura do Partido. Mas, neste sentido, a contracção do núcleo dirigente ainda não terminara. No mês de Março de 1922, Lenine, numa carta aos membros do Comité Central, teve de render-se a uma nova evidência: *“Há que reconhecer que a política proletária do Partido não é determinada hoje pelos seus efectivos, mas sim pela autoridade imensa e não compartilhada desta camada delgadíssima que pode denominar-se a velha guarda do Partido”*.¹⁶ Contudo, o processo ainda não está terminado. Continua a actuar a singular dinâmica que leva a uma concentração cada vez maior do poder num número de mãos cada vez mais restrito. Dir-se-ia que pesa uma fatalidade sobre o regime soviético, mas é mais justo ver a origem desta evolução num conjunto de circunstâncias particularmente duras. A guerra civil teve sobre este regime uma influência mais decisiva e duradoura do que geralmente se julga. Assim que instaurado e ainda muito pouco firme na sua organização e nos seus métodos, viu-se submetido a um terrível esforço e teve que centrar todas as forças num único objectivo: vencer para sobreviver. Gostaríamos de insistir no ponto de que, na época que comentamos, o regime saía da guerra civil e havia sido tão moldado por ela como pelas doutrinas do Partido, ou pela doutrina sobre o Partido, na qual muitos historiadores vêem o “pecado original” de Lenine.

Perante os exércitos “brancos”, numerosos, bem equipados e apoiados por vários países ocidentais, impunha-se de forma imperiosa um centralismo e um absolutismo estritos. Não obstante, no decurso deste período, não cessou a discussão no seio do Partido; só esteve limitada pela solidariedade contra o inimigo. A interdição de fracções e a ilegalidade de todo e qualquer debate que tocasse demasiado a fundo os problemas só surgiram no fim da guerra. O carácter constantemente alarmante da situação e a persistência do estado de emergência exigiam uma mobilização constante dos quadros e a sua transferência de uma frente para outra, ou de uma tarefa militar para outra económica e vice-versa. Nenhum procedimento democrático teria permitido estas soluções. Só os procedimentos autoritários as tornavam possíveis: ordens, nomeações, alterações de funções. Estes métodos, absolutamente previstos pela teoria ou pelos estatutos, mas praticados durante três anos, converteram-se numa realidade da vida do Partido. Nomear a partir de cima um secretário de uma organização do Partido passou a ser coisa natural; as organizações locais que necessitavam de pessoal dirigiam-se por vezes elas mesmas à hierarquia e pediam que lhes enviassem chefes;

16) *ibid.*, pág. 20.

por outro lado, já se designavam mediante nomeação todos os postos importantes da vida nacional alheios ao Partido. Com o retorno da paz, estes costumes não se perderam, e continuou a funcionar um gabinete especial (*utchrased*) afecto ao Comité Central, que distribuía os quadros segundo as necessidades. O procedimento era eficaz mas provocava numerosos protestos, já que se tornava muito fácil para o secretariado do Comité Central mudar de um posto para outro, menos importante ou mais afastado, qualquer pessoa politicamente incómoda, oposta a uma determinada linha ou a um dos chefes. Os protestos que surgiram com a implantação da NEP contra este procedimento, julgado antidemocrático e contrário ao princípio electivo consagrado pelos estatutos do Partido, foram pouco eficazes. Para pôr fim a esta política que, no interior do Partido, outorgava um enorme poder ao Orgbiuro, o Bureau de Organização, era necessário proceder a uma reorganização de cima abaixo do sistema de direcção, a uma modificação quase revolucionária.¹⁷ Contudo, com a implantação da NEP, em plena fome, com a revolta de Kronstradt e o espectro de um levantamento camponês generalizado, não era ainda o momento adequado para o afrouxamento dos controles. Até Março-Abril de 1921, a situação parecia ainda mais grave que antes e Lenine, desejoso de evitar a paralisia do Partido, única força de que dispunha, proibiu as fracções e reservou ao Comité Central o direito de excluir do Partido os membros acusados de fraccionarismo. Movimento impaciente perante a urgência, decisão temporária,¹⁸ ou fruto de um erro de cálculo e de falta de clarividência, em qualquer caso esta medida iria gravitar pesadamente sobre o futuro do Partido e do país. Iria reforçar ainda mais o Bureau Político, o seu secretariado e o seu Orgbiuro. A própria posição do Comité Central debilitou-se. Crescia a tendência de fazer passar todos os assuntos pelo Bureau Político; os altos funcionários, incluindo também os comissários do povo, levavam à instância suprema todos os assuntos que se sentiam demasiado timoratos para resolver por si mesmos e Lenine lamenta-se amargamente disso no XI congresso do Partido.

Esta situação é dissimulada, pelo menos em parte, com a presença de Lenine no Sovnarkom, enquanto pôde manter-se no seu posto, e o Bureau Político dedica-se sobretudo à elaboração das grandes linhas da política nacional e à resolução de problemas de princípio. Não obstante, o próprio Lenine discutia no Bureau Político problemas correntes que

17) Veja-se CARR, *Socialism in One Country, 1924-1926*, t. 2, Londres, Macmillan, 1959, cap. 19, especialmente págs. 201-204 sobre o sistema de nomeações.

18) Veja-se CARR, *The Interregnum, 1923-1924*, Londres, Macmillan, 1954, anexo. TROTSKY, *op. cit.*, pág. 506: "A interdição das fracções foi concebida, repetimos, como uma medida excepcional destinada a cair em desuso quando melhorasse a situação."

deveriam depender da actividade do Sovnarkom e, quando cai gravemente doente, o Bureau Político converte-se na instituição chave do país. O secretariado que dirige o trabalho administrativo e de execução por conta do Bureau e do Comité Central continua a ser na aparência uma engrenagem secundária mas, com as novas práticas aparecidas no Partido, não é difícil ver que formidável poder pode adquirir o seu chefe.

Em Abril de 1922, Staline é nomeado secretário-geral, *gensek*, na linguagem do Partido. Nesse momento, continua a ser comissário para as nacionalidades e, durante algum tempo, comissário para a Inspeção Operária e Camponesa, acumulação impressionante de poderes e competências que, naquela altura, só o prudente Preobrajensky denunciou com energia. A partir desse momento, já não está muito longe a materialização da situação que Trotsky, ao criticar o ponto de vista de Lenine sobre a organização do Partido, havia previsto em 1903-1904: “A organização do Partido ocupará o posto do próprio Partido; o Comité Central ocupará o posto da organização; e, finalmente, o ditador ocupará o do Comité Central...”¹⁹ O único erro de Trotsky foi considerar o centralismo de Lenine como um “egocentrismo”: as concepções de Lenine não ocultavam nenhuma sede de poder pessoal e, sem dúvida, a máquina política que Lenine e Trotsky contribuíram para construir voltava-se contra eles.

A fim de compreender melhor o pensamento político de Lenine durante os últimos meses de vida, não é inútil insistir noutra aspecto do fenómeno de concentração do poder. Os bolcheviques acreditavam sinceramente na doutrina da ditadura do proletariado. A substituição do proletariado pelo Partido, puro estado de facto no princípio, teve de ser introduzida, não sem ambiguidade, na doutrina; considerou-se como um fenómeno transitório, enquanto não se dava o reagrupamento dos operários das grandes fábricas e o incremento das indústrias por meio de futuras iniciativas. Na realidade, começou nas fábricas o reinado das administrações, e a instalação da burocracia em todo o país. Lenine explicava esta situação pela carência de bases económicas adequadas. Este estado de coisas não era muito prejudicial enquanto subsistiam perspectivas revolucionárias na Europa; mas, a longo prazo, esta insuficiência ia revelar-se trágica. Lenine dizia que, embora a Rússia tivesse o regime político mais avançado do mundo, não havia conseguido construir ainda nem sequer as bases de uma economia nacional; a ausência das bases do socialismo, tal como se constatava, quase significava que nada havia sido ganho definitivamente: “As forças inimigas do capitalismo moribundo

19) Loc. cit. BERTRAM D. VOLFE, *Lénine et Trotsky*, Paris, Calmann-Levy, 1951, pág. 142.

ainda podem recuperar o poder".²⁰ Assim, os termos da fórmula básica do materialismo histórico vêm-se invertidos pelos seus mais fiéis adeptos. Falham tragicamente as bases socioeconômicas indispensáveis para a realização dos objetivos oficiais do poder. O novo poder encontra-se suspenso numa espécie de "duplo vazio": a primeira carência é a do proletariado; a segunda, a da infraestrutura econômica. O professor Carr disse que a ditadura do proletariado estava *in posse* mais do que *in esse*.²¹ Está-se muito longe das concepções otimistas, utópicas e simplistas expostas em *O Estado e a Revolução* em 1917, onde todos os problemas pareciam resolvidos por antecipação com o exemplo da Comuna de Paris. Os militantes, acostumados a deduzir o político do econômico e do social, descobrem uma situação desconcertante em que uma elite dirigente desprovida de base social encarna uma espécie de "poder político puro" e impõe a sua vontade a uma sociedade, cuja dinâmica espontânea, sob a NEP, tende para fins opostos aos do Partido.

Lenine e a doutrina leninista tiveram que acomodar-se a esta nova situação. Dois elementos prestaram-lhes ajuda: a importância do papel atribuído à tomada de consciência, que não é espontânea, e uma certa concepção do Partido que lhe atribui a tarefa de despertar essa consciência. A posição central outorgada ao Partido na estratégia leninista e a interpretação algo voluntarista que o leninismo faz do marxismo não devem, contudo, levar a imputar-lhe, como o fazem alguns, toda a responsabilidade de certos fenômenos, como a contração progressiva do poder político descrita anteriormente, que, no fim de contas, devia culminar numa autocracia. O leninismo, desde logo, não é monolítico; a ditadura do Partido sobre o proletariado não entrava nos esquemas de Lenine, e constituiu o resultado final totalmente imprevisto de uma série de circunstâncias igualmente imprevistas. Apesar da aguda intuição de Trotsky, seria equivocado pensar que a concentração de poder que chegou ao seu paroxismo com o regime estalinista é o resultado das ideias e rupturas de 1903-1904. A sua origem está na história de outro período, nos acontecimentos post-revolucionários e na forma como estes desviaram a doutrina. Não se pode fazer remontar às preocupações e às teorias pré-revolucionárias nem o "comunismo de guerra", nem as noções diametralmente opostas que deram lugar à NEP. Uma vez conquistada a paz com a vitória interior, Lenine procurou dotar de bases seguras o poder político em todas as frentes: a aquisição de uma infraestrutura econômica, a elevação do nível cultural dos quadros e do povo,

20) *Sotch.*, t. 44, *pág.* 148 e t. 45, *pág.* 109.

21) *CARR, op. cit.*, t. 1, *págs.* 103-104.

que tinha de começar pela alfabetização. Lenine sabia que, na situação em que se encontrava o seu regime, o político antepunha-se ao económico, mas a ideia de que tal preponderância pudesse prolongar-se de forma durável não o tranquilizava. Não se resignava a servir-se durante muito tempo da alavanca política que muitos na nossa época consideram como a mais potente e a mais decisiva.²²

Sobre este ponto, outra decepção esperava os militantes, terminadas as ilusões do comunismo de guerra. A construção das bases que faltavam ao edifício não ia permitir um acesso directo ao socialismo e, com mais razão, ao comunismo. Lenine acalma os impacientes repetindo que é só um período de transição que começa, período para o qual ele admite o prolongamento da política da NEP. E, contudo, Lenine vê perfeitamente as terríveis ameaças que por causa dela pendem sobre o regime: ameaças exteriores, instabilidade interior (a do campesinato), mas também o perigo que representa a tendência à degeneração dos próprios comunistas sob a pressão de um meio corruptor. Perante o XI congresso do Partido, Lenine, prosseguindo a sua ideia de que os comunistas já não dirigem o jogo mas que, pelo contrário, são dirigidos, declara:

“Sucedeu algo parecido com o que nos ensinavam nas lições de história da nossa infância: sucede que um povo subjuga a outro. Então o que subjugou é um povo conquistador e o que foi subjugado é um povo vencido. Efectivamente, mas o que sucede com a cultura destes dois povos? A resposta não é tão simples. Se o povo conquistador é mais culto que o povo vencido, impõe-lhe a sua cultura. Mas, no caso contrário, o povo vencido pode impor a sua cultura ao conquistador. Não foi isto que sucedeu na capital da RSFSR²³, e quatro mil e setecentos comunistas (quase uma divisão) dos melhores não foram submetidos a uma cultura estrangeira? É verdade que poderá ter-se a impressão de que a cultura dos vencidos é de alto nível. Erro: é miserável e insignificante. Mas ainda assim é superior à nossa.”²⁴

Este texto mostra que Lenine tinha um sentido agudo dos perigos que ameaçavam o regime. Ainda que os acontecimentos ulteriores da história tenham sido bastante diferentes do que ele supunha, deve reconhecer-se que Lenine era um homem que analisava primeiro a situação e dizia seguidamente sem ambiguidades, ao Partido e ao país inteiro, a verdade da situação tal como ele a via.

22) A primazia da política sobre a economia num sentido que seguramente difere da concepção marxista clássica foi expressa claramente por Lenine, em especial em *O nachej revoltsii*, *Soth.*, t. 45, págs. 378-382, e no texto que reproduzimos em anexo. Veja-se também, *CARR*, *op. cit.*, págs. 130-131.

23) *República Socialista Federativa Soviética da Rússia* (Nota da Tradutora)

24) *Soth.*, t. 45, págs. 95-96.

CAPÍTULO II

A NEP, ESSA DESCONHECIDA

Nas condições que expusemos, os dirigentes do regime soviético tinham para resolver uma série de problemas, no final da guerra civil. Como evitar um enfrentamento com o Ocidente, à espera de novas revoluções em Europa ou na Ásia? Como impedir a degeneração do poder, ou melhor, como preservar a pureza ideológica e moral do Partido convertido em governante? Como acabar com a praga burocrática? Não havia resposta para estes problemas, que compreendiam múltiplas incógnitas, mas as coisas complicaram-se mais ainda com a implantação de um sistema económico original e inesperado conhecido sob a denominação de “Nova Política Económica”. Esta política foi adoptada diante da imperiosa necessidade de encontrar remédio para o marasmo em que estava submerso o país e principalmente a agricultura. Ao cabo de dois anos de funcionamento, demonstrou ser útil, mas, para os bolcheviques, era um autêntico pacto com o diabo.

Lenine explicou que, a fim de salvar o país do desastre, tratava-se de fazer as concessões necessárias ao campesinato para que este retomasse a produção e alimentasse o país. E essas concessões podiam resumir-se à injeção de uma dose de capitalismo, *“capitalismo que devemos e podemos admitir, e que podemos e devemos aplicar dentro de certos limites, já que é necessário à grande massa do campesinato e ao comércio que permite satisfazer as necessidades dos camponeses. Há que procurar que o curso regular da economia e do circuito de trocas capitalistas seja factível. Há que fazê-lo pelo povo. Sem isso não poderemos viver [...] Para eles, para a facção camponesa, só isso é necessário, em absoluto; quanto ao resto, podem tomar partido”*.²⁵ Lenine efectua, para esse efeito, uma operação raramente vista na história. Concede aos camponeses uma forte dose de capitalismo em troca de “o restante”, a saber, o poder político em mãos dos bolcheviques, operação vantajosa, certo, mas também perigosa. Numerosos militantes temiam que este remédio, ainda que saudável para o paciente, se revelasse mortal para o médico. No mundo inteiro multiplicaram-se os comentários; os inimigos do regime abrigavam a esperança de que a

25) *Sotch.*, págs. 35-86.

NEP, que introduzia de novo o capitalismo, anunciava o fim do bolchevismo. Os membros de todas as tendências que existiam no interior do Partido haviam aceite a princípio esta solução como a única possível, mas muitos não tardaram a ver nela uma verdadeira traição, uma aliança contra natura. O Partido estava em todo o caso inquieto, e não sem razão, já que agora vinham abaixo as ilusões suscitadas pelo comunismo de guerra: era preciso restabelecer o mercado camponês e o comércio privado, que não deixariam de penetrar em todos os sectores da vida soviética e de ser um elemento de corrupção e de dissolução, inclusive para o Estado e para o Partido. Naquela altura alguns terão pensado em dar razão a Rosa Luxembourg: *“A reforma agrária de Lenine criou no campo uma nova e poderosa classe de inimigos para o socialismo, inimigos cuja resistência pode ser muito mais perigosa e obstinada do que foi a dos grandes terratenentes aristocratas”*.²⁶

Veremos que Lenine, sem pôr em discussão a reforma, disse mais ou menos o mesmo dos camponeses. O campesinato russo, pouco interessado nas experiências socialistas, iletrado na sua maioria, e, além disso, muito mau produtor, constituía uma massa de cem milhões de pessoas em cujo seio se incubava constantemente um certo espírito de rebelião, o da *pugatchevchtchina* ou sublevação popular, que com frequência havia perturbado a tranquilidade dos czares. A NEP tinha a vantagem de conceder a liberdade de comércio, mas parecia aumentar os inconvenientes políticos da divisão que a reforma havia provocado; não fazia outra coisa senão ligar um pouco mais os camponeses à economia capitalista e separá-los dos princípios colectivistas do Partido. Mas havia algo ainda pior. A NEP encaminhava-se para a restauração da classe capitalista, homens de negócios, comerciantes, industriais, novos ou antigos. Assim, a revolução não só continuava a decepcionar os proletários,²⁷ como ia proporcionar ao campesinato um foco antibolchevique e os chefes necessários à rebelião no caso de qualquer conflito com o Estado desgostar os camponeses. Ninguém deixava de considerar o perigo e supunha ver o campesinato inclinar-se para o lado dos *nepmany*, a nova burguesia, e dos quadros burgueses tradicionais ainda hostis ao regime, eventualmente ajudados pelos países capitalistas estrangeiros, que continuavam a gozar de uma esmagadora superioridade económica

26) Rosa Luxembourg, *La Révolution russe*, Paris, Cahiers Spartacus, Maio de 1948, pág. 22.

27) Lenine confirmará publicamente em 1921 que até então tinham sido os camponeses, e não os operários – estes a suportar a carga mais pesada – quem se havia aproveitado mais da revolução. Veja-se *Sotch.*, t. 44, pág. 46. Isso ia ser ainda mais certo um ano depois.

e militar. A NEP fazia pensar numa autêntica mina situada sob o edifício ainda mal consolidado do novo regime.²⁸ Quer o tenha admitido ou refutado em público, Lenine não estava menos aborrecido do que outros militantes com a perspectiva destas ameaças. A NEP era uma aposta que não estava ganha de antemão. Todos continuavam a perguntar-se como Lenine: “*Kto kovo?*”, “*Quem a ganhará?*”, e desta vez na frente interna.

Durante este tempo, com a esperança de chegar por fim a uma fase de construção pacífica, os bolcheviques fazem um esforço considerável. O período que vai desde Março de 1921, implantação da NEP, até à aparição das primeiras luzes prometedoras com a boa colheita de 1922 e um certo apaziguamento do campesinato, foi aquele em que se aplicou com maior intensidade métodos de gestão e remédios aos fracassos registados, mas foi igualmente um tempo de grande confusão teórica entre os militantes. Muitos dos dogmas e conceitos anteriormente admitidos explodiram sob a pressão dos factos. Era preciso reposicionar a questão capital do próprio carácter da revolução de Outubro. Lenine não escapa à confusão; reconhece-a ao mesmo tempo que é vítima dela. Em Agosto de 1921 escreve que a revolução havia sido democrático-burguesa entre Novembro de 1917 e 5 de Janeiro de 1918, e que então havia começado a etapa socialista, com a instauração da democracia proletária. Mas no mesmo texto transparece outra divisão em períodos, próxima da adoptada no Outono de 1918. A etapa socialista teria sido alcançada quando o movimento do comité dos indigentes, ou *kombedy*, havia levado a luta de classes ao campo, contra os *kulaks*. Contudo, é útil recordar que os *kombedy* foram suprimidos em finais do ano 1918.²⁹ Dois meses depois do artigo citado, em Outubro de 1921, aparece ainda uma nova divisão em períodos. A etapa democrático-burguesa da revolução não teria terminado até 1921. E um pouco mais adiante, encontramos uma versão ligeiramente distinta: a Revolução de Outubro havia sido plenamente uma revolução proletária, mas teria cumprido “de passagem” as tarefas de uma revolução democrático-burguesa.³⁰ Na realidade, estas incertezas não são tão surpreendentes como parecem; só os resultados a longo prazo dos acontecimentos de Outubro iam permitir revelar o seu verdadeiro carácter. Outro ponto: como justificar teoricamente a NEP, que definição estratégica podia dar-se? Tratava-se de uma “reti-

28) *Veja-se capítulo 1, nota 20.*

29) *O texto de Agosto de 1921 está reproduzido em Soth., t. 44, págs. 101-102. Lenine declarou a 6 de Novembro de 1918 no Congresso dos Sovietes: “A Revolução de Outubro das cidades só se converteu numa autêntica Revolução de Outubro para o campo no Outono de 1918”. Soth., t. 37, pág. 144.*

30) *Soth., t. 44, págs. 102, 145, 147.*

rada” em relação ao período precedente – e, em tal caso, não se renunciava aos objetivos nem aos métodos do comunismo de guerra, que se consideravam como muito prematuros – ou ter-se-ia retomado, pelo contrário, a linha mais justa adoptada na Primavera de 1918? E, deste último ponto de vista, o comunismo de guerra não era mais que uma política de circunstância amplamente errônea.³¹ Lenine não opta com clareza por uma ou outra destas duas ideias mas, no seu último discurso, voltará à de uma “retirada”, de um retrocesso para melhor dar um salto em frente.³²

Tudo isto não proporcionava uma explicação suficiente da NEP. Longo período de transição, a NEP devia ser necessariamente primeiro uma retirada estratégica, depois um retomar da marcha em frente. Lenine tentou pôr um pouco de ordem em toda esta confusão enunciando a teoria do “capitalismo de Estado”, formulada no seu folheto “Sobre o imposto em espécie”, por ocasião do lançamento da NEP. Este conceito, utilizado já depois da revolução de Fevereiro e também em princípios de 1918, inspirava-se na experiência da economia alemã de guerra, fortemente estatizada e estritamente controlada. No marco da economia soviética existia, contudo, uma diferença substancial: o Estado não era capitalista mas proletário, e ocupava directamente importantes posições económicas.

Lenine empregou o termo de “capitalismo de Estado” porque requeria a colaboração do capitalismo russo e sobretudo do grande capital estrangeiro; pensava que Rússia tinha necessidade de um longo período de desenvolvimento capitalista para assimilar os métodos de organização, os conhecimentos técnicos, e para adquirir os capitais e os meios intelectuais que o Estado operário ainda não possuía. Este, evidentemente, devia manter-se sempre alerta e inventar os métodos de fiscalização e de controle necessários. Lenine esperava, pois, construir o socialismo “com mãos estrangeiras”, crendo que estas não deixariam de apreciar o interesse do tributo que poderiam obter nesta ocasião. Outra singularidade desta teoria contribuiu para que outros responsáveis, e entre eles Preobrajensky, Bukharine e Trotsky, a acolhessem com críticas ou reservas. Segundo Lenine, o principal inimigo do Estado já não era naquele momento o grande capital, mas o sector pequeno-burguês, anárquico, dividido, que desafiava toda a planificação e disciplina estatal. Em si mesmo, o grande capital apresentava qualidades úteis ao progresso, como a capacidade de organizar em grande escala, a tendência para

31) Veja-se CARIZ, *The Bolshevik Revolution*, t. 2, págs. 273-278.

32) *Sotch.*, t. 45, pág. 310 e mais adiante.

planificar e o sentido da disciplina. Esta era a razão pela qual o Estado operário tivera que pactuar com ele para combater a influência perniciosa da pequena burguesia vacilante. Lenine disse: “O Estado proletário deve formar um bloco ou aliança com o capitalismo de Estado contra a anarquia pequeno-burguesa”. E, num texto anterior do mesmo ano, cita uma opinião expressa já em 1918: “a anarquia pequeno-burguesa é entre nós o principal inimigo do socialismo”.³³

Contudo, é preciso compreender que a pequena burguesia em questão não é outra coisa senão o campesinato. Em que ficava, pois, o imperativo estratégico, considerado também fundamental, de uma aliança com o campesinato, tal como a expressavam os slogans? No curso da história, Staline ia resolver esta profunda contradição com os métodos que lhe eram familiares. Lenine propunha outros, mas não os pôde aplicar.

De imediato, a teoria ambígua do capitalismo de Estado ia conhecer uma sorte curiosa. Foi concebida para preencher simultaneamente várias funções: primeiro, dissipar toda a ilusão sobre o pretendido carácter socialista da sociedade soviética, e, a seguir, formular em termos marxistas a natureza do período de transição por que passava a Rússia e definir de que forma o desenvolvimento deste período levaria o país ao socialismo, cujas condições prévias não estavam reunidas naquele momento. A noção de capitalismo de Estado, considerada como a forma política e social mais perfeita do capitalismo, e, portanto, a que precedia directamente o socialismo, poderia cumprir estas funções de clarificação e de explicação, sempre que a teoria se confirmasse nas condições específicas da Rússia. Mas teve que abandonar-se dois anos depois, rebatida pelos factos. Lenine, ao não obter a colaboração do grande capital, buscou a do campesinato. Voltaremos a esta questão; basta constatar que, no momento, a NEP revelava-se benéfica para a vida económica do país; parecia abrir-se um período de edificação pacífica, ainda que ninguém soubesse com exactidão quanto tempo poderia durar. Lenine, sem pronunciar-se firmemente, parecia admitir que, nas condições de um cerco capitalista, não seria “evidentemente por longo tempo”.³⁴

Para ter êxito nesta empresa, era preciso reorganizar, sobretudo no plano concreto. Numa situação assim, totalmente nova, faltavam as estruturas de referência, a experiência e toda a base científica para a elaboração dos programas de acção. Primeiro mal a curar, o que se denun-

33) *Sotch.*, t. 44, pág. 108 e t. 43, pág. 206.

34) *Ibid.*, pág. 4. *Veja-se pág. 21. Contudo, mostra-se mais optimista noutras passagens.*

ciava com mais frequência, o da burocracia. Lenine confessa: “*Não sabemos como actuar*”.³⁵ Durante certo tempo julgou que a iniciativa partiria das províncias. Parecia-lhe mais fácil experimentar e apreender os procedimentos de uma boa gestão em unidades administrativas limitadas, já que “*o mal da democracia se concentra naturalmente no coração*”. Mas, perante os factos, Lenine depressa mudou de parecer e, sem deixar de denunciar Moscovo como a capital das nefastas rotinas burocráticas, arremetia também contra as influências locais, obscurantistas e corruptoras, e os exemplos de ajustes de contas que elas facilitavam.³⁶ Para tanto era preciso acudir de novo aos operários mais avançados, à elite proletária, ou melhor, ao Partido. Graças ao apoio de que este gozava por parte de uma fracção dos operários e camponeses pobres, poderia começar-se de novo sobre novas bases, aproveitando a neutralidade do conjunto do campesinato satisfeito com a NEP. Devia dotar-se a elite de noções teóricas claras e de ampla jurisdição governativa. Caso necessário, devia-se sobretudo poder empregar o terror a fim de “*organizar a coacção no interesse dos trabalhadores*”,³⁷ segundo uma antiga fórmula de 1917.

Pelo momento não existia a primeira arma da elite, isto é, um programa claro de acção. No seu último discurso, Lenine pergunta: “*Como reorganizar?*”, e responde: “*Ainda não o sabemos*”. A outra arma, à qual se podia recorrer sempre, também devia ser adaptada a um período de reconstrução pacífica e de economia de mercado. Lenine começa a reorganizar a Tcheka e a diminuir as suas prerrogativas. Ficava então por resolver o problema mais amplo: Como preservar a pureza da elite detentora de um poder absoluto? Onde encontrar garantias contra a sua eventual corruptibilidade?

35) *Sotch.*, t. 43, pág. 234.

36) *Sotch.*, t. 45, págs. 197-201.

37) *Fórmula empregue a 21 de Novembro de 1917.otch.*, t. 35, pág. 110.

CAPÍTULO III

O ECLIPSE DE LENINE

A formidável máquina administrativa criada no curso da guerra civil foi um factor decisivo da vitória bolchevique. Lenine, apesar de dedicar-lhe as críticas mais amargas, não deixava de constatar este êxito. Declara que a vitória no decurso dos anos 1917-1921 só havia sido alcançada graças à criação do aparelho bélico e estatal. Acrescenta inclusive que “constituiu uma grande e exaltante obra”.³⁸ Mas, na Rússia, a história avança depressa e anda-se de crise em crise; um factor favorável converte-se rapidamente numa maldição e produz amargos frutos. As consequências da guerra fizeram-se sentir também no pessoal dirigente do Partido. Aparece de súbito um tipo específico de dirigentes, que ocupa em exclusivo os escalões da hierarquia. Tinham de saber ser rudes, tinham de ser bons organizadores, tinham de mostrar-se capazes de utilizar sem excessivos escrúpulos os enormes poderes que lhes conferia a ditadura em tempo de guerra, já que o que se lhes pedia era vencer a todo o custo, e não se lhes exigia raciocinar ou duvidar.

O fim da guerra não se sentiu de imediato como um afrouxar da tensão. A consciência de que começava uma época nova só apareceria no decurso dos dois anos seguintes. A implantação da NEP apresentou-se como uma medida de urgência para evitar a catástrofe. O funcionamento da máquina governamental ia prosseguir, pois, de forma natural, durante algum tempo, na esteira do passado. O facto de a proibição das fracções só ter surgido depois da guerra civil demonstra que a psicologia continuava a ser a de uma luta pela existência. Alguns homens abandonam então o Secretariado do Comité Central. Entre eles encontram-se os três secretários Krestinsky, Preobrajensky e Serebriakov, todos futuros opositores de esquerda e futuras vítimas das purgas estalinistas. E, de forma significativa, Kaganovitch, Uglanov, Jaroslavsky e Molotov chegam aos escalões mais altos. Todos eles são futuros estalinistas; quase todos são da “raça” de homens de acção realistas e práticos.³⁹

38) *Sotch.*, t. 44, pág. 106.

39) *Depois de ter ajudado eficazmente Staline a combater a oposição de esquerda, Uglanov será, contudo, bukharinista em 1928.*

A comoção da guerra civil só deixou ao país, à parte o Partido, uma única estrutura resistente e bem articulada: o aparelho administrativo do Estado. Em qualquer outro ponto, é preciso reconstruir e reconsiderar. Mas a máquina administrativa e, agora mais que antes, a máquina do Partido prosseguem o seu caminho até ao endurecimento ditatorial. A princípio, o processo desenvolve-se sem dúvida de acordo com os desejos de Lenine mas, cada vez mais, aparecem tendências, ora nas suas costas, ora apesar dele, contra as quais está mal apetrechado, já que depois de três dolorosos anos de guerra, de lutas, de trabalho e de inquietude, Lenine cai enfermo.

Em finais do ano de 1921 encontra-se já muito afectado pela doença e vê-se obrigado a descansar várias semanas. No curso do primeiro semestre do ano seguinte, a sua capacidade de trabalho reduz-se constantemente. Depois, de repente, a 25 de Maio de 1922, sobrevém uma crise catastrófica: paralisias da mão e da perna direitas, e perturbação – ou inclusive perda – da capacidade de falar. A convalescença é longa e penosa. “*Compreendes*”, dirá mais tarde Lenine a Trotsky, *não podia falar nem escrever, era preciso aprender de novo.*”⁴⁰ A sua robusta constituição salva-o uma vez mais, mas só retoma o trabalho em 2 de Outubro, e não está de todo restabelecido. Os sintomas de fadiga e de mal-estar que revelava, as suas frequentes ausências das sessões de trabalho e a sua última crise não passaram inadvertidos aos membros do Sovnarkom e do Bureau Político. No círculo restrito dos dirigentes ter-se-ia colocado já sem dúvida o problema da sucessão. A reaparição pública de Lenine constituiu para ele uma prova.

Alfred Rosmer, que o viu aparecer na tribuna do IV Congresso da Internacional, a 13 de Novembro de 1922, dá o seu testemunho: “*Aqueles que o viram pela primeira vez disseram: «É o Lenine de sempre». Os outros não podiam iludir-se; em lugar do Lenine vigilante que haviam conhecido, o homem que tinham diante dos olhos havia ficado duramente marcado pela paralisia, os seus traços estavam como que congelados, o aspecto era o de um autómato; a fala habitual, simples, rápida, segura de si, tinha-se convertido num falar vacilante, aos tropeções. O camarada que lhe havia sido destinado ajudava-o mal, Radek afastou-o e substituí-o*”.⁴¹

O regresso à vida pública não foi de longa duração. A 13 de Dezembro, um novo ataque obriga Lenine a retirar-se, desta vez definitivamente. É, portanto, evidente que a sua participação nos assuntos do ano de 1922 é muito limitada. Isso constitui um facto importante para

40) TROTSKY, *Ma vie, Paris*, Livre de poche, 1966, pág. 547.

41) ALFRED ROSMER, *Moscou sous Lénine, Paris*, Pierre Horay, 1953, pág. 231.

compreender todo este período, que jogou um papel capital nos destinos da Rússia soviética. A máquina governamental criada sob Lenine, muito mais por causa das circunstâncias do que por uma vontade premeditada, continua a funcionar sem que ele quase participe. Os seus camaradas do Bureau Político acostumam-se a governar sós e adaptam-se a esta independência adquirida graças à ausência do “velho”. Mas a sua forma, o seu estilo de acção, continuavam a inspirar-se principalmente na experiência e na rotina anteriores.

Em princípios de 1922, Lenine aceitou e até sugeriu talvez a nomeação de Staline para o cargo de secretário-geral. Este posto não tinha ainda uma importância de primeiríssima ordem, mas adquiriu-a consideravelmente no decurso do ano, ante a surpresa quiçá do próprio Lenine, cuja ausência contribuiu muito para isso. Enquanto Lenine perdia capacidade de trabalho e a direcção dos assuntos se lhe escapava cada vez mais das mãos, Staline afirmava-se, adquiria soltura, segurança, muito com frequência em pugna com Lenine. Rodeou-se de homens da sua conveniência; durante a guerra civil já se havia constituído uma camarilha muito próxima dele. Alguns dos membros do Bureau Político nem sequer se davam conta. Este fenómeno tornou-se patente com o exame do assunto chamado “do comércio externo”, e mais ainda através dos meandros do conflito georgiano, duas ocasiões em que Lenine teve de lutar contra os seus companheiros de equipa, e que reflectem todos os problemas do regime no momento do eclipse do seu chefe supremo.

O problema do monopólio do comércio externo colocou-se com certa gravidade pelos finais de 1921, quando Milutin, delegado soviético nas negociações de Riga, prometeu a abolição deste monopólio⁴². Não se sabe quem lhe deu instruções neste sentido, mas é provável que a maioria dos chefes do Partido tentassem resolver este assunto dentro do espírito geral da NEP. Bukharine, Sokolnikov, Frumkin e outros, pondo em dúvida a capacidade do comissariado para o comércio externo de levar a bom termo os intercâmbios económicos internacionais e desejosos de desenvolvê-los com a maior celeridade, preconizavam ou a atenuação do rigor do monopólio, ou a sua abolição pura e simples. O próprio Staline era partidário de uma destas teses. Mas Lenine via nisso um erro capital, um golpe inadmissível nos interesses do país. Segundo ele, era não só imprudente, mas indubitavelmente nefasto permitir que os exportadores estrangeiros entrassem em contacto directo com os homens de negócios privados do interior, os *nepmany*, posto que nessas circunstâncias “os estrangeiros vão apoderar-se de tudo o que possua algum valor”.

42) *Sotch.*, t. 44, págs. 562-563.

Mas o argumento mais importante relacionava-se com a realidade social básica da Rússia, o campesinato. Sem dúvida, os contrabandistas infringiam de todas as formas o monopólio do comércio – os partidários da sua debilitação insistiam neste ponto –, mas, sempre segundo Lenine, tratava-se só de um punhado de especialistas, e seria algo completamente distinto “*ter que haver-se com todo o campesinato, que se defenderá como um só homem e se baterá contra o poder que tente privá-lo do seu próprio interesse*”.⁴³

Lenine acumulava provas para tentar convencer o Comité Central dos seus pontos de vista. Só a manutenção rígida do princípio do monopólio permitiria conjurar a debilidade económica do país. Era necessário considerar a capacidade do estrangeiro de oferecer preços de concorrência, sem falar das condições do mercado internacional, muito vantajosas em si mesmas para o produtor agrícola russo. A menor brecha aberta na defesa acabaria por destruir a débil indústria nacional e ajudaria a estabelecer uma aliança entre as forças do capitalismo internacional e os homens de negócios, por um lado, e o conjunto do campesinato russo, por outro, contra o poder dos soviets.

No mês de Março, os argumentos de Lenine pareciam triunfar, e o monopólio foi confirmado por meio de uma série de decretos, mas não passava de uma trégua. Lenine comprova com inquietação que os meios governamentais e do Comité Central não cessam de pôr esta questão em cima da mesa e de impugnar a solução adoptada, formulando constantemente novos projectos de modificações legislativas. Estas incessantes tergiversações prejudicavam de forma considerável as conversações dos delegados comerciais soviéticos com os meios comerciais estrangeiros. Krestinsky, então delegado em Berlim, assinala o facto a Lenine. Os estrangeiros, crendo que ia ser abolido o monopólio do comércio externo, preferiam provavelmente esperar a possibilidade de entrar em contacto com os comerciantes privados em vez de tratar com a incógnita que era então neste campo o governo soviético. Lenine, irritado, acaba por exigir, numa carta a Staline, que o princípio do monopólio seja reafirmado e que sejam proibidos todos os projectos em sentido contrário.⁴⁴ É talvez nesta ocasião que Lenine descobre que o *genssek* não está totalmente de acordo com ele e que lhe faz frente com uma firmeza crescente. À carta de Lenine, Staline responde o seguinte: “*Nesta etapa, não me oponho à*

43) *Carta secreta a Kamenev, de 3 de Maio de 1922, publicada pela primeira vez em 1959 (Sotch., t. 44, pág. 247). Veja-se igualmente a carta dirigida a Staline, a 13 de Outubro de 1922, publicada em 1950 (Sotch., t. 45, pág. 221).*

44) *Carta a Staline de 15 de Maio de 1922, desconhecida até 1959 (Sotch., t. 45, pág. 188).*

proibição formal das medidas que tendam a debilitar o monopólio do comércio externo. Creio, contudo, que a debilitação se revela inevitável".⁴⁵ As propostas de Lenine foram adoptadas pelo Bureau Político a 22 de Maio, mas, durante a sua prolongada ausência por causa da primeira paralisia, os adversários do monopólio conseguem, por fim, uma vitória. Alguns dias depois do regresso de Lenine às suas tarefas, na sessão do Comité Central de 6 de Outubro, são ratificadas pelo plenário as propostas de Sokolnikov, tendentes a introduzir notáveis derrogações no monopólio estatal. Lenine, indisposto, estava ausente da sessão, e considerou esta decisão um golpe pelas costas. Segundo o seu costume, lançou-se à batalha para exigir que o Comité Central revisse a decisão, e começou a preparar o terreno para retaliar na próxima sessão plenária.

Era necessário primeiro conseguir o acordo do Comité Central para que a questão figurasse de novo na próxima ordem do dia. Para obter os seus fins, Lenine envia cartas e mais cartas aos membros do Bureau Político, aos tchekistas, aos membros do Comité Central, e aos altos funcionários, reúne-se com Staline e outras personalidades, busca apoios activamente, e com frequência de forma discreta, entre os membros mais importantes do governo. Desde o seu regresso ao trabalho, esta actividade ocupa-lhe a maior parte do tempo. Facto significativo: a 11 de Outubro convida Trotsky a conferenciar com ele, especialmente sobre este problema. Dois dias mais tarde envia uma carta urgente ao Bureau Político em que exige em termos categóricos a revisão da decisão. O Bureau vê-se obrigado a ceder algum terreno: decide pôr à votação do Comité Central a exigência de Lenine. Uma vez mais, Staline acrescenta uma nota à carta de Lenine: "*A carta do camarada Lenine não me fez mudar de opinião quanto ao acertado da decisão do plenário [...] no que respeita ao comércio externo*".⁴⁶ Contudo, no fim cede e, como a maioria dos tchekistas, dá a sua conformidade para um novo exame da questão, "*vista a insistência do camarada Lenine*". A maioria do Comité Central atende, pois, o pedido premente de Lenine, que, enquanto espera pela sessão, manobra para mobilizar os seus adeptos e para "trabalhar" os membros do Comité Central, mas o seu estado de saúde agrava-se e ele sabe que não poderá assistir a este plenário. Consciente de que Trotsky é também um defensor do monopólio, a 12 de Dezembro propõe-lhe fazerem causa comum. Trotsky respondeu logo, mas aproveitou esta ocasião para expor a sua antiga ideia de reforçar o papel do Gosplan, especialmente na regu-

8) *Ibid.*, pág. 548.

9) Citado por FOTIEVA, *Iz vospominanij o Lenine, Moscovo, 1964, págs. 28-29. A carta está reproduzida no anexo IV.*

lação do comércio externo. Lenine preferiu adiar esta segunda questão e contentou-se com dar a entender que estava disposto a fazer concessões.

Conseguido um acordo de princípio sobre o essencial, Lenine insistiu, em termos cada vez mais cordiais, que Trotsky se encarregasse da defesa da sua tese comum, quaisquer que fossem as suas divergências com respeito ao Gosplan: *“Em qualquer caso, peço-te que no próximo plenário tomes a teu cargo a defesa do nosso comum ponto de vista”*.⁴⁷ De 12 a 15 de Dezembro, os dois homens trocam uma abundante correspondência, assim como com alguns altos funcionários adeptos da tese de Lenine, o qual, não esqueçamos, se dispõe a deixar de lado as suas ocupações. Em caso de fracasso, fica combinada uma tática: voltar-se-á à carga perante a fracção comunista do próximo congresso dos Sovietes e, mais tarde, perante o congresso do Partido.

A 15 de Dezembro, Lenine expõe as suas conclusões: *“Camarada Trotsky, creio que chegámos a um acordo em tudo; peço-te que anuncies ao plenário a nossa solidariedade”*. Num post-scriptum acrescenta que rechaça com firmeza qualquer tentativa de tergiversar e de adiar o debate com o pretexto da sua doença e à espera de ele mesmo participar na discussão. *“O adiamento, que torna totalmente instável a nossa política num dos campos vitais, preocupa-me dez mil vezes mais.”*⁴⁸ No mesmo dia, numa carta dirigida a Staline e aos outros membros do Comité Central, anuncia que tomou as disposições necessárias para retirar-se, mas – e isso deve ter causado sensação entre os tchekistas – também declara: *“Concluí um acordo com Trotsky sobre a defesa das minhas opiniões a respeito do monopólio do comércio externo”*.⁴⁹

Tanto no Comité Central como no Bureau Político, o problema da sucessão preocupava secretamente os dirigentes. Trotsky, que acabava de ganhar pontos graças a Lenine, só conseguiu suscitar uma maior hostilidade entre os antigos companheiros deste na emigração ou os antigos militantes clandestinos do interior. Os “velhos”, aos olhos dos quais Trotsky não passava de um intruso arrogante e insuportável, cer-

47) A primeira carta de Lenine a Trotsky a propósito do monopólio foi escrita a 12 de Dezembro. Trotsky respondeu no mesmo dia. No dia seguinte, Lenine escreve-lhe de novo fazendo constar o seu acordo quanto ao monopólio, mas demonstrando as suas dúvidas no que respeita ao problema do Gosplan. Estas cartas foram publicadas por Trotsky em *La Révolution défigurée (De la Révolution, Paris, Les Editions de Minuit, 1963)*, págs. 155-158. Esta correspondência está publicada actualmente em *Sotchinenija*, tomos 45 e 54, excepto uma carta que figura no texto de Trotsky.

48) *Sotch.*, t. 54, págs. 325-326.

49) *Sotch.*, t. 45, pág. 338.

raram fileiras depois da carta de Lenine. No decurso dessas jornadas começaram a aparecer os perfis do futuro triunvirato Staline, Kamenev, Zinoviev, fundado apenas na aversão que sentiam por Trotsky e no desejo de barrar-lhe o caminho para o poder.⁵⁰ Lenine, na realidade, tinha ido ainda mais longe noutra post-scriptum da sua carta, onde reafirmava a sua oposição a qualquer adiamento, seguro como estava, dizia, de *“que Trotsky defenderia as suas opiniões tão bem como ele próprio o faria”*.⁵¹ Tais palavras só podiam aumentar a tensão e fazer crescer a desconfiança e as invejas no seio do Bureau Político.

A 18 de Dezembro, o Comité Central, reunido em sessão plenária, anulava o seu acordo precedente, que tantos trabalhos e inquietudes havia custado a Lenine. Staline havia cedido em toda a linha. Já então, era este o seu procedimento preferido quando se sentia em posição de inferioridade. Lenine, já de cama, satisfeito com o êxito conseguido, felicitou calorosamente Trotsky: *“Dir-se-ia que a fortaleza foi tomada sem risco, por meio de uma simples manobra; proponho não determo-nos aí e prosseguir a ofensiva”*.⁵² Mais adiante poderão ver-se as consequências desta carta, que fez perder os estribos a Staline. De momento, limitemo-nos a extrair algumas conclusões desta *“batalha do monopólio”*.

Pode concluir-se em primeiro lugar que, se bem que Lenine previsse uma longa duração da NEP, não estava por isso menos consciente dos perigos que fazia gravitar sobre o regime. A aliança com o campesinato não podia obter-se sem fazer-lhe concessões, mas, por outro lado, não se podiam fazer concessões sem manter certos ferrolhos de segurança. Portanto, nada de liberdade para o comércio externo. Esta liberdade privaria o poder de todos os meios de controlar os preços e o produtor camponês. Tão-pouco havia necessidade de dar liberdade política ao campesinato: *“Sem capitalismo, o campesinato não pode viver nem produzir, enquanto o pode fazer, isso sim, dizemos nós, sem escutar a propaganda dos socialistas revolucionários e dos mencheviques”*. Lenine neste campo não quer enganar ninguém nem praticar demagogia. *“Não prometemos liberdade nem prometemos democracia”*. Veja-se que esta denegação é provisória: *“Com efeito, não serão concedidas liberdades enquanto não estejamos definitivamente garantidos contra os ataques da burguesia”*.⁵³

50) Não podemos estudar aqui as relações entre Trotsky e os outros membros do Bureau Político durante a doença de Lenine. Podem ler-se os capítulos que fazem referência a isso em DEUTSCHER, *Le Prophète désarmé*; CARR, *The Interregnum, 1923-1924*, e DANIELS, *The Conscience of the Revolution*. Harvard University Press, 1960.

51) *Sotch.*, t. 45, pág. 339.

52) *Sotch.*, t. 54, pág. 327-328.

53) *Sotch.*, t. 45, pág. 120 e t. 44, pág. 54.

Segundo ponto que o estudo do assunto do comércio externo nos permitiu esclarecer: qual era a natureza da direcção leninista? Vê-se claramente que as opiniões e os projectos de Lenine não são adoptados automaticamente; vê-se obrigado com frequência a lutar contra outros membros da Direcção, que nesta época continua a ser autenticamente colectiva, apesar da posição proeminente que Lenine ocupa nela: os outros membros do Bureau Político em primeiro lugar, mas também outros tchekistas, podem fazer prevalecer as suas opiniões e lutar para obter a maioria. Lenine, tal como os outros, deve, em caso de litígio, buscar apoios, manobrar e persuadir, para que as suas propostas sejam aceites, sem que tenha assegurado por antecipação o êxito final. Graças ao seu imenso prestígio, à sua capacidade táctica e ao seu poder persuasivo, triunfava, é verdade, na maioria dos casos em que estavam em jogo problemas de princípio.

Quando é necessário, Lenine chega inclusive a organizar os partidários de sua tese de uma forma que poderia tachar-se de fraccionista, se alguém tivesse ousado brandir contra ele semelhante acusação. Contudo, os métodos utilizados teriam parecido inteiramente correntes num contexto distinto daquele em que estavam proibidas as fracções. Diz-se com frequência que Lenine era o “senhor da Rússia”. É indispensável acentuar que não era um ditador dentro do Partido, mas um chefe. A sua direcção era incontestável e incontestada, mas exigia dele um constante esforço de pensamento e de organização; devia actuar como se tivesse que reafirmá-la e reconquistá-la todos os dias.

Um ano de doença não lhe faz, certamente, perder o prestígio, mas debilita o seu domínio real sobre os assuntos. Opor-se a Lenine converte-se num meio de afirmar-se, meio de que Staline não se priva no decurso do ano em questão. Na realidade, utiliza-o com muita mais frequência do que julgávamos antes de algumas recentes revelações soviéticas. Dá-se o caso em que Lenine é minoritário em alguma questão que julga primordial, busca a ajuda de Trotsky contra Staline e outros chefes; e é a ele que se dirige quando se encontra em algum apuro. O segundo conflito que vamos examinar ilustra ainda melhor estes fenómenos.

CAPÍTULO IV

STALIN, TROTSKY E OS GEORGIANOS

Nos anos 1920-1921, as relações entre as seis repúblicas nacionais (Ucrânia, Bielorrússia, Geórgia, Azerbaijão, Arménia e Federação Russa - RSFSR), ainda sem estarem definidas com clareza, estavam reguladas por uma série de tratados bilaterais entre a Federação Russa e cada uma das outras cinco repúblicas. Em virtude destes tratados, tinha-se estabelecido uma colaboração nos campos da economia, defesa e política externa. Todos os governos das repúblicas possuíam uma estrutura paralela à do governo da Rússia. A direcção central do Estado exercia-se praticamente por meio dos Comitês Centrais dos Partidos de cada república, que dirigiam os governos locais, mas que estavam submetidos à autoridade do Comité Central e do Bureau Político com sede em Moscovo através dos laços de disciplina interna do Partido. Segundo factor de coesão que reforçava a segurança do regime: a centralização do exército, ainda que as repúblicas estivessem implicitamente autorizadas a dispor de unidades militares próprias. As três repúblicas caucasianas, que nos interessam aqui particularmente, só haviam passado a ser soviéticas no decorrer do ano de 1920, e só em 1921, no que respeita à Geórgia, depois da sua conquista pelo Exército Vermelho com a cumplicidade mais ou menos ampla dos comunistas locais e da população operária russa, preponderante nos centros industriais do país. Ordjonikidze havia sido ao mesmo tempo o responsável político e o chefe militar da frente caucasiana durante a guerra civil. Foi ele quem conquistou militarmente as repúblicas caucasianas para o regime soviético. Depois da guerra, Kavbjuro permaneceu lá e representou Moscovo na região, como chefe do Bureau caucasiano do Partido. Em 1921, Lenine, por razões de eficácia, pressiona Kavbjuro para que proceda à unificação económica das três repúblicas, sobretudo no que respeita às comunicações, os correios e o comércio externo, dentro do marco de uma Federação Transcaucasiana, em que a direcção regional do Partido será rebaptizada com o nome de Zakkrajkom. Ordjonikidze consagra-se com zelo a esta tarefa, na qual desenvolve toda a experiência adquirida e alguns dos métodos aprendidos no decurso da guerra civil e das conquistas. Contudo, ainda que ele próprio seja georgiano, choca com a oposição do Comité Central dos comunistas de Geórgia

que, embora aprovando a consolidação dos laços com a Rússia e o sistema soviético, velava pela salvaguarda dos atributos da independência nacional. Desejosos de obter apoio popular naquele Cáucaso onde os sentimentos nacionais e nacionalistas eram tenazes e haviam sido reavivados recentemente pela experiência da independência sob um governo menchevique que acabava de ser derrubado pela força, os comunistas georgianos, com uma valiosa equipa dirigente, afirmavam com mais força que qualquer outro grupo nacional do Partido o princípio da independência dentro do sistema soviético. Por outro lado, a oposição dos georgianos a Ordjonikidze exacerbou-se particularmente por causa das suas maneiras de procônsul, que fazia pouco caso das opiniões dos responsáveis locais. Opiniões tão resolutas e firmes, que Lenine teve de admitir em finais de 1921 que o projecto era prematuro e que era preciso preparar primeiro o terreno por meio de uma campanha de propaganda entre a população.⁵⁴ Intensificava-se o enfrentamento entre o representante do Comité Central de Moscovo, vigorosamente apoiado por Staline - cujo peso político aumentou graças às suas novas funções de *genssek* - e os tchekistas georgianos, já que estes também gozavam de um apoio, o do prestigioso Makharadze, até então partidário do Zakkrajkom. Makharadze era conhecido pelo seu internacionalismo, que em tempos o havia levado a combater o princípio da autodeterminação das nações tão caro a Lenine; não podia ser facilmente acusado de "desvio nacionalista", pecado que era então continuamente censurado aos georgianos por Staline e Ordjorákidze.

Os georgianos sabotavam quanto podiam as medidas adoptadas por Ordjonikidze para realizar a integração económica das três repúblicas. Colocaram guardas militares nas fronteiras da República da Geórgia, exigiram autorizações de residência, etc.⁵⁵ Enquanto Ordjonikidze se preparava para voltar à carga, os georgianos fizeram aprovar pelo seu comité militar revolucionário, e depois pelo congresso dos soviets da sua república, umas resoluções solenes sobre a inviolabilidade da sua independência nacional, cujo carácter anti-federacionista nem sequer estava dissimulado. Contudo, no mes mês de Março, Ordjonikidze, não fazendo caso da oposição georgiana e contando com os dirigentes mais dóceis da Arménia e do Azerbaijão, proclamou o projecto de constituição da Federação, projecto que, ao mesmo tempo que prometia a salvaguarda da soberania das repúblicas, anunciava a criação de um governo

54) *O problema nacional e as relações entre a Rússia Soviética e as Repúblicas do Cáucaso são tratados em detalhe por RICHARD PIPES, The Formation of the Soviet Union, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1964, capítulos 5 e 6.*

55) FOTIEVA, *op. cit.*, pág. 54.

federal. Aumentou ainda mais a tensão entre Staline e Ordjonikidze, por um lado, e os cekisttchekistas georgianos, por outro. Os representantes de Moscovo declaravam nos seus discursos que as tendências nacionalistas dos cekisttchekistas georgianos deviam ser “*queimadas com ferro em brasa*”.⁵⁶

Esta luta obstinada e cheia de peripécias prossieguiu ao longo do ano de 1922 e os seus ecos chegaram com frequência a Moscovo. Este assunto, o de mais gravidade mas não o único, originado pelo complicado ordenamento das relações entre as repúblicas, que se colocava num momento em que o Estado Soviético começava a entrar na arena internacional, incitou os dirigentes a normalizar e clarificar o conjunto do sistema de política nacional do país. A 10 de Agosto de 1922, o Bureau Político requereu ao Orgbiuro que constituísse uma comissão que preparasse, para a próxima sessão do Comité Central, um projecto de regulamento das relações da Federação Russa com as outras repúblicas. Lenine estava doente e controlava cada vez menos os assuntos. A pressa dos dirigentes era evidente, e é possível que inclusive tivessem uma ideia precisa das conclusões a que deviam chegar, posto que a comissão foi formada no dia seguinte ao da decisão do Bureau Político. A sua composição não deixa de ser interessante. Figuravam nela Staline, Kuybychev, Ordjonikidze, Rakovsky, Sokolnikov, e provavelmente também Molotov, que presidiu a uma das sessões, com os representantes centrais, e pelas repúblicas: Agamali-Ogly (Azerbaijão), Mjasnikov (Arménia), Mdivani (Geórgia), Petrovsky (Ucrânia) e Tcherviakov (Bielorrússia).⁵⁷

À cabeça da comissão encontrava-se, naturalmente, Staline, como comissário para as nacionalidades, cargo que conservaria ainda aproximadamente durante um ano, investido das suas funções de *gensek*, podendo influir então na composição das comissões constituídas pelo Bureau Político. Com efeito, vemos que os seus amigos políticos ocupam um lugar preponderante no seio da comissão. O próprio Staline redigiu, com mão de mestre, a resolução desta comissão relativa às relações mútuas entre a RSFSR e as repúblicas independentes, projecto chamado “de autonomização”, que previa a inclusão pura e simples destas “repúblicas independentes” na Federação Russa como “repúblicas autónomas”. O projecto estipulava, além disso, que o governo da República Russa, o seu VCIK (Comité Executivo Central) e o seu Sovnarkom constituiriam mais tarde o governo conjunto.⁵⁸

56) *Ibid.*

57) Segundo as notas do Instituto do Marxismo-Leninismo publicadas nas *Soichnenija*, págs. 556-560.

58) O anexo I reproduz o projecto de Staline.

O texto de Staline foi enviado aos Comitês Centrais do Partido das repúblicas; mereceu a aprovação do Azerbaijão e Arménia, dirigidos por homens incondicionais, mas nos restantes foi mal recebido. O Comité Central de Bielorrússia respondeu que preferia relações baseadas como até então em tratados bilaterais. Segundo as nossas fontes, a Ucrânia não teria tomado posição, mas não nos explicam porquê.⁵⁹ A resposta dos georgianos foi clara: estavam contra. A sessão do seu Comité Central de 15 de Setembro decidiu: *“A unificação proposta na base das teses do camarada Staline sob a forma de uma autonomização das repúblicas independentes deve considerar-se prematura. Pelo contrário, a unificação dos esforços económicos e da política comum deve considerar-se indispensável, mas salvaguardando todos os atributos da independência”*.⁶⁰ Esta resolução, tomada por unanimidade menos um voto, provocou uma réplica imediata de Ordjonikidze e do seu Zakkrajkom, que adoptou de imediato uma resolução favorável ao projecto de Staline e, ainda mais, utilizando a sua superioridade na hierarquia do Partido, ordenou ao Comité Central georgiano que se ajustasse às ordens de Staline e não tornasse públicas as suas divergências com Moscovo.⁶¹ Sempre segundo a mesma fonte, esta não era a primeira vez que se tentava pôr aos georgianos ante o facto consumado; já havia sucedido assim quando se decidiu invadir a Geórgia e acabar com o governo menchevique sem prevenir aos comunistas locais. No caso presente, inclusive antes dos seus projectos sobre a autonomização serem discutidos, Staline haveria teria telegrafado, segundo parece, a Mdivani o a 29 de Agosto de 1922 a anunciar-lhe que a partir de então as decisões das esferas governamentais superiores da RSFSR (CIK, Sovnarkom e STOSTO, o Conselho de Trabalho e de Defesa) tinham força obrigatória para todas as repúblicas. Uma iniciativa desta índole só podia tornar mais categórico o *niet* dos georgianos à totalidade do projecto.

A comissão se reuniu-se de novo a 24 e 25 de Setembro, uma vez registadas em Moscovo as reacções dos Comitês Centrais das repúblicas. A proposta de Staline foi aprovada globalmente. Houve uma única abstenção, a do delegado da Geórgia, Mdivani. A discussão parágrafo a parágrafo não ocasionou demasiadas dificuldades a Staline e Molotov, presidentes das sucessivas sessões. Só o segundo parágrafo, em que se estipulava que o governo da Federação Russa se converteria no governo do conjunto das Repúblicas, encontrou certa oposição: abstenção do delegado de Ucrânia, Petrovsky, e o voto contra de Mdivani. Na rea-

59) *Sotch.*, t. 45, pág. 556.

60) *Ibid.*

61) *PIPES*, *op. cit.*, págs. 271-272

lidade, este êxito era só aparente; o autêntico sentir dos delegados ia revelar-se por ocasião do exame dos problemas secundários. É provável que ninguém desejara desafiar aos representantes do Bureau Político e do Orgbiuro no perigoso terreno de uma questão de princípio. Mas, quando Petrovsky propôs que o projecto fosse submetido outra vez à discussão dos *ohkomy* –, os comités regionais do Partido nas repúblicas, – a sua emenda, que mal ocultava a vontade de adiar a decisão e quiçá enterrá-la, obteve quatro votos contra nove, entre os quais estava o de um “incondicional” de Moscovo, Agamaly-Ogly, que se havia juntado aos de Mdivani, Petrovsky e Tcherviakov, o que demonstra a verdadeira amplitude da oposição das repúblicas à autonomização; em seis, pelo menos quatro estavam contra, em diversos graus. Uma vez rechaçada a sua moção, Petrovsky exigiu que constasse na acta a menção de que a Ucrânia ainda não havia tomado posição sobre o projecto global. O jogo dos ucranianos era muito evidente: não ousavam ou não queriam ainda atacar de frente o texto de Staline – talvez desejassem sondar o terreno e conhecer primeiro a posição de Lenine e as relações de forças no seio do Bureau Político e do Comité Central –, mas, segundo o historiador nonorte-americano Pipes, a 3 de Outubro, uns dias depois das sessões da comissão, o seu Comité Central votou por manter relações com a RSFSR dentro das propostas da comissão Frunze, quer dizer, dentro do quadro da independência, do *statu quo*.

Entretanto, Lenine, convalescente mas vivamente interessado no problema, pediu a Staline informes sobre a marcha dos trabalhos da comissão. Obteve-os a 25 de Setembro; Staline deu-lhe a conhecer todo o processo. A reacção de Lenine não se fez esperar. Na carta que dirigiu no dia seguinte a Kamenev, o seu segundo no Sovnarkom, e não directamente a Staline, chamava a atenção deste último para a importância do assunto e pedia que lhe dedicasse uma profunda reflexão. Lenine não se sente alarmado pelos acontecimentos concretos, nem pelos métodos empregues para a execução, já iniciada, do projecto. O conflito georgiano não lhe interessa ainda quanto a esse aspecto e, a pesar das suas frequentes conversações com todos os protagonistas do assunto, prevalece a impressão de que continuava a fiar-se nas informações proporcionadas por Staline e o seu amigo Ordjonikidze. Mas há provas adicionais da sua preocupação no mês seguinte. Numa carta, Lenine fala de Mdivani como de alguém “*que suspeita que é um nezavisimest*”, quer dizer, um nacionalista, em sentido pejorativo, mas não assume formalmente esta acusação, e, por outro lado, considera Staline “*algo precipitado*”⁶². Portanto, é por

62) A carta de Lenine está reproduzida no anexo 11.

razões de princípio e não de facto que Lenine se vê impellido a rechaçar o projecto de autonomização e a propor uma solução diferente. É preciso chegar, disse, a *“uma Federação de Repúblicas com igualdade de direitos”*. Para melhor garantir esta igualdade, corta do projecto de Staline o parágrafo relativo à adesão das repúblicas à RSFSR, e no seu lugar preconiza *“uma unificação formal conjuntamente com a RSFSR, dentro de uma União de Repúblicas Soviéticas da Europa e Ásia”*.

O gobiogoverno russo não será o governo da União. Lenine propõe a criação de um Comité Executivo Federal da União de Repúblicas Soviéticas, assim como de um Sovnarkom federal, órgão novo, que englobe também o governo particular da Rússia. Assim nasce o projecto que em breve se vai denominar URSS. Depois da sua carta a Kamenev, que devia ser comunicada também aos outros membros do Bureau Político, Lenine, desde a sua casa de campo de Gorki, vai seguir atentamente o sucesivo desenvolvimento da questão. A 29 de Setembro, recebe Ordjonikidze, e no dia seguinte reúne-se com os tchekistas georgianos: Okudjava, Dumbadze e Minadze, enviados pelos georgianos a Moscovo para opor-se a Staline. É provável que Lenine tivesse que decepcioná-los, mas ao menos os escutou-os.

Durante este tempo, Staline comporta-se efectivamente como um homem com pressa. Seguro da razão do seu ponto de vista e decidido a estabelecer um facto consumado, comunica, sem esperar a opinião de Lenine, os resultados dos trabalhos da comissão a todos os membros do Comité Central, como material da sua próxima sessão, que devia lugar a 6 de Outubro. A carta de Lenine que continha um projecto de união das Repúblicas Soviéticas da Europa e Ásia não era aos seus olhos mais que uma ingerência do “velho” num campo em que ele, comissário para as Nacionalidades, havia adquirido uma sólida reputação que garantia a marcha sem tropeços dos assuntos da sua incumbência, que os georgianos não podiam ter a pretensão de perturbar de forma duradoura. A intervenção de Lenine irritou Staline, mas não o impressionou. Provavelmente por ocasião de uma das sessões do Bureau Político, Staline e Kamenev intercambiaram duas breves notas referentes ao memorando de Lenine.

Nota de Kamenev: *“Ilitch pega em armas para defender a independência”*.

Resposta de Staline: *“Creio que há que mostrar-se firmes contra Lenine”*.⁶³

63) V. I. Lenine. *Biografia*, Moscovo, 1963, pág. 611.

Essa era agora a sua atitude, deixando de lado a sua habitual prudência. Ao comunicar o texto de Lenine aos membros do Bureau Político, agregou ao mesmo uma carta, de 27 de Setembro, em que não ocultava a sua opinião e acusava claramente o chefe do Sovnarkom de um *“liberalismo nacional”* que não deixaria de estimular os separatistas. Citemos um extracto desta carta, da que qual possuímos uma parte:

“Parágrafo 2. A modificação trazida por Lenine ao parágrafo 2, em que propõe a criação de um Comité Executivo Central da Federação, paralelo ao da RSFSR, é a meu entender inaceitável. A coexistência dos Comités Centrais Executivos em Moscovo, dos quais um será sem dúvida a Câmara Alta e o outro a Câmara Baixa, originará atritos e conflitos. [...]

Parágrafo 4. A propósito do parágrafo 4, o camarada Lenine, em meu entender, «precipitou-se um pouco» ao reclamar a fusão dos comissariados de finanças, abastecimento, trabalho e economia pública com os comissariados federativos. Apenas subsiste a dúvida de que esta precipitação sirva aos «independentes» em detrimento do liberalismo nacional de Lenine.

Parágrafo 5. A modificação do parágrafo 5 solicitada por Lenine é, em meu entender, supérflua.”⁶⁴

Staline devolve a Lenine golpe por golpe, não sem cair na ligeireza e na demagogia. A acusação, bastante moderada no conjunto, é-lhe devolvida, e Staline acrescenta uma reprovação de princípio com este *“liberalismo nacional”* de que o acusa. Mas não se detém aí; em previsão dos contra-ataques de Lenine, declara-o culpado de um centralismo precoce que é exactamente o contrário do pretendido *“liberalismo nacional”*. Staline, em certo sentido, revela-se por inteiro nesta carta. Pela sua maneira de argumentar, comprova-se que, para ele, a tática se antepõe a qualquer outra consideração. Assim, já não julgou necessário defender mais opiniões que, contudo, havia exposto antes em tom muito taxativo. Compreendendo que teria minoria no Comité Central, cedeu em toda a linha e transformou o seu projecto de autonomização num projecto de união, no sentido das emendas de Lenine. O novo texto, assinado com os nomes de Staline, Molotov, Ordjonikidze e Miasnikov, foi enviado aos membros do Comité Central sem assinalar as diferenças que havia com respeito ao anterior. Os redactores do volume 45 das *Obras de Lenine* dizem que estas diferenças *“foram escamoteadas”*. A introdução ao novo projecto assumia com toda a tranquilidade que se tratava apenas de uma

64) Esta carta é reproduzida por Trotsky na *Révolution défigurée (De la Révolution, págs. 160-161)*. O Instituto do Marxismo-Leninismo não a reproduz, mas confirma a sua existência e as acusações de Staline contra o *“liberalismo nacional”* de Lenine.

*“formulação ligeiramente modificada, mais precisa” que a do Orghiuro, a qual havia sido “corrigida em princípio e é plenamente aceitável”.*⁶⁵

Ignoramos se Lenine leu a carta de censura de Staline e o preâmbulo do projecto refundido pelo *gensek*. Tão-pouco participou na sessão do Comité Central que, a 6 de Outubro, ratificou a nova versão. Mas, dado curioso, movido por um impulso cuja razão imediata ignoramos, no dia da sessão fez passar a Kamenev uma pequena nota que só seria tornada pública quinze anos depois. Não sem certo humor, Lenine exclama:

“Camarada Kamenev! Eu declaro guerra, não uma pequena guerra mas uma guerra a de morte, ao chauvinismo grão-russo. Quando me tiver livrado do meu maldito dente, devorá-lo-ei com todos os meus dentes sãos. É absolutamente preciso que

um russo

um ucraniano

um georgiano, etc.

presidam por turnos ao CIK da União.

Absolutamente!

*Teu Lenine.”*⁶⁶

Graças à autoridade de Lenine, cujas concepções pareciam ser aceites por todo o mundo, o Comité Central adoptou o projecto globalmente e confiou a uma nova comissão a tarefa de elaborá-lo com mais detalhe para a próxima sessão. Mdivani, presente naquela sessão, não se opôs ao projecto, mas exigiu que a Geórgia, à semelhança da Ucrânia e da Bielorrússia, fosse admitida na União como membro independente e não através de uma Federação da Transcaucasia que Ordjonikidze e Staline continuavam a preconizar. O Comité continuou sem perguntar-se que sentido teria a Federação Transcaucasiana no âmbito do novo projecto. Na realidade, era a prossecução de uma vingança pessoal em que Staline e Ordjonikidze haviam comprometido todo o seu prestígio. Para estes dois georgianos, se tratava-se de fazer prevalecer a sua razão sobre a razão de outros georgianos, e o silêncio de Lenine sobre este ponto não podia deixar de alentá-los. Os georgianos protestaram uma vez mais perante Moscovo contra a Federação Transcaucasiana. Valeu-lhes isso uma dura resposta de Staline, em que afirmava que o Comité Central havia rechaçado o seu protesto por unanimidade.⁶⁷ Surgiu então uma nova onda de protestos mais violentos sob a forma de reuniões clandestinas

65) *Sotch.*, t. 45, pág. 559. O texto das resoluções finais está reproduzido no anexo III.

66) *Ibid.* pág. 214.

67) *PIPES*, *op. cit.*, pág. 274.

tinhas e inclusive públicas, no curso das quais os georgianos não cessaram de proclamar e reafirmar a sua independência.

Ordjonikidze começou a empregar recursos extremos. Com a caução do Secretariado de Moscovo, a que recorria constantemente, afastou da Geórgia os partidários do Comité Central desta república, ordenando-lhes por via disciplinar que abandonassem a região e se pusessem à disposição do Comité Central de Moscovo.⁶⁸ Quando, ao regressarem da capital - onde o assunto tivera o seu desenvolvimento por conta do Comité Central georgiano - os três emissários enviados por esta república apresentaram o seu informe, o Comité Central georgiano, por grande maioria, confirmou a exigência de aderir de forma directa à União. Ao mesmo tempo, Makharadze e Tsintsadze enviavam cartas pessoais a Bukharine e a Kamenev, esperando bloquear desta forma a acção de Staline. Não tardaram a ver defraudadas as suas esperanças: os seus dois novos interlocutores falavam a mesma linguagem que o Secretariado; responderam com novas acusações de nacionalismo e insistiram na necessidade de submeter-se à disciplina. Uma decepção mais amarga ainda esperava os georgianos. Quando Bukharine transmitiu as suas exigências a Lenine, este, que ainda não via contradição alguma entre os seus princípios "unionistas", a sua resolução de combater o chauvinismo grão-russo e a política praticada a respeito da Geórgia, respondeu de imediato com um telegrama glacial e irritado:

"21/10/22 (cifrado)

TBILISSI, ao CC do PCC, Tsintsadze e Kavtaradze (cópias ao membro do Comité Central Ordjonikidze e ao secretário do Zakkrajkom Orahoachvili).

Assombrado pelo tom indecente da nota por comunicação telefónica directa firmada Tsintsadze e outros, que me foi transmitida não se sabe porquê por Bukharine e não por um dos secretários do Comité Central. Estava persuadido de que todas as divergências haviam sido extintas pelas resoluções do plenoplénario do Comité Central, com minha participação indirecta e a participação directa de Mdivani. Por este motivo condeno resolutamente as invectivas dirigidas a Ordjonikidze e insisto em que o vosso conflito se transferia, num tom decente e leal, para ser resolvido pelo Secretariado do CC do PCR, ao qual transmito a vossa declaração por comunicação telefónica directa.

Firmado/Assinado: Lenine."⁶⁹

Lenine estava, pois, tão seguro do valor das suas informações sobre o assunto que remetia a queixa contra Ordjonikidze e Staline a para as mãos de... Staline!

68) FOTIEVA, *op. cit.*, pág. 49.

69) *Sotch.*, t. 54, págs. 299-300.

Sem mais paciência, desesperando de encontrar justiça em Moscovo, exasperados pelas “deportações” ordenadas por Ordjonikidze, os tchekistas georgianos deram um passo sem precedentes: a 22 de Outubro apresentaram a sua demissão colectiva.⁷⁰ Ordjonikidze provavelmente não esperava outra coisa. O seu Zakkrajkoim nomeou de imediato um novo Comité Central, composto de jovens incompetentes e dóceis, que aceitaram sem pestanejar a Federação. O Secretariado de Moscovo apressou-se a aceitar a demissão dos antigos tchekistas e as novas nomeações. No entanto, o abscesso não estava ainda sanado. Os membros do Comité Central demissionário não haviam renunciado à luta. A mudança de equipa só enfatizava a impopularidade de Ordjonikidze no seu país natal. Este experimentava por isso a mais viva irritação, tanto mais quanto as medidas concretas de criação da Federação progrediam demasiado devagar para o seu gosto, sabotadas pelos partidários da independência da Geórgia. Os incidentes, as intrigas, as queixas a Moscovo se multiplicavam-se.

No decurso de uma dessas confrontações, Ordjonikidze perdeu o controlo de si mesmo: atacou outro membro do Partido, afecto a Mdivani. O facto deu-se durante uma sessão privada em casa de Ordjonikidze. Estava presente Rykov, adjunto de Lenine e membro do Bureau Político.⁷¹ O “impetuoso Sergo” (Ordjonikidze) julgava-se invulnerável. Mas, desta vez, não podiam ser ignorados uma queixa contra ele e um pedido de abertura de processo chegados a Moscovo assinados por Makharadze e outras personalidades.⁷² Ainda que se obstinem em defender “a linha justa e principista do Zakkrajkom” e em fustigar “as posições essencialmente incorrectas” do Comité Central georgiano, que nos seus comentários designam com o nome de “grupo de Mdivani”, os apresentadores das *Obras de Lenine*, na sua última edição, enumeram, contudo, uma série impressionante de “erros cometidos por Ordjonikidze”. “Não deu provas da flexibilidade e prudência necessárias na direcção da política nacional do Partido na Geórgia, adoptou métodos administrativos, tomou determinadas medidas com excessiva rapidez e nem sempre teve em conta as opiniões e os direitos do Comité Central do Partido Comunista da Geórgia. Tão-pouco mostrou um adequado domínio de si mesmo nas suas relações com o grupo de Mdivani”.⁷³

70) FOTIEVA, *op. cit.*, pág. 52. De facto, nove dos onze membros do Comité Central georgiano demitiram-se.

71) *Ibid.*, pág. 75. O incidente deu-se sem dúvida em finais do mês de Novembro.

72) *Ibid.*, pág. 52.

73) *Sotch.*, t. 45, pág. 595.

Lenine começa então a inquietar-se. O que parece tê-lo alarmado de repente foi uma carta do georgiano Okudjava, tchekista demissionário, na qual acusava Ordjonikidze de proferido ameaças contra os comunistas da Geórgia.⁷⁴ Quando o Bureau Político lhe fez chegar, com o objectivo de recolher o seu voto, os nomes dos membros da comissão investigadora que o Secretariado enviaria à Geórgia para restabelecer a paz no seio do Partido, Lenine, segundo se lê no “Diário” com data de 24 de Novembro, preferiu abster-se. Não sabemos se pretendia assim manifestar as suas dúvidas acerca da imparcialidade da comissão, três membros da qual – Dzerjinsky, Lozovsky e Kapsukas-Mitskevitchius – haviam sido propostos por Staline, mas é evidente que começava a desconfiar dos seus primeiros informadores e buscava outras fontes para formar uma ideia dos acontecimentos. Rykov dirigiu-se à Geórgia, ou porque Lenine o enviou, ou porque teria outras razões. De todos os modos, deveria seguir o assunto e informar Lenine. Este espera com impaciência crescente o regresso de Rykov. As secretárias anotam fielmente no “Diário” as suas incessantes perguntas sobre os itinerários.

Chegados a esta etapa do desenvolvimento do assunto, nos permitimo-nos tecer algumas observações de ordem general. Não estamos em presença de um simples desequilíbrio, inevitável no decurso da execução de uma política, entre os princípios e os objectivos, por um lado, e os métodos de execução, pelo outro. Neste caso, o conjunto dos meios utilizados reflecte uma mudança de objectivos que se opera com frequência de modo inconsciente entre certos dirigentes: transformam o centralismo do Estado num princípio supremo. Ordjonikidze comporta-se como um autêntico governador-geral, não faz caso das considerações legais e sestatutárias, emprega a violência pura e simples contra os comunistas das repúblicas nacionais, leva a cabo, em suma, tudo o que os oponentes no seio do Partido, e com frequência, paradoxalmente, os próprios estalinistas, englobavam sob o termo pejorativo de *administrivovanie*. Estas práticas interagem num sistema que procura justificação em motivações distintas das que haviam engendrado a Revolução de Outubro. Embora preconizando prudência, circunspecção e flexibilidade, sobretudo no que respeita ao difícil problema nacional, Lenine dirigia uma ditadura que só podia sobreviver sendo implacável. Não é surpreendente que contribua para enquadrar dirigentes capazes de vencer; assim, Ordjonikidze havia sido enviado ao Cáucaso na qualidade de conquistador. Entre estes delegados e comissários, comandantes das frentes e secretários de grandes regiões no decurso dos combates da

guerra civil e imediatamente depois, encontramos duas grandes categorias de militantes de que se compunha o Partido. Uns eram intelectuais sensíveis às exigências da doutrina, idealistas apegados à sua visão do socialismo; na sua maioria haviam sido iniciados num marxismo ocidental, através de longas permanências na Europa durante a emigração. Os outros eram, antes de tudo, executantes, homens de acção, práticos da revolução, mais apegados às realidades quotidianas; a sua formação e a sua capacidade raramente faziam deles intelectuais; eram na maioria de dos casos antigos combatentes clandestinos do interior que nunca haviam conhecido a emigração.

Cada uma destas duas categorias de homens havia tido um papel a jogar nas tarefas da revolução, da guerra civil, nas tarefas propostas pelos ideais de Lenine. Mas o curso dos acontecimentos, mais trágico e penoso do que haviam previsto os teóricos, iria dar muito depressa uma preponderância aos activistas da têmpera de Ordjonikidze, de Kaganovitch, Molotov, Kuybychev ou Staline, sobre os Rakovsky, Krestinsky, Serebriakov, Preobrajensky, Makharazde, Trotsky, etc. A terrível lógica das realidades russas empurrava uns para destinos catastróficos, e prometia aos outros um longo reinado, ainda que alguns viessem a ser eliminados nas grandes purgas de 1936-1938. Isaac Deutscher propõe-nos distinguir, entre os bolcheviques, aqueles que se aferraram ao sonho e aqueles que se consagraram ao poder. No curso da realização do sonho, apareceram dilemas cada vez mais graves e se foi-se acentuando a separação entre os dois grupos.⁷⁵

A personalidade de Lenine realizava de certo modo a feliz síntese destes dois tipos caracterológicos; podia assim associar uma fidelidade idealista aos fundamentos da doutrina a um pragmatismo que o preservava de uma rigidez doutrinária utópica ou conservadora. Isso era o que constituía ao mesmo tempo a sua força, a sua debilidade e as suas atribulações, isso era o que lhe permitia colaborar com Trotsky e entregar, ao mesmo tempo, as mais altas responsabilidades a Staline. A ascensão de Staline tinha-se produzido no decurso da “Civil” e da doença de Ludri. Apesar das apariências, e ainda que o país quase não o conhecesse, enquanto que Trotsky gozava de grande popularidade, Staline tinha-se tornado sob Lenine num dirigente de primeiríssima ordem; Lenine reconhecia-o como tal. Isso é patente na carta sobre a constituição da URSS, escrita a Kamenev a 26 de Setembro, na qual Lenine se felicita por ter arrancado a Staline uma concessão sobre um parágrafo do projecto. O estudo do “testamento” confirmará esta constatação.

75) DEUTSCHER, *Le Prophète désarmé*, *op. cit.*

No decurso do ano de 1922, Lenine vê Staline com frequência e em cada uma dessas ocasiões conversa longamente com ele. A sua confiança fica demonstrada pelo facto de, no conflito georgiano, ter-lhe dado constantemente razão durante um ano contra a gente de Mdivani, apesar das entrevistas pessoais com representantes daquela facção. Contudo, pode-se medir o abismo que separava Lenine de Staline ao comparar as respectivas actitudes a respeito da questão nacional. Staline propõe uma solução tão simples como expeditiva, que cristalizará e reforçará a realidade do poder: o governo da RSFSR não era, por acaso, praticamente o do conjunto das repúblicas? Pois bem, transformar-se-ia oficialmente no governo da União. Como proceder? No parágrafo 6 do projecto de Staline lê-se: *“A presente decisão, se for confirmada pelo Comité Central do PCR, não será publicada, mas sim comunicada aos Comités Centrais das repúblicas para circular no âmbito dos órgãos soviéticos, dos comités executivos centrais, ou dos congressos dos Sovietes das ditas repúblicas, antes da convocatória do congresso pan-russo dos Sovietes, onde se declarará que expressa o desejo destas repúblicas”*. Posto que, de todas as formas, era o Comité Central de Moscovo quem decidia e impunha a sua decisão aos Comités Centrais nacionais por meio de *“circulares directivas”*, isto é, por meio de ordens cuja não execução era punível com medidas disciplinares, posto que se declararia solenemente que a vontade do Comité Central correspondia ao desejo das repúblicas, o sentido do projecto de Staline é evidente: tratava-se de fazer ratificar o facto para que se transformasse em lei. Lenine, ao contrário, nega-se a tomar em consideração a mera eficácia administrativa, e tenta resolver o problema aplicando os seus velhos princípios. Na sua carta diz, e não há razão para duvidar da sua sinceridade, que não quer destruir a independência das repúblicas soviéticas, mas criar um novo escalão no ordenamento constitucional: *“uma Federação de Repúblicas independentes”*. Para Lenine, a eficácia conta, claro está, e a solução adoptada deve também reforçar o Estado, mas, precisamente, deve resolver-se e não suprimir-se o conjunto da questão das nacionalidades. Não deve renegar-se o internacionalismo em benefício do centralismo; também há que continuar a combater a forte tradição de opressão que caracterizava o estado czarista. Esta vontade constante de ter presente no espírito os princípios da ideologia socialista encontra a sua expressão no projecto de união de Lenine, que sublinha o carácter federativo da União, os direitos das repúblicas, a salvaguarda sua independência e a preocupação com as suas susceptibilidades. As instituições que ele propõe deviam servir de garantia contra a tendência à usurpação por parte da nação predominante. Para este projecto ser realizável nas condições soviéticas, era preciso que o Comité Central de Moscovo

tivesse a intenção, a convicção e a força de velar para que as instituições e as garantias previstas não se convertessem em letra morta, quaisquer que fossem as pressões em sentido contrário. Era preciso também que as repúblicas e sobretudo os comunistas locais pudessem defender os seus pontos de vista legal e institucionalmente no seio do Partido, sem correr o risco de cair imediatamente sob a alçada de medidas punitivas por “actividades divisionistas” ou “ter infringido a disciplina”. Para as propostas de Lenine terem sentido, era preciso realizar modificações no regime interno do Partido. Mais adiante se verá a maneira como Lenine as havia previsto.

Staline, por seu lado, era sincero quando, ao apresentar a nova versão do projecto de União, dizia que só variava em alguns detalhes em relação a o seu projecto inicial, o qual também, afirmava, era “*correcto em princípio e absolutamente aceitável*”. Com efeito, estava persuadido de que, no decurso dos acontecimentos, prevaleceriam os interesses autênticos do Estado, e de que a União funcionaria como ele havia previsto. Nestas condições, não veia inconveniente em ceder totalmente perante Lenine, no papel. Além disso, a seus olhos não existia nenhuma espécie de divórcio entre os princípios do programa bolchevique e a prática. Lenine, pelo contrário, dar-se-á conta desta distorsão, considerará que ele próprio é em parte responsável e que deve evitar que as coisas tomem um cariz excessivamente alheio à sua vontade.

CAPÍTULO V

O ENFERMO E O SEU GUARDIÃO

Quando Lenine reassume a direcção dos assuntos, em Outubro de 1922, já não recupera a capacidade de trabalho nem a antiga influência. O seu discurso do dia 20 é confuso e visivelmente improvisado. Nele aborda temas que o inquietam mas, desejoso de não semear o pânico e de tranquilizar o auditório, tenta propor soluções; contudo, falta-lhe a visão clara das perspectivas. A NEP, indispensável mas perigosa, ainda não se deixa dominar bem nem é suficientemente familiar: *“Esta mudança de rumo continua a ocasionar-nos certas dificuldades, continua a ocasionar-nos, diria até, grandes dificuldades”*.⁷⁶ E acrescenta: *“É preciso adoptar medidas extraordinárias, é preciso realizar inventos extraordinários”*. O regime havia efectuado uma retirada, mas era preciso repor-se e passar de novo ao ataque; contudo, não se sabia por que meios. A situação geral era desastrosa: *“Vivemos nas condições de um Estado a tal ponto arruinado pela guerra, desviado por completo do seu caminho normal e de tal modo posto à prova pelo infortúnio que, a nosso pesar, é preciso que façamos os nossos cálculos tomando como ponto de comparação um índice mais que débil: o de antes da guerra”*.

A ajuda do exterior não ia chegar com rapidez, e o discurso mostra um Lenine dolorosamente dividido entre a vontade de salvaguardar todos os êxitos, isto é, todas as esperanças do passado – as das jornadas de Outubro e também as da guerra civil, reais ou ilusórias – e a consciência de que haveria que decidir se seria necessário ceder ainda mais terreno, sem perder a esperança nem o poder. A conciliação dos fins e dos meios não era fácil. Com a NEP era preciso aprender tudo de novo: *“É para tornar viável este estudo que me parece chegado o momento de nos firmarmos mutuamente nisto: apesar de efectuarmos este movimento de retrocesso, que denominámos a Nova Política Económica, procurámos não abandonar nenhuma nova conquista e, ao mesmo tempo, oferecer aos capitalistas tais vantagens que qualquer Estado, seja qual for a sua hostilidade, se veja obrigado a aceitar negociações e relações connosco”*.

Lenine sabe que isso tem o aspecto de repto, posto que os comunistas não possuem ainda prática nos assuntos públicos e estão domina-

76) *Sotch.*, t. 45, págs. 300-309.

dos pelos aparelhos administrativos em lugar de serem eles quem os domina. A única coisa que Lenine pode proclamar sem rodeios é que “a NEP continua a ser a consigna principal, imediata, universal, de hoje”.⁷⁷

Contudo, esta nova orientação não recebeu ainda uma formulação definitiva; ainda nada se conseguiu definitivamente.

Uns dias depois deste discurso, quando no ânimo de Lenine começam a aparecer amargas apreensões a respeito do assunto georgiano, os médicos exigem-lhe que reduza consideravelmente o ritmo de trabalho. Lenine é um doente difícil de cuidar; aceitar a inactividade é difícil para este bulldozer, mas tem de render-se à evidência do declínio das suas forças físicas. Finalmente, aceita ir descansar para Gorki, mas prossegue a participação activa na vida política por meio de cartas e chamadas telefónicas. Espera com impaciência notícias de Rykov e de Dzerjinsky, mas dedica o melhor do seu tempo a organizar o trabalho dos seus adjuntos, três nessa altura, Rykov, Kamenev e Tsjurupa. Está em contacto permanente com eles para estabelecerem colectivamente o funcionamento do Sovnarkom. A reorganização do Sovnarkom com uma nova divisão de tarefas está visivelmente unida no seu espírito à problemática da sucessão. Assim, nos primeiros dias de Dezembro, Lenine convida Trotsky para uma nova entrevista, no decurso da qual sugere a constituição de um “bloco contra a burocracia”, quer dizer, praticamente convida-o a participar num comité especial que se constituiria para dirigir esta luta: propõe-lhe também que passe a ser um dos seus adjuntos no governo. Trotsky expressa a convicção, já bastante antiga, provavelmente na base das críticas que fizera antes à Inspeção Operária e Camponesa e que tanto irritaram Lenine, de que a luta contra a burocracia devia começar pela eliminação deste mal entre aqueles que deviam dirigi-la, quer dizer, no seio do Partido, e em especial nas suas altas esferas.⁷⁸ Lenine, melhor informado e menos confiante que antes, depressa iria adoptar esta ideia de Trotsky e extrair dela muitas consequências.

Rykov voltou por fim da Geórgia e apresentou o seu informe a Lenine a 9 de Dezembro de 1922.⁷⁹ O “Diário” só menciona o acontecimento e ignoramos o que disse Rykov. Dzerjinsky chegou três dias depois, e Lenine regressou de Gorki a Moscovo para conversar com ele.

77) *Ibid.*, pág. 308.

78) *Veja-se o testemunho de Trotsky sobre esta conversa em Révolution défigurée (De la Révolution, pág. 165) e DEUTSCHER, op. cit., págs. 66, 68-69. Desta vez Trotsky negou-se de novo a assumir-se como adjunto de Lenine, mas sem a mesma firmeza de antes. Sobre as críticas anteriores de Trotsky contra o RKI e o Gosplan, veja-se Soth., t. 45, págs. 180-182.*

79) PIPES, *op. cit.*, pág. 281.

A investigação de Dzerjinsky orienta-se, naturalmente, no sentido das explicações proporcionadas anteriormente pelo Secretariado. Ordjonikidze ficava livre de culpa, e todas as faltas se inscreviam, mais uma vez, como ónus dos perigosos desviacionistas. Mas nesta ocasião, Lenine estava alerta e pressentia uma patranha sob o travejamento da tese oficial. Dois factos, que Dzerjinsky não pôde ocultar, o impressionaram de um modo especial: a comissão havia tomado a decisão de chamar a Moscovo os chefes do antigo Comité Central georgiano, que tinham toda a culpa. Outra revelação: Ordjonikidze, irritado, tinha chegado a agredir um recalcitrante, também ele membro do Partido. Fotieva conta, e o próprio Lenine confirma, que o relato de Dzerjinsky “consternou-o profundamente”.⁸⁰ A leitura do “Diário” mostra-nos até que extremo este incidente preocupou Lenine durante a doença.

Poder-nos-íamos perguntar se não era um pouco ridículo atribuir tanta importância a uma manifestação de mau humor de um chefe do Partido que andava às voltas com as dificuldades de execução da política que lhe havia sido ordenada, num país que, ainda pouco tempo antes, era presa das matanças e da fome. Era uma pergunta realmente razoável, no seio do Secretariado do Partido, entre homens aguerridos e solidários. Mas, aos olhos de Lenine, a imagem de um governador comunista que se comportava como um sátrapa em país conquistado representava um indício, um sintoma inquietante da doença que atacava todo o corpo político, e dos estragos que ainda podia causar. Os labirintos do assunto georgiano apareceram-lhe de repente sob outra luz. A 30 de Dezembro, escreveria: “*Se as coisas chegaram até aqui, é fácil imaginar em que lodaçal nos afundámos*”. A entrevista com Dzerjinsky teve uma influência nefasta sobre o curso da doença de Lenine e precipitou sem dúvida a crise. A noite deve ter sido agitada; na manhã de 13 de Dezembro, dois ataques graves obrigam Lenine a deixar definitivamente o trabalho.

Os dois dias dedicados à entrega do processo foram ainda de muita actividade. Lenine prossegue a sua correspondência com os adjuntos a respeito da organização do trabalho no Sovnarkom; recebe a visita de várias pessoas com a ajuda das quais espera fazer anular a decisão do Comité Central relativa ao monopólio do comércio externo; troca cartas com Trotsky e encarrega-o, como vimos, de defender a causa comum. Outra noite de insónia e, na manhã de 16 de Dezembro dá-se um novo e grave ataque. Lenine apressa-se, porém, a ditar uma última nota destinada aos seus adjuntos antes da chegada dos médicos. Perdeu toda a esperança de poder participar no próximo congresso dos Sovietes, para

80) FOTIEVA, *op. cit.*, pág. 54 e *Sotch.*, t. 45, pág. 596.

o qual se havia preparado durante as semanas precedentes. Dali em adiante, Lenine já não sairá do seu quartinho do Kremlin: era impossível levá-lo para Gorki como se tinha pensado inicialmente. Esta circunstância será, por outro lado, de grande importância para o desenvolvimento das actividades do ilustre enfermo durante os oitenta dias em que conservará ainda as faculdades intelectuais. No futuro, ser-lhe-ão proibidas as visitas. Verá só Krupskaya, a mulher, a sua irmã Marija Ilinitchna, e três ou quatro das suas secretárias, sem contar, naturalmente, com o pessoal médico. Os seus acompanhantes são proibidos de lhe transmitir qualquer espécie de correspondência ou de o informar sobre os assuntos correntes do Estado, a fim “de não lhe dar motivos de preocupação e inquietude”.⁸¹ Começa então o fastidioso combate de Lenine para que o mantenham ao corrente do que lhe interessa e para formular as suas opiniões e dá-las a conhecer aos interessados. Não se trata do capricho de um enfermo que, negando-se a enfrentar a morte, prossegue um simulacro de actividade. Lenine, pelo contrário, sabia que a morte podia surpreendê-lo repentinamente, naquele momento em que o país e o Partido se debatiam numa situação extremamente difícil, sem um claro programa de acção, sem nem sequer uns indicadores que apontassem o caminho a seguir. Sentia que devia dizer ao menos o essencial sobre os temas mais acutilantes, que isso constituía o dever primordial do chefe do Estado, do líder de uma revolução até à data sem precedentes. Considerou-se que o estado do doente se agravaria com as preocupações políticas, mas era preocupação pior para o chefe do Estado não poder avançar, enquanto lhe fosse humanamente possível, no cumprimento da sua missão.

O ambíguo da situação aumentava ainda mais pelo facto de o homem que estava encarregado de velar pelo respeito escrupuloso do regime do enfermo ser justamente Staline.⁸² Os médicos ditavam as prescrições, mas em constante coordenação com o guardião nomeado pelo Comité Central. Staline estava encarregado oficialmente de manter-se ao corrente de tudo o que ocorresse à cabeceira de Lenine, e dedicou-se a esta tarefa com autêntico zelo. Um significativo incidente ocorrido entre Krupskaya e Staline mostra de que forma entendia cumprir a sua missão.

A 22 de Dezembro, ao ser inteirado pelos seus informadores de que no dia anterior Krupskaya tinha tomado nota do teor de uma carta,

81) *Sotch.*, t. 45, pág. 710.

82) *Por uma decisão do Comité Central de 18 de Dezembro de 1922 (Ibid.*, t., 45, pág. 608).

de facto quatro palavras, de Lenine, chamou-a ao telefone e cobriu-a, segundo a própria Krupskaya, “de injúrias indignas e de ameaças”.⁸³ Pretendia levá-la perante a Comissão Central de Controle do Partido por “infração” às prescrições do regime do doente. Este tipo de rudeza não tinha precedentes nas relações entre os chefes do Partido e a família de Lenine. Não existia evidentemente nenhuma razão para duvidar da devoção que Krupskaya sentia pelo enfermo e da sua aptidão para velar por ele. A intervenção de Staline era inclusive injustificada segundo as regras: Krupskaya obtivera autorização do médico assistente de Lenine, e Staline podia comprová-lo facilmente. Mas havia deixado de lado qualquer consideração de prudência e de tacto, devido a ter reagido sob um verdadeiro acesso de cólera: a carta de Lenine era a que dirigiu a Trotsky para felicitá-lo pela sua actuação na sessão do Comité Central durante o debate dedicado ao monopólio do comércio externo. Staline não ignorava as relações cada vez mais estreitas que se tinham estabelecido nos últimos tempos entre Lenine e Trotsky. Não o haviam inquietado muito no decurso do ano de 1922, já que os dois Grandes, sem combater-se em questões de princípio, se digladiavam em constantes escaramuças sobre questões secundárias. O que não havia impedido Lenine de propor a Trotsky que fosse seu adjunto, mas Trotsky recusou e, naquela ocasião, Staline conseguiu, não sem certa e maliciosa satisfação, que o Bureau Político repreendesse Trotsky por falta de cumprimento do dever.⁸⁴ Só depois se chegou à cordial “entente” sobre a questão do monopólio.

Por outro lado, a 25 de Novembro, Lenine, como soubemos recentemente,⁸⁵ havia informado o Bureau Político de que aprovava as propostas de Trotsky sobre o emprego de tácticas relativas à Internacional. Sobretudo, na segunda parte desta mensagem, Lenine aventurava uma opinião muito lisonjeira sobre as teses de Trotsky relativas à NEP: desejava que fossem editadas em forma de folheto e profusamente difundidas. Isso constituía sem dúvida um grande cumprimento, já que se tratava de um dos problemas mais complicados da política soviética e que causava muitas preocupações a Lenine. Não é, pois, surpreendente que Staline, a quem dizia respeito mais que a ninguém o problema da sucessão, perdesse as estribeiras ao inteirar-se desta nova demonstração de gratidão de Lenine a Trotsky, tanto mais quanto a aproximação entre os dois homens – já podia pressenti-lo – iria a par com uma verdadeira

83) *A carta de Krupskaya a Kamenev está transcrita, ao que parece com cortes, em Soitch., t. 54, págs. 674-675. Veja-se anexo V.*

84) *DEUTSCHER, op. cit., p. 61.*

85) *Soitch., t. 54, pág. 314.*

campanha contra ele. Por causa disso, fará o impossível por reforçar ainda mais a vigilância sobre Ilitch. Eis uma prova: uma chamada telefônica para uma próxima colaboradora de Lenine, a sua secretária principal Fotieva. Desta vez o tom é correcto. Fotieva anota no “Diário”, a 30 de Janeiro: “*Staline perguntou se eu não digo demasiadas coisas a Vladimir Ilitch. Como está ele ao corrente dos assuntos em curso? Por exemplo, o seu artigo sobre a Inspeção Operária e Camponesa demonstra que conhece certas circunstâncias*”. Uma vez mais, tratava-se de um tema através do qual se fazia alusão a Staline pessoalmente, de forma velada sem dúvida, mas evidente para o interessado.

Lenine terá que travar o seu último combate contra esta vigilância e contra esta limitação às suas actividades, ainda que legalmente justificadas. A primeira batalha dá-se a 23 de Dezembro. Lenine sofreu uma grave recaída no decorrer da noite de 22 para 23. Pôde, contudo, dormir, mas, ao despertar pela manhã, comprova que tem de novo paralisada uma parte do corpo, a mão e perna direitas. A notícia é comunicada de imediato ao Bureau Político. Apesar da comoção provocada por este ataque, o pensamento de Lenine gira fundamentalmente em torno dos destinos do Estado e do Partido. Exige então uma autorização para ditar cinco minutos ao dia. Pressente que o momento em que terá de “render a guarda” pode sobrevir a qualquer instante e, se não ditar, “*quando um problema o inquieta, não consegue dormir*”. Concedida a autorização, Lenine chama uma das secretárias e dita-lhe umas trinta linhas em quatro minutos. Os médicos, avisados, mantêm-se por perto. No dia seguinte, exige o direito de prosseguir o que chama o seu “Diário”. Os médicos tentam impedi-lo, mas Lenine lança-lhes um ultimato: se não se lhe permite ditar alguns minutos todos os dias, negar-se-á a cuidar-se.⁸⁶ Um conselho composto por médicos e membros do Bureau Político, Staline, Bukharine e Kamenev, não encontra forma de negar-se à sua petição. A autorização é concedida, mas a decisão do Bureau Político especifica que as notas não podem ter o carácter de correspondência e não devem requerer nenhum tipo de resposta.⁸⁷ Desta forma foi redigido o “testamento”, uma série de notas muito breves ao princípio, ditadas à custa de um enorme esforço durante uns minutos ao dia. Porém, a forte constituição de Lenine parece operar um milagre. O seu estado de saúde começa a melhorar e surgem esperanças de cura. Poderá ditar até três quartos de hora cada dia, e inclusive poderá ler e prosseguir a luta por meio da sua fiel “entourage”: a mulher, a irmã e as secretárias, totalmente dedicadas a ele.

86) *Relato de Ulianova, a irmã de Lenine, citado em Soth., t. 45, pág. 591.*

87) *Ibid., pág. 170. Veja-se anexo VI.*

O “testamento”, no sentido estrito do termo, é constituído pelas notas ditadas entre 23 e 31 de Dezembro, com um anexo de 4 de Janeiro, notas que nas *Obras* se intitulam “Carta ao Congresso”. Mas a verdadeira exposição das ideias de Lenine, o testamento no autêntico sentido do termo, é constituído pelo conjunto de escritos deste período. Nele pode encontrar-se uma visão coerente da situação e as perspectivas internacionais, elementos importantes para um programa e uma linha de acção, assim como uma tentativa de elucidação no que se refere ao desenvolvimento interno. Além das notas, existem cinco artigos escritos em Janeiro e Fevereiro de 1922, ainda que a maioria do Bureau tenha feito o possível para evitar ou adiar a sua publicação.⁸⁸ Tempo de reflexão, ditado – por vezes com duas versões – correcções, estudos prévios, documentação, leitura intensa de obras sobre história, economia, socialismo, marxismo, problemas agrários, todas estas tarefas estavam estritamente planificadas. Quando o seu estado de saúde melhorou um pouco, Lenine ditou um plano de trabalho, que no fim chegou a realizar quase por completo.⁸⁹ A doença não lhe havia diminuído a lucidez, mas a debilidade das forças ia repercutir-se inevitavelmente na rapidez de elaboração das suas ideias, e por vezes também na clareza da redacção, em particular durante os primeiros ditados, demasiado breves.

88) As notas de Lenine encontram-se reproduzidas no volume 36 da quarta edição em francês das suas *Obras*, os artigos no volume 33. Reproduzimos o plano de trabalho e o último artigo nos anexos VII e IX. Estas notas e artigos são reproduzidos de novo no volume 45 da 5.^a edição francesa e no volume 54 reproduzem-se muitas cartas inéditas.

89) Este plano de trabalho está reproduzido em *Sotch.*, t. 45, pág. 592. Veja-se o nosso anexo VII.

CAPÍTULO VI

O “TESTAMENTO” DE LENINE

As notas que Lenine começou a ditar a 23 de Dezembro tinham por objecto, como ele mesmo diz logo na primeira linha, propor ao próximo congresso do Partido a realização de “*uma série de mudanças no nosso sistema político*”.¹⁰² Enumera com extrema concisão as razões que o levam a propor estas mudanças: a direcção do país deverá fazer frente, sem dúvida, a um encadeamento de circunstâncias pouco favoráveis, posto que a luta se agravará no terreno internacional. É preciso em primeiro lugar reforçar a unidade do Comité Central, a fim de este ser capaz de cumprir a urgente tarefa que representa a reorganização, ou melhor, a reconstrução do aparelho estatal, e também a fim de impedir que o Partido sucumba ao perigo que o acua: a cisão susceptível de produzir-se como consequência das lutas entre grupos ou entre personalidades. Segundo Lenine, está em perigo a estabilidade do Partido. E a este problema concede ele prioridade.

Primeiro remédio: um importante aumento do número de membros do Comité Central para que esta assembleia fortaleça “*várias milhares de vezes*” a estabilidade do Partido. Lenine propõe além disso “*outorgar, sob certas condições, carácter legislativo às decisões do Gosplan, avançando assim no sentido das posições do camarada Trotsky, até certo ponto e sob certas condições*”.¹⁰³ Estes conceitos só podem compreender-se inseridos no conjunto do plano de Lenine, mas o que aqui nos interessa é o papel que as notas jogaram no desenvolvimento das relações entre os chefes e das suas lutas.

A primeira nota, a de 23 de Dezembro – soubemo-lo recentemente – foi enviada directamente a Staline, e era destinada aos membros do Bureau Político. É provável que Staline não a tenha mostrado a ninguém¹⁰⁴. Este novo indício de aproximação a Trotsky era inconfundível: tratava-se, com efeito, de um tema (o Gosplan) que havia sido motivo de litígio entre Lenine e Trotsky durante todo o ano de 1922. Seguir-se-iam outras notas, que teriam podido tranquilizar Staline se as tivesse visto.

102) *Sotch.*, t. 45, pág. 343. Para a tradução francesa, veja-se capítulo V, nota 13.

103) *Ibidem*.

104) *Ibidem*, págs. 593-594.

Mas durante algum tempo não foram comunicadas a ninguém; eram, por indicação de Lenine, “*categoricamente secretas*”.¹⁰⁵

As divergências mais sérias e a cisão que podia resultar delas – os inimigos do regime tinham razão em contar com ela – podiam ter duas origens. Uma era a própria base social do regime. Todo o sistema se baseava na aliança entre os operários e os camponeses; se esta falhasse, era “*inútil falar sequer da estabilidade do nosso Comité Central*”. Mas esta eventualidade era longínqua e improvável. O perigo mais imediato residia nas relações pessoais no topo do poder. “*Mais de metade do perigo de cisão*” que Lenine queria remediar dependia das relações entre Staline e Trotsky. Depois de ter chegado a esta comprovação profética, Lenine esboça os retratos de seis personalidades: Staline e Trotsky, Zinoviev e Kamenev, Bukharine e Piatakov. Estas notas, redigidas nos dias 23 e 24 de Dezembro – quando o estado do enfermo era alarmante em extremo –, revelam um doloroso esforço de reflexão e ponderação, para expressar o essencial sem frustrar, por causa de uma palavra imprudente, o objectivo perseguido: a continuidade e a estabilidade do poder nas mãos de um Partido unido.

Dos dois homens mais jovens, Bukharine e Piatakov, um é um brilhante teórico, favorito do Partido, e o outro possui vontade e grande capacidade. Mas também têm defeitos. O pensamento de Bukharine não é inteiramente marxista, “*já que há nele algo de escolástico (não aprendeu nunca, e creio que nunca compreendeu plenamente, a dialéctica)*”. Piatakov, por seu lado, está “*demasiado ligado ao lado administrativo das coisas para que se lhe possa confiar uma questão política importante*”. Contudo, como tinham respectivamente trinta e quatro e trinta e dois anos, ainda estavam ambos a tempo de corrigir esses defeitos.

A respeito de Zinoviev e Kamenev, há uma única observação, cuja interpretação provoca, contudo, certas dificuldades. Trata-se do “*episódio de Outubro*”, da sua atitude no momento do golpe de Estado: “*Evidentemente não foi fortuita, mas não deve invocar-se mais contra eles pessoalmente do que o não-bolchevismo de Trotsky*”. Porquê esta alusão ao passado? Significa uma advertência? Uma desculpa? Ambas as coisas? Talvez seja mais fácil responder a estas perguntas à luz dos retratos que Lenine traça de Staline e de Trotsky, cujos caracteres opostos podiam provocar uma cisão súbita e não intencional:

105) *Ibid.*, – um para os arquivos secretos, um para Lenine, três para Krupskaya e deviam pôr-se em envelopes selados. Voloditcheva revelou estes detalhes em 1929. Só Lenine tinha direito a abrir estes envelopes e, depois da sua morte, Krupskaya. Mas Voloditcheva não ousou escrever nos envelopes as fatídicas palavras “*depois da sua morte*”.

*“O camarada Staline, ao passar a secretário-geral, concentrou um poder imenso, mas não estou seguro de que saibaa usá-lo sempre com a necessária prudência. Por outra parte, o camarada Trotsky, tal como o demonstrou a sua luta contra o Comité Central na questão do comissariado de vias e comunicações, distingue-se não só por uma capacidade excepcional – pessoalmente é, de forma incontestável, o homem mais capaz do actual Comité Central – mas também por uma exagerada confiança em si mesmo e por uma tendência algo excessiva a considerar só o lado puramente administrativo das coisas.”*¹⁰⁶

A ideia de que Staline e Trotsky eram os dois grandes chefes podia, com bom motivo – pela categoria outorgada a Staline – assombrar o país, ferir Trotsky e surpreender desagradavelmente Zinoviev e Kame-nev que, durante uns anos, no futuro triunvirato, iam julgar-se os mais fortes. Por parte de Lenine significava talvez a comprovação de dois novos factores: a importância do cargo de secretário-geral criado havia escassos oito meses, e a possibilidade para o seu detentor de ter adquirido em tão pouco tempo um poder imenso. Pode observar-se além disso que o paralelo entre Trotsky e Staline é formulado em tais termos que não se pode descortinar nele a menor preferência, já que as qualidades que se reconhecem a Trotsky têm como contrapartida importantes defeitos. Qual era a gravidade da sua *“tendência a considerar só o lado puramente administrativo das coisas”*? É preciso analisar as qualidades que Lenine exigia a um verdadeiro chefe: põe-nas em relevo nas suas notas sobre o Gosplan. Nos dias 27, 28 e 29 de Dezembro, Lenine enumera e repete com insistência quais eram, na sua opinião, as qualidades que se requeriam para dirigir qualquer grande instituição do Estado, as mesmas que sem dúvida deviam exigir-se aos homens que ocupavam os cargos supremos. O chefe, segundo Lenine, deve possuir uma sólida preparação científica numa dos ramos da economia ou da tecnologia, deve ser capaz de captar *“uma realidade global”*, deve poder exercer certa atracção sobre as pessoas a fim de guiar e controlar o seu trabalho. Ao mesmo tempo, deve ser dotado de capacidade organizadora e administrativa. Mas *“a coincidência destas duas qualidades numa só pessoa raramente se encontra e não é indispensável”*.¹⁰⁷

Numa instituição como o Gosplan, o aspecto administrativo era secundário. Dos dois homens que formariam uma equipa ideal, era o científico, homem reflectido e ao mesmo tempo dotado para as relações humanas, quem deveria ser o chefe. Lenine julgava sem dúvida haver encontrado assim a fórmula ideal para a direcção do Estado. Não insis-

106) *Ibid.*, pág. 345.

107) *Ibid.*, pág. 351.

tiria tanto se só se tratasse de manter Krjijanovsky à cabeça do Gosplan, tendo como adjunto Piatakov. Contudo, Trotsky e Staline não formavam um par deste tipo. Em lugar de complementar-se empenhar-se-iam em excluir-se mutuamente.

Era sem dúvida injusto censurar a Trotsky uma atitude que respondia às circunstâncias da guerra civil e que representava então uma força e uma garantia de êxito. Em circunstâncias distintas, Trotsky era mais capaz de abordar os problemas do Estado e da revolução de uma forma científica que o resto dos membros do Comité Central. Podia perfeitamente captar “*uma realidade global*” como Lenine exigia de um chefe modelo. Pelo contrário, era duvidoso que tivesse “*poder de atracção*”, e, por outro lado, Lenine sabia que carecia de certas qualidades de político num sentido mais estrito: flexibilidade com os homens, apetência táctica, capacidade de manobra, habilidade para navegar na “*cozinha*” política da ditadura sem inibições nem excessivos escrúpulos. O desenvolvimento dos acontecimentos demonstrou que Trotsky era incapaz de jogar este jogo, e com maior razão de sair bem dele. Lenine tinha razão em duvidar das suas faculdades de político, ainda que as críticas formuladas contra ele não fossem em termos muito explícitos. Em resumo, a posição de Trotsky acaba por parecer algo diminuída pelas considerações do “*testamento*”, em especial porque não se o situa num plano superior a Staline e porque o seu não-bolchevismo, embora não devendo “*ser invocado pessoalmente contra ele*”, não deixa de ser mencionado.

Se Lenine não encontra aparentemente nada concreto que censurar a Staline, formula, não obstante, uma reserva a seu respeito: saberá utilizar com suficiente prudência o imenso poder que detenha? Mas, na prática, esta reserva, qualquer que fosse o valor da intuição que a inspirava, não tinha grande importância política naqueles primeiros dias de 1923 e não podia prejudicar Staline. Suponhamos por um momento que a redacção das notas se tivesse detido aqui e que tivessem sido lidas seguidamente na tribuna de um congresso do Partido: teriam parecido dominadas por um afã de equilíbrio, pela vontade de manter o *statu quo*, para evitar a cisão. Com efeito, salta à vista o carácter intencional da repartição equitativa de elogios e censuras. Lenine não podia legar o seu poder; não era um monarca. Não se sentia autorizado a propor um delfim ao Partido, ainda que o problema da sua sucessão já o preocupasse antes de adoecer. À espera da hora de “*passar o testemunho*”, esforçava-se por não prejudicar a coesão do seu partido com uma preferência pessoal demasiado marcada. E, no momento de ditar essas primeiras notas, ainda não tinha seguramente nenhuma preferência. Mesmo que já simpatizasse mais com Trotsky, tinha que ocultá-lo para

não envenenar as relações entre os dirigentes. Não podia ignorar a atitude em relação a Trotsky dos seus antigos companheiros de luta, a de Zinoviev e de Kamenev, a de Staline e diversos grupos de militantes. O seu não-bolchevismo tinha-o prejudicado com frequência em numerosas querelas, a propósito das quais Lenine havia tido que empregar todo o seu prestígio para defendê-lo. Não podia pensar em impô-lo como herdeiro, tanto mais que, até formar uma nova opinião de Staline, não considerara a hipótese de um herdeiro único.

Em suma, Lenine sugeria neste estádio que os dois altos chefes, Staline e Trotsky, conservassem ambos a sua preeminência, que Zinoviev e Kamenev seguissem em segunda posição, já que a debilidade que haviam revelado perante uma grande prova não era fortuita e podia portanto repetir-se, que os dois jovens, Bukharine e Piatakov, por último, ficassem em terceira posição à espera de aperfeiçoamento. Mas, como não se podia resolver melhor a situação, o Partido devia permanecer atento e vigiar os seus chefes, posto que não estavam isentos de defeitos e as suas rivalidades podiam acarretar consequências fatais. Tão-pouco havia que olvidar o controle do uso que Staline fizesse do seu poder. Para exercer este controle, era preciso reforçar a competência e o prestígio do Comité Central. Mas, para apreciar a clarividência de Lenine, é preciso observar que já então assinalava o “detalhe” que ia trastornar tudo, esse “poder imenso” de Staline que deixava em clara desvantagem os outros cinco personagens, detalhe sobre o qual não fazia nenhum comentário, mas mais tarde extrairia consequências dele, ao voltar ao problema das personalidades depois de ter reflectido longamente sobre as questões de fundo.

Com efeito, posto que o seu estado de saúde ainda o permite, Lenine prossegue o seu trabalho e, dez dias depois da redacção das primeiras notas, quando a sua atenção já estava voltada para outros horizontes, acrescenta, a 4 de Janeiro de 1923, um último escrito ao “testamento”, que transtorna por completo todo o prudente equilíbrio dos primeiros textos, ou, melhor, corrige o desequilíbrio de facto de que dava conta de forma implícita. Lenine propõe o afastamento de Staline das funções de secretário-geral:

“Staline é demasiado rude, e este defeito, plenamente suportável nas relações entre nós, comunistas, torna-se intolerável nas funções de secretário-geral. Por esta razão, proponho aos camaradas que reflectam sobre a forma de deslocar Staline deste cargo, e de nomear em seu lugar um homem que, em todos os aspectos, se distinga dele pela sua superioridade, é dizer, que seja mais paciente, mais leal, mais educado e mais atento com os camaradas, menos caprichoso, etc.”

Seriam estas palavras expressão de uma brusca reacção perante um facto irritante? Pode-se sentir a tentação de relacioná-las com a grave afronta de Staline a Krupskaya ocorrida a 22 de Dezembro. Staline não a teria cometido se não soubesse que o leão estava ferido de morte, e Lenine, por seu lado, como iria expressar numa carta escrita a Staline dois meses depois, não era homem que perdoasse essas impertinências: *“Não tenho intenção de esquecer tão facilmente o que se fez contra mim, e nem tenho que dizer que o que se fez contra a minha esposa é como se tivesse sido feito contra mim”*.¹⁰⁸ A comoção que corria o perigo de provocar em Lenine se este se inteirasse do sucedido era razão suficiente para impedir que Krupskaya lho contasse nos últimos dias de Dezembro, quando ele estava gravemente doente. Naquele momento, Krupskaya desafogou a sua indignação queixando-se amargamente a Kamenev, numa carta que reproduzimos no anexo V. Mas pôde revelar o incidente ao marido dias mais tarde, ou espontaneamente, ou acossada por perguntas dele, no caso de Lenine ter notado nela algum sinal de aflicção especial. Lenine, furioso, teria ditado de imediato aquela nota em que só fala dos defeitos de carácter de Staline, sem lhe fazer críticas de ordem política. Os apresentadores das *Obras* supõem que Krupskaya só em princípios do mês de Março terá contado a Lenine o sucedido. Mas esta versão, como qualquer outra, não pode ter-se como certa. Por outro lado, sabemos o suficiente sobre Lenine para encontrar nas declarações de Ilitch contra Staline uma explicação que quadre melhor com seu carácter, a sua consciência de chefe responsável, para quem a política se antepõe a qualquer outra consideração. O estudo da primeira nota do “testamento” mostra claramente qual era a preocupação mais acutilante de Lenine, e alguns outros dados confirmam-no. É vão supor que uma ofensa pessoal cometida contra a sua mulher – não olvidemos que considera a rudeza *“plenamente suportável”* nas relações entre os comunistas – tivesse podido impulsioná-lo a um acto político capaz de transtornar as relações de força no seio do Comité Central. Para realizá-lo tinha graves razões de outra índole. Para nos convenceremos disso basta estudar as notas sobre a questão nacional e sobre a autonomização ditadas nos dias 30 e 31 de Dezembro, questões que, fiel ao seu plano de trabalho, aborda uma semana depois de começar a ditar.

Este texto conta-se entre os mais importantes do “testamento”, e é sem dúvida o mais significativo, na medida em que nos permite medir a profundidade da crise que Lenine atravessava neste período, assim como a sua honestidade intelectual e a sua audácia política. É inclusive vero-

108) *Sotch.*, t. 54, pág. 337. Esta carta poderá ser lida mais adiante.

símil pensar que as suas atribuições a propósito dos negócios públicos fossem de tal magnitude que precipitassem o progresso da doença.

As considerações sobre a questão nacional começam com uma autocrítica: *“Pelo que parece, sou muito culpado perante os operários da Rússia por não ter intervindo de forma suficientemente áspera e enérgica neste famoso problema de autonomização que se denomina, diríamos, oficialmente, o problema da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas”*.¹⁰⁹ Segue-se uma longa justificação pessoal, especialmente pelas circunstâncias da doença, e depois a descrição do efeito revelador produzido pelo informe de Dzerjinsky: a violência de Ordjonikidze explodiu, pois, a tal extremo que foi capaz de bater a um oponente comunista! *“Em que lodaçal nos afundámos!”* Conhecendo a Rússia, a sua burocracia *“mal matizada de espírito soviético”*, conhecendo sobretudo o carácter de *“este homem autenticamente russo, este chauvinista grão-russo, essencialmente daninho e agressivo que é o típico burocrata russo”*, Lenine pôde dar-se conta de que o seu regime não fez o necessário para defender as nações minoritárias contra a invasão dos cabos de esquadra, dos *dzerjinmordy* russos¹¹⁰. Mas a crítica vai mais longe: as filas de culpados não são formadas apenas, como tinha crido, pelos trãnsfugas do antigo aparelho de opressão; o regime soviético, os chefes mais altos do Partido, haviam seguido um comportamento autenticamente imperialista, ainda que só nos detalhes. Lenine sabia perfeitamente, e não temia dizê-lo, que uma situação assim, que descobria com consternação, reduzia a nada o valor de *“toda a sinceridade de princípio, toda a defesa de princípio da luta contra o imperialismo”* proclamadas pelo Partido. Isso era tanto mais grave quanto *“o dia vindouro será precisamente um dia em que os povos oprimidos pelo imperialismo despertarão definitivamente, e começará uma luta decisiva e difícil pela sua libertação”*. É inútil acrescentar que a sinceridade socialista e revolucionária do Partido era objecto de graves suspeitas se se considerassem as actuações que Lenine nunca deixou de estigmatizar depois.

Segundo Lenine, os chefes do Partido não compreenderam sequer o primeiro princípio que devia guiá-los para darem uma solução ao problema das nacionalidades dentro de um espírito internacionalista. O proletariado devia, no seu próprio interesse, conquistar a confiança dos outros povos. Estes sentiam uma profunda desconfiança a respeito da nação maioritária, que lhes havia infligido duras ofensas e repetidas injustiças; de forma que, se a grande nação se contenta em proclamar

109) *Sotch.*, t. 45, pág. 356.

110) *Referência aos agentes da brutal polícia política fundada por Dzerjinsky, a Tcheka.*
(N. da T.)

uma simples igualdade formal, essa atitude pode qualificar-se de burguesa. Para reparar as injustiças cometidas contra as pequenas nações, a grande nação dos antigos opressores está obrigada a admitir certa desigualdade em seu próprio detrimento, está obrigada a praticar uma espécie de autodiscriminação para compensar a desigualdade que continua a existir de facto na vida, em detrimento das pequenas nações. É preciso redobrar de atenções, concessões e medidas prudentes em benefício dos pequenos povos. Esta não era precisamente a política de Staline, Ordjonikidze e Dzerjinsky. Lenine condena-os em termos de uma tal severidade que não deixa dúvida quanto à sua profunda hostilidade política em relação a eles e em relação aos que actuam como eles. Staline é acusado de uma precipitação fatal e de uma cólera nefasta contra o pretensão “social-nacionalismo”. Dzerjinsky deu mostras desta atitude “autenticamente russa” que caracteriza os estrangeiros russificados; responsável de uma comissão investigadora, deu provas de um preconceito imperdoável, e os trabalhos da sua comissão devem considerar-se nulos e devem ser refeitos “para corrigir esta enorme massa de irregularidades e de juízos preconcebidos sem dúvida neles contidos”. Lenine acusa resolutamente Ordjonikidze e Staline de ter agido como brutais grão-russos, de ter infringido as regras do internacionalismo proletário e de ter naufragado numa atitude imperialista. Exige assim um “castigo exemplar” para Ordjonikidze – segundo Trotsky, tratava-se de expulsá-lo do Partido, ao menos temporariamente – e além disso uma incriminação oficial de Staline e de Dzerjinsky, politicamente responsáveis. Ao mesmo tempo, lança contra os próprios acusadores o qualificativo de “desviacionistas”.¹¹¹ Reconhece que todo o projecto de autonomização “era provavelmente injusto na sua essência e prematuro”, admite a manutenção da União, mas que se esteja sempre disposto a fazer marcha atrás, se a experiência o mostrar necessário, e a deixar subsistir da União apenas a fusão da política exterior e a defesa, ao mesmo tempo que seria necessário, “em todos os outros campos, reconstituir a independência completa dos antigos comissariados”, quer dizer, a partir do próximo congresso dos Soviéticos, voltar às relações que existiam anteriormente. É legítimo supor, como o faz o historiador norte-americano Pipes, que, se Lenine não tivesse sido afastado definitivamente no mês de Março, “a estrutura final da União Soviética teria sido distinta da que Staline ia dar-lhe posteriormente”.¹¹²

111) Ver mais adiante, capítulo VII.

112) PIPES, op. cit., pág. 276

Pode admitir-se uma hipótese análoga no que respeita ao conjunto das estruturas do regime soviético. Entretanto, assinalemos que Lenine ditava estas reflexões sobre a autonomização precisamente no momento em que começava o congresso dos Sovietes que ratificou a solução sobre a qual Lenine albergava tantas dúvidas. Fotieva afirma que isso não sucedeu por casualidade, já que Lenine “*experimentava um crescente sentimento de inquietude quanto à solução correcta da questão nacional*”.¹¹³ A crítica da política de nacionalidades levada a cabo por Staline e do seu comportamento com os georgianos explicam suficientemente a mudança de atitude de Lenine que o levou à ideia de destituir Staline. Lenine havia formado já a sua opinião. Depois, só o guiariam considerações de ordem táctica na escolha dos métodos e dos prazos adequados para a defesa das suas novas ideias.

113) FOTIEVA, *op. cit.*, pág. 50.

CAPÍTULO VII

“O ASSUNTO CLANDESTINO”

Janeiro e Fevereiro de 1923 foram para Lenine dois meses de intenso trabalho. Durante este período, a sua saúde sofreu altos e baixos. Às vezes o humor era excelente, comprovava-se uma melhoria do estado geral, Lenine estava satisfeito com os seus ditados e gracejava. Os médicos concediam-lhe então um tempo suplementar de trabalho e permissão para ler; depois, quando a paralisia da mão direita pareceu ceder, consideraram inclusive a possibilidade de permitir-lhe receber visitas e ler os periódicos. Com frequência, Lenine sentia-se perfeitamente, a tal ponto que um dia chegou a crer que a sua doença era só nervosa.¹¹⁴ Mas os bons momentos alternavam com períodos de grande fadiga, de diminuição da memória, de dificuldade em falar, de tensão e de dores. Os que o rodeavam estavam atentos ao fluxo e ao refluxo da doença; os membros do Bureau Político observavam vigilantes as alternâncias do padecimento. Durante estes meses, jogava-se o futuro do poder e a sorte dos seus chefes. E tudo dependia da resposta que o destino desse à pergunta: Lenine restabelecer-se-ia e poderia participar no congresso do Partido? E, neste caso, o que diria?

Durante estes dois meses de Janeiro e Fevereiro, através de cinco artigos em que desenvolvia as ideias expostas nas notas, os projectos de Lenine converteram-se num vasto programa de estratégia política preparada com vista ao próximo congresso do Partido que devia celebrar-se dentro de semanas. Lenine sentiu-se impellido a acelerar a sua preparação, tanto pelo temor de não poder assistir, como pelo carácter urgente das reformas preconizadas.

No terreno prático, três questões lhe dominavam a atenção.

Primeiro, queria conhecer os resultados do censo de funcionários nas grandes cidades, que acabava de realizar-se a instâncias suas. A sua obsessão pela burocracia tinha-o levado a reclamar com frequência estes dados. Finalmente, a sua secretária teve que confessar-lhe que não era possível proporcionar-lhe estes documentos sem a autorização de Staline;

114) Veja-se o “Diário”, na data de 14 de Fevereiro. Não sabemos qual era neste momento o diagnóstico dos médicos e o que sabia Lenine sobre ele. O falecimento foi atribuído a arteriosclerose.

Lenine não sabia. Segundo o relato de Fotieva nas suas *Memórias*¹¹⁵, este assunto provocou imenso mau humor a Lenine três dias mais tarde, a 10 de Janeiro e, um mês depois, a 12 de Fevereiro, provocou-lhe uma verdadeira crise. Um dos médicos, Föster, que ia permitir-lhe visitas e periódicos, pôs bruscamente fim às suas esperanças e proibiu a “informação política”. Quando Lenine lhe perguntou o que queria dizer com isso, o médico respondeu: “Ah, por exemplo, você interessa-se pela questão do censo dos funcionários soviéticos”. Esta resposta causou tal comoção em Lenine que lhe tremiam os lábios; o facto de os médicos estarem ao corrente de tais detalhes e fazerem comentários deste tipo só confirmava as suas suspeitas. Fotieva anota no “Diário”, num estilo cauteloso: “É provável, em consequência, que Lenine tivesse a impressão de que não são os médicos quem dá ordens ao CC, mas o CC aos médicos”. Na realidade, para Fotieva, já não se tratava de uma simples probabilidade, mas de uma verdadeira certeza¹¹⁶

Segunda questão que preocupava Lenine: o seu projecto de fusão do comissariado para a Inspeção Operária e Camponesa com a Comissão Central de Controle, peça mestra do seu plano de reorganização do Comité Central e de toda a cúpula do organigrama do Partido. No “Diário” vê-se constantemente que Lenine pede a opinião do seu adjunto Tsiurupa e dos membros do comissariado a quem foram comunicados os seus projectos. Impele-os a actuar, a preparar estas mudanças importantes para o Estado, e por último mostra-se firmemente decidido a levar todo este assunto ao conhecimento do Congresso.

Mas as principais fontes de actividade e de inquietação continuavam a ser o imbróglgio georgiano e a constituição da URSS. Uma vez determinada a sua opinião de princípio e registado o seu parecer sobre as pessoas no memorandum de Dezembro, Lenine tinha de actuar, e actuar depressa, a fim de reunir antes da abertura do congresso a documentação necessária para determinar as faltas cometidas e o papel exacto dos responsáveis, dadas as medidas radicais que deviam recair sobre estes últimos. Uma vez mais, podemos situar de forma bastante satisfatória a “grande conspiração” de Lenine graças ao “Diário” e a diversos textos dispersos na 5.^a edição das *Obras*. A 24 de Janeiro, depois de ter terminado e remetido para o *Pravda* o artigo sobre a Inspeção Operária, Lenine chamou Fotieva e pediu o dossiê da comissão investigadora Dzerjinsky sobre a Geórgia. Ignorava que esta questão ia ser debatida de imediato no Bureau Político. No dia seguinte, Lenine pergunta de novo se Staline

115) FOTIEVA, *op. cit.*, pág. 70.

116) *Vejam-se as notas de Fotieva no “Diário” de 1 e 3 de Fevereiro.*

ou Dzerjinsky lhe haviam enviado o dossiê. Entretanto, o Bureau Político aprova nas suas deliberações as conclusões da comissão, condena uma vez mais os georgianos e justifica Ordjonikidze e Staline. A comissão havia aconselhado que Mdivani, Makharadze, Tsintsadze e outros fossem chamados a Moscovo. Este conselho foi aprovado, e Pipes chega a afirmar que a ordem foi efectivada inclusive antes da reunião do Bureau.¹¹⁷

Fotieva conseguiu manter-se ao corrente de tudo o que sucedia nas altas instâncias. Encontraria também a forma de o fazer saber a Lenine, a 3 de Fevereiro, “como por descuido”. Quando Fotieva reclama de novo informes do processo, choca desta vez com uma forte oposição. Dzerjinsky diz-lhe que vá falar com Staline, e Staline não está em Moscovo. Por fim, este informa-o de que não pode entregar-lhe o processo até que o Bureau tenha decidido algo a respeito. Staline interroga Fotieva para saber se não terá dito demasiado a Lenine, que, terminantemente, deve manter-se afastado de qualquer informação sobre os assuntos correntes. Fotieva nega, mas repetirá a conversa a Lenine, que fará esta breve observação, maliciosa e irritada: “*Então o assunto nacional é um assunto corrente?*” Lenine insistiu demasiado para que Staline lhe possa negar o dossiê sem estar coberto pelo Bureau já que, evidentemente, não se tratava de um assunto corrente. Fotieva, sem citar as fontes, refere uma troca de mensagens entre Kamenev e Staline no decurso da sessão do Bureau:

Kamenev: “*Visto que Vladimir Ilitch insiste, creio que será pior negar-lho*”. Staline: “*Eu não sei de nada; que faça o que lhe pareça melhor*”.

Mas, evidentemente, não era isso que desejava, posto que exige que o libertem do encargo de responsável do programa médico de Lenine. O Bureau não se pronuncia e decide enviar o processo a Lenine, sem compreender de todo o que este tenta fazer com ele.¹¹⁸

Lenine queria simplesmente verificar os factos pelos seus próprios meios. Com este objectivo, constitui uma comissão de inquérito privada, formada por Gorbunov, o seu encarregado de negócios no SNK, e pelas secretárias Fotieva e Gliasser. As primeiras questões que esta comissão devia pôr a claro – seguir-se-iam outras à medida que avançasse o estudo do dossiê – eram as seguintes:

- 1) Por que se acusava de desviacionismo o antigo CC georgiano?
- 2) Que se lhe censurava como infracção à disciplina?
- 3) Por que razão o Zakkrajkom era acusado de repressão a respeito do CC georgiano?
- 4) Meios físicos da opressão «biomecânica».

117) PIPES, *op. cit.*, pág. 282 e FOTIEVA, *op. cit.*, pág. 54.

118) FOTIEVA, *op. cit.*, págs. 64-65.

- 5) Linha do CC do PCR na ausência de Vladimir Ilitch e na sua presença.
- 6) Com quem entrou em relações a comissão? Investigou exclusivamente as acusações contra o CC georgiano, ou também as que foram formuladas contra o Zakkrajkom? Estudou o caso da «biomecânica»?
- 7) Situação actual; a campanha eleitoral, os mencheviques, a opressão, a querela nacional.”¹¹⁹

Com estas indicações, e constantemente impulsionados por Lenine, os seus três auxiliares puseram mãos à obra, esperando terminá-la em três semanas. Lenine coloca a Fotieva perguntas cada vez mais precisas, já que a sua inquietação se revela cada vez mais fundamentada, e a responsabilidade das pessoas implicadas mais grave. A 14 de Fevereiro, a comissão recebe novas indicações, que denotam o estado de ânimo de Lenine e a sua resolução de pôr tudo a claro:

“Três noções fundamentais: 1) não é permitido bater em ninguém; 2) as concessões são indispensáveis; 3) não se pode comparar um pequeno Estado com outro grande. “Staline estava inteirado (do incidente)? Por que não reagiu?”

A falta pessoal passa a falha política de máxima gravidade. Mais adiante lemos: *“O qualificativo de «desviacionistas» com o significado de desvio chauvinista e menchevismo demonstra o mesmo desvio nos voikoderjavniki”*. Este termo, que engloba sob uma mesma denominação os homens que Lenine critica, é difícil de traduzir; evoca a ideia de chauvinismo, de egocentrismo de grande potência, de imperialismo. Lenine está agora decidido a suprimir esta tendência adversa do Partido. Em certo sentido, passa de imediato à acção, posto que lança a seguinte ordem: *“Directiva de Vladimir Ilitch: fazer alusão perante Soltz à ideia de que está (Vladimir Ilitch) do lado do mais fraco. Dar a entender a algum dos ofendidos que toma o seu partido”*.¹²⁰ Lenine não deseja pois continuar a guardar segredo nem aparentar neutralidade; pelo contrário, tenta prevenir os interessados. Soltz, posto ao corrente, informou sem dúvida os membros do Bureau Político e provavelmente Staline. Por seu lado, os georgianos devem ter comunicado a notícia a algum dos seus protectores. Esta deve pois ter circulado, de forma bastante limitada ao princípio, mas suficiente para reforçar a vigilância de uma e outra parte. É possível que desaparecessem do dossiê documentos comprometedores em excesso. Não sem

119) *Sotch.*, t. 45, págs. 606-607.

120) *Ibid.*, pág. 107. Estas notas foram redigidas por Fotieva. Soltz era um dos dirigentes da Comissão Central de Controle.

assombro, Fotieva inteira-se por Soltz e escreve o seguinte: “*Camaradas do CC georgiano remeteram-lhe material referente a todo o tipo de vexames cometidos contra os georgianos (partidários do antigo CC do PCG). Quanto ao incidente – a ofensa cometida pelo camarada Ordjonikidze contra Kabanidze –, a comissão central de controle possuía uma declaração da vítima, mas desapareceu. À minha pergunta: «Como, desapareceu?»*, o camarada Soltz respondeu: «*Assim, está desaparecida*». Mas isso não tem importância, já que o CCC dispõe de um informe objectivo de Rykov, que estava presente no cenário dos acontecimentos”.¹²¹ (Sem nos perdermos em detalhes, poder-se-ia pôr em dúvida a objectividade de Rykov, que, a 9 de Dezembro, por ocasião do seu informe a Lenine, não disse nem uma palavra sobre o incidente, do qual Lenine se inteirou pelo próprio Dzerjinsky, três dias depois.)

Lenine espoleta a sua comissão; o seu estado de saúde é precário e quer a todo o custo dirigir um memorandum sobre a questão nacional ao congresso que se avizinha. Contudo, novos elementos podem exigir uma ampliação do inquérito, talvez inclusive o envio de alguém ao local dos factos, coisa que requereria bastante tempo. Qualquer atraso da comissão, disse ele a 4 de Fevereiro a Fotieva, corre o risco de deitar tudo a perder e de provocar nele o maior dos desgostos. Nenhuma nota no “Diário” entre 14 de Fevereiro e 5 de Março. Os apresentadores das *Obras* tão-pouco proporcionam indicação alguma sobre estas três semanas. É provável que Lenine não escrevesse nada durante este tempo, e por outro lado as secretárias estão muito ocupadas com o trabalho na “comissão clandestina”.¹²² Contudo, conhecemos um facto: a 3 de Março a comissão envia as suas conclusões.¹²³ Mas ainda hoje continuamos a ignorar o conteúdo deste documento. Por que não foi ainda publicado pelo Instituto do Marxismo-Leninismo? Terá “desaparecido”, como a acusação de Kabanidze? Até agora, não se sabe nada em concreto. De qualquer modo, os resultados dos trabalhos da comissão devem ter tido o carácter de um combate em toda a regra aos dois últimos dias activos de Lenine. Devem ter levado ao cúmulo a sua amargura e a sua cólera contra os seus companheiros de equipa, e devem ter reforçado nele a convicção de que o assunto georgiano não era senão o indício de um mal muito mais profundo.

Mas as forças declinantes de Lenine não iam permitir-lhe viver por muito tempo numa tal tensão moral e nervosa. Por isso, a doença

121) FOTIEVA, *op. cit.*, pág. 75.

122) Fotieva menciona, contudo, em *Iz vosporninanj... notas tomadas a 10 de Janeiro* (pág. 70) e 16 de Fevereiro (pág. 75). Mas estas não figuram no “Diário”.

123) *Sotch.*, t. 45, pág. 714.

agrar-se-ia de uma maneira fatal. E, efectivamente, sob a acção conjugada do drama que vivia e do processo esclerótico progressivo, Lenine começou a sentir-se muito mal.¹²⁴

Sem dúvida, esta foi a razão que o impulsionou a descarregar sem mais dilação os golpes que preparava desde havia dois meses contra os seus adversários, ainda que fosse um pouco prematuro fazê-lo. Os três primeiros assaltos foram dirigidos contra um só e único objectivo: Staline. Ocultando aos médicos a profunda emoção que o embargava quando tomou estas decisões, disse-lhes, relata Fotieva, que se tratava apenas de umas cartas formais. Chamou Voloditcheva ao meio-dia de 5 de Março e ditou duas cartas.

A primeira, altamente secreta, e escrita num tom afectuoso muito raro em Lenine, era destinada a Trotsky e o seu conteúdo devia ser-lhe comunicado de imediato por telefone. Ei-la:

“Peço-te com insistência que te encarregues da defesa do assunto georgiano no Comité Central do Partido. Este assunto encontra-se actualmente sob a «persecução» de Staline e de Dzerjinski, e não posso fiar-me na imparcialidade deles, antes pelo contrário. Sentir-me-ia tranquilo se consentisses em tomar a teu cargo a defesa; se não consentes, por qualquer razão, devolve-me o dossiê, e verei nisso o sinal do teu desacordo.

*Com a minha melhor saudação de camarada, Lenine.”*¹²⁵

Lenine nada podia fazer sem um aliado. Trotsky não era apenas o único possível, mas também um apoio seguro. Com a protecção de Lenine vivo, Trotsky era ainda invencível nesses primeiros meses de 1923. A fórmula da saudação era tão calorosa que Staline, obrigado a ler esta carta perante o Comité Central em Julho de 1926, quando a sua posição já não podia ser seriamente ameaçada, preferiu, contudo, trocá-la por um simples: *“Com a minha saudação comunista”*.¹²⁶ Esta carta significava uma grande vitória para Trotsky: a conclusão definitiva deste “pacto contra a burocracia” que Lenine lhe havia proposto em princípios de Dezembro e cuja realização havia esperado em vão.¹²⁷ Podia sentir-se também autenticamente consagrado como herdeiro e, portanto, sentir-se seguro quanto ao resultado final da surda intriga que se tramava contra ele desde a doença de Lenine.

Este, depois de ter tomado as decisões políticas, podia agora permitir-se levar mais longe a ofensiva e saldar com Staline uma conta privada. À espera da resposta de Trotsky à sua primeira carta, pôs-se a ditar outra a Staline a respeito da ofensa que este dirigira a Krupskaya, mas

124) Veja-se, “Diário” de 5 e 6 de Março, e TROTSKY, *La Révolution défigurée*, op. cit., pág. 164.

125) *Sotch.*, t. 54, pág. 329.

126) TROTSKY, op. cit., pág. 163.

127) *Ibid.*, pág. 165.

desta vez a fadiga, e também certas dúvidas de ordem táctica, levaram-no a deixar para o dia seguinte a redação definitiva desta difícil mensagem. Lenine perguntou-se sem dúvida se esta intervenção de carácter pessoal não atenuaria o alcance da crítica de princípios, e se era compatível com a sua atitude global. Mas no dia seguinte, ao inteirar-se da resposta de Trotsky, que evidentemente foi positiva,¹²⁸ acabou o ditado, leu-o de novo e pediu a Voloditcheva que levasse a carta a Staline e esperasse pela resposta. Eis o texto glacial desta mensagem, destinada a ferir o mais duramente possível:

*“Ao camarada Staline,
altamente secreto, pessoal,
cópias aos camaradas Kamenev e Zinoviev.*

*Muito respeitável camarada Staline,
Permitiste-te a grosseria de chamar ao telefone a minha mulher e de injuriá-la. Ela esteve de acordo em esquecer o que foi dito. Contudo, comunicou-o a Zinoviev e a Kamenev. Não tenho a intenção de esquecer o que se fez contra mim, e nem tenho que dizer que o que se fez contra a minha esposa é como se tivesse sido feito contra mim”. Esta é a razão de pedir-te que consideres se estás disposto a retirar o que disseste e a apresentar as tuas desculpas, ou se preferes romper as relações entre nós.*

Com respeito, Lenine.”¹²⁹

Neste 6 de Março, à medida que transcorre o tempo, Lenine vai de mal a pior e isso fá-lo queimar etapas. Na véspera, Fotieva e Gliasser, que iam e vinham entre Lenine e Trotsky – imobilizado ele também por um lumbago noutra apartamento do Kremlin –, tinham anunciado a este último que Kamenev partia para o Cáucaso e que ele, Trotsky, podia confiar-lhe, se o desejasse, qualquer encargo.¹³⁰ Não se sabe com exactidão qual era o objectivo da viagem de Kamenev. Mas Trotsky, que havia recebido o memorandum de 20 de Dezembro e outros papéis de Lenine sobre a Geórgia, propôs mostrar estes textos a Kamenev para que de imediato ele pudesse tomar certas medidas no terreno. Fotieva foi colocar o assunto a Lenine, e regressou com uma resposta categoricamente negativa: *“De modo nenhum. Vladimir Ilitch diz que Kamenev mostrará a carta a Staline, que fechará um acordo desigual e o traiçoaará depois”*.¹³¹ Isso sucedia

128) *Veja-se a nossa nota sobre a resposta de Trotsky no anexo VIII.*

129) *Soch.*, t. 54, págs. 329-330.

130) *Ibid.*, pág. 329.

131) TROTSKY, *op. cit.*, págs. 163-164. O “Diário” e as outras fontes a que nos referimos aqui permitem constatar a exactidão do testemunho de Trotsky sobre estes pontos. A única coisa que talvez tenha acontecido é ter-se equivoocado em vinte e quatro horas na cronologia dos factos.

provavelmente pela manhã. Pouco depois da primeira resposta, Fotieva foi ver Trotsky outra vez com novas instruções de Lenine e um exemplar de outra carta. Lenine propunha desta vez que se revelasse tudo a Kamenev, e inclusive que se lhe desse a conhecer esta nova mensagem, dirigida aos supostos desviacionistas georgianos. Eram quatro linhas carregadas de ardor combativo:

“(rigorosamente secreto)

Aos camaradas Mdivani, Makharadze e outros.

Queridos camaradas!

Sigo o vosso assunto com todo o meu coração. Desgostado pela rudeza de Ordjonikidze e a convivência de Staline e de Dzerjinsky, preparo notas e discurso para vocês.

Respeitosamente. Lenine.

6 de Março de 1923.”¹³²

Esta atitude estava longe da irritada resposta que dera aos georgianos a 21 de Outubro. Lenine havia chegado a conclusões diametralmente opostas. Não o ocultava a si mesmo, e isso era mais uma razão para defendê-los.

Trotsky, assombrado pela mudança de Lenine quanto à participação de Kamenev no segredo, pediu explicações. Fotieva disse-lhe o que suponha: *“Provavelmente é porque Vladimir Ilitch se sente pior e se apressa a fazer tudo quanto lhe é possível”*. Pode confiar-se na veracidade de Trotsky quando cita que uma das secretárias de Lenine, provavelmente Gliasser, lhe disse: *“Vladimir Ilitch prepara uma bomba contra Staline”*.¹³³

Apesar do desejo claramente expresso por Lenine de que a carta em que exigia desculpas chegasse às mãos de Staline, Krupskaya hesitou em fazer transmitir a mensagem. É evidente que nesta época já temia o *gensek*. Pediu às secretárias que adiassem o envio da carta. Mas, no dia seguinte, Voloditcheva negou-se a toda a espécie de vacilação: estava obrigada a executar as ordens terminantes de Lenine. Krupskaya buscou conselho antes de decidir-se e, como o fazia com frequência, recorreu ao amável Kamenev. Deve ter sido nesta ocasião que Kamenev se inteirou de que *“Vladimir Ilitch se preparava para esmagar politicamente Staline”*.¹³⁴ Voloditcheva levou então a carta a Staline, que respondeu de imediato pedindo desculpas, como mais tarde se soube graças ao testemunho da irmã de Lenine. Mas Lenine não pôde inteirar-se destas desculpas: nesse

132) *Sotch.*, t. 54, pág. 330.

133) TROTSKY, *op. cit.*, pág. 164.

134) DEUTSCHER, *op. cit.*, pág. 90.

dia, 7 de Março, foi vítima de um grave ataque. O seu estado agravava-se perigosamente. A 10 de Março, tinha metade do corpo paralisado. Lenine já não voltou a recuperar a fala.¹³⁵

A vida política de Lenine havia terminado. Tinha só cinquenta e três anos e morreria onze meses depois, a 21 de Janeiro de 1924. O seu organismo de ferro não havia cessado de travar um combate desesperado.

135) *Veja-se no anexo X a nossa nota sobre a doença de Lenine depois da recaída de 10 de Março.*

CAPÍTULO VIII

A RÚSSIA ENTRE OCIDENTE E ORIENTE

A parte mais característica e surpreendente da evolução de Lenine ao longo dos últimos oitenta dias durante os quais pôde ainda conceber ideias e expressá-las, é a que se refere às reflexões sobre indivíduos. Contudo, estas reflexões são apenas, de certo modo, derivações. Lenine não perde de vista os problemas globais que o seu Estado deve enfrentar.

E, naturalmente, a análise principal, a que permite integrar todos os outros dados, apreciar as grandes tendências da evolução e ponderar, por parte dos dirigentes, as razões para confiar ou para temer, é a da política mundial. Contudo, a situação desenvolvia-se então precisamente em direcção contrária à que os bolcheviques previram depois do êxito da tomada do poder. Não se havia produzido nenhuma revolução nos países ocidentais. Nos sítios onde tinha estado a ponto de triunfar, os seus partidários não podiam agora levantar cabeça. Entre os outros países, os principais haviam adquirido uma estabilidade inesperada e a possibilidade, segundo parecia, de poderem oferecer aos seus proletários vantagens tais que as perspectivas revolucionárias no Ocidente pareciam esfumar-se de momento. Por isso, e consciente do isolamento da Rússia, Lenine procura apoio noutras partes. E voltar-se-á para o Oriente com crescente confiança.

Observava naquela zona o começo de um processo de imenso alcance. Sob a pressão da mesma força que travava e oprimia a Alemanha, as massas asiáticas entravam na era capitalista, mas penetravam ao mesmo tempo num período de comoções revolucionárias de carácter nacionalista e anti-imperialista. É aí que Lenine entrevê a longo prazo o fim do isolamento russo, com a esperança de um renascimento das forças revolucionárias no mundo:

*“O resultado da luta depende em última instância do facto de a Rússia, a Índia, a China, etc., formarem a imensa maioria da população do globo. E é precisamente esta maioria de população que, desde há alguns anos, é impulsionada com incrível rapidez para a luta pela libertação. A este respeito, nenhuma dúvida pode haver quanto ao resultado final da luta à escala mundial.”*¹³⁶

136) *Sotch.*, t. 45, pág. 404. Veja-se anexo IX.

Ainda que o resultado final continue a ser hoje uma incógnita, a conjectura era acertada quanto à dinâmica da história contemporânea. Com um sentido profundo das realidades, Lenine prevê igualmente que o desenvolvimento do processo revolucionário adquirirá no futuro formas ainda mais específicas e desconcertantes, para os defensores de um marxismo demasiado esquemático, do que as que havia conhecido na Rússia. Neste contexto, Lenine examina o carácter específico da revolução russa. Explica-o pela posição da Rússia entre o mundo da civilização capitalista e o Oriente asiático, com uma preponderância de elementos orientais, naquele momento. Às vezes busca-se a explicação do desenvolvimento do fenómeno estalinista numa herança oriental: esta interpretação é bastante leninista. Não deixa de ter interesse citar a este respeito um parágrafo do texto “Sobre a nossa Revolução”, escrito contra as teses dos social-democratas. Estas não tomam em conta o facto de que *“a Rússia – situada entre os países civilizados e os países que esta guerra leva pela primeira vez definitivamente à civilização quer dizer, todo o Oriente, os países extraeuropeus – podia, e, por conseguinte, tinha que mostrar alguns traços particulares, inscritos evidentemente na maré geral da evolução mundial, mas de tal natureza que diferenciavam a sua revolução de todas as revoluções anteriores da Europa Ocidental, e que continham em relação a estes elementos novos próprios dos países orientais”*.¹³⁷

Isso constitui uma fonte de dificuldades e de fraqueza. Durante um quarto de século, arrastará a Rússia para um sistema que alguns gostam de caracterizar com o conceito de “modo de produção asiático”. Mas, ao mesmo tempo, era também quase uma vantagem estratégica: a face ocidental da Rússia era demasiado débil para poder desencadear revoluções no Ocidente, mas a sua face asiática parecia ter melhores condições para desempenhar o papel de acelerador e de modelo entre as multidões orientais. Lenine estava seguro disso, mas para um futuro longínquo. O problema do estadista consistia em responder a esta pergunta: Como resistiria a Rússia até à chegada destes reforços? Lenine não ocultava aos seus concidadãos que o jogo estava longe de haver sido ganho, e é preciso assinalar que as suas declarações eram publicadas nos grandes periódicos. Era possível que a Rússia soviética beneficiasse durante muito tempo da luta entre Ocidente e o Japão, que tinha actuado o seu favor durante a guerra civil? Lenine não quer pronunciar-se. Não poupa as profecias optimistas quanto à sabedoria da história em geral, mas abstém-se prudentemente de formular previsões demasiado tranquilizadoras para o futuro imediato.

137) *Ibid.* pág. 379.

Note-se que a perspectiva de Lenine neste campo não é a que adoptaram os seus sucessores, quer dizer, a que se expressa na tese do “socialismo num só país”. Pelo contrário, trata-se de *proderjatsija*, de resistir até à chegada de reforços e, entretanto, de construir, não imediatamente, o socialismo, mas uma sociedade de transição. Em “Mais vale menos mas melhor”, Lenine afirmou: “*Não somos suficientemente civilizados para poder passar directamente ao socialismo*”. A ideia central deste artigo, que contém a quintessência do legado que queria deixar ao seu povo antes de morrer, é que os objectivos devem ser mais modestos, mais realistas, menos ambiciosos; há que desconfiar da megalomania. Mas este realismo não conseguia ainda desvanecer o mal-estar que a situação específica da revolução russa provocava entre os seus mais ferventes promotores. Era paradoxal, aberrante mesmo, que o poder proletário se visse na impossibilidade de abordar as tarefas para as quais havia nascido. Por muito ocupado que estivesse em assegurar a sobrevivência prática da revolução, Lenine sentia também este mal-estar e, em consequência, esforçava-se por demonstrar a legitimidade da revolução nos termos da teoria marxista. Estando os marxistas persuadidos de que podiam prever melhor que ninguém o curso da história, era embaraçoso para eles que os acontecimentos na realidade não se parecessem com determinados clichés estabelecidos.

Com efeito, a revolução russa encaixava tão mal na interpretação mais corrente do marxismo, parecia tão “antimarxista” aos seus adversários, que os mencheviques, derrotados e esgotados na arena da acção histórica, especialmente graças ao génio político de Lenine, podiam, contudo, brandir contra ele os termos da doutrina com um sentimento de superioridade. A tomada do poder político na ausência de uma infra-estrutura adequada, a ditadura do proletariado quase sem proletariado, monopolizada por um partido no seio do qual este era minoritário, a readmissão do capitalismo depois de uma revolução pretensamente socialista, a onnipotência de uma enorme máquina estatal burocratizada à medida dos seus desejos, e tantos outros actos inegáveis que desafiavam a doutrina e a sensatez. E era aqui que agora a aposta se fazia sobre as massas pré-capitalistas do Oriente, em lugar de contar com o Ocidente civilizado! No seu leito de enfermo, Lenine estuda estas críticas. A resposta do teórico não é mais ortodoxa que a acção do estadista.

“E se a situação absolutamente sem saída, ao decuplicar as forças dos operários e dos camponeses, nos ofereceu a possibilidade de proceder à criação das premissas essenciais da civilização: ao contrário do que fizeram todos os outros Estados da Europa ocidental? [...]

[...] Se, para criar o socialismo, é preciso ter alcançado um nível de

cultura determinado [...], por que não tínhamos que começar por conquistar de forma revolucionária as condições prévias deste nível determinado para, depois, valendo-nos do poder operário e camponês e do regime soviético, pormo-nos em movimento e alcançar os outros povos?"

Ainda há mais; fazendo uma citação um tanto surpreendente, Lenine acrescenta: *"Recordo que Napoleão disse: On s'engage... et puis on voit"*.¹³⁸ A Rússia soviética contemporânea, seguida pela China ou Cuba, demonstrou com actos que se podia conquistar o poder primeiro e dedicar-se a alcançar o nível das outras nações depois. Contudo, a máxima *"On s'engage... et puis on voit"* não deixa de ser ambígua. Lenine, marxista em toda a sua mundivivência e no seu sistema de compreensão das realidades sociais, partidário de uma acção sempre em função do estado de maturidade das forças sociais, apartado de todo o espírito aventureiro, parece dizer ao mesmo tempo que o momento da tomada do poder e a maneira de tomá-lo não podem ser estritamente calculados em termos de uma análise histórico-social teórica. O acto revolucionário, como toda a política, é em certo sentido uma arte, na qual o realismo se mescla intimamente com o amor ao risco. Nenhuma revolução concordava por completo com a teoria que a precedera e tendia a realizá-la. Por esta razão, a mensagem de Lenine aos futuros revolucionários, ainda que pareça quase uma chamada à aventura, exige sobretudo que se prescindia de clichés, qualquer que tenha sido a sua utilidade no passado. Neste sentido, contém uma advertência implícita contra os clichés que puderam ter origem nas próprias teorias leninistas.

Tudo isto não era fácil de dizer, e Lenine não teria sentido este curioso desejo de justificar a sua vitória se estivesse seguro da sobrevivência do seu regime. Não era o caso. A revolução ainda podia ser esmagada e, a ser assim, Lenine não sabia como a julgaria a história.

O estudo dos problemas internacionais não esgotava a lista de perigos que assediavam o Estado soviético. Ver-se-ia obrigado a manobrar em circunstâncias cada vez mais complicadas.¹³⁹ Então, posto que se havia decidido resistir todo o tempo que fosse preciso, mediante que programa, por meio de que reformas internas tal seria conseguido?

O tumor burocrático inquietava, certamente, Lenine mas, a seu ver, não era daí que vinha a ameaça mais grave: uma ruptura entre os operários e os camponeses seria o fim da revolução. A análise, fundada quase sempre na existência de duas classes fundamentais, teria que integrar, com a NEP, uma terceira: a burguesia. A perspectiva era ainda mais

138) *Ibid.*, págs. 380-381.

139) *Ibid.*, págs. 343-344.

sombria. Ao propor-lhe um aliado eventual, tornava-se mais palpável o risco de defecção do campesinato. A alternativa era então a seguinte: “A sorte da nossa república dependerá no fim de contas disto: a massa camponesa, fiel à sua aliança com a classe operária, marchará com esta, ou permitirá que os nepmany, a nova burguesia, a desuna, a separe dos operários?”¹⁴⁰ A aliança em que se apoia a existência do regime é precária, Lenine não o oculta. Certamente, o pequeno e o ínfimo campesinato, nascidos da revolução, confiam no sistema soviético: “Não obstante, com esta confiança na revolução e só com esta, não nos é fácil resistir até à vitória da revolução socialista nos países mais avançados”.¹⁴¹ O campesinato está demasiado atrasado para que se possa contar com o seu apoio seguro, tanto mais que a guerra civil e a intervenção estrangeira fizeram retroceder a economia do país.

Uma base social como a descrita compromete ao mesmo tempo a estabilidade do Estado e a do Partido. E a do Partido está já ameaçada pela possibilidade de uma repentina cisão provocada por um choque entre os chefes. De novo, Lenine sente a necessidade de justificar-se do ponto de vista da doutrina quanto à importância que dá às relações entre as personalidades para o desenvolvimento da história, importância que um dogma sociológico difundido pelo pai do marxismo russo, Plekhanov, havia minimizado. Uma vez mais, Lenine tinha razão.

Aos alvares da aliança, por um lado, ao perigo de cisão no Partido, por outro, é preciso opor medidas a longo prazo e, por outra parte, uma reorganização imediata dos escalões superiores da máquina governamental. Neste âmbito, os projectos de Lenine devem ser considerados como medidas de urgência, mesmo quando a maioria deles só puderam dar fruto ao cabo de bastante tempo. Os dois tipos de remédios vão juntos, a eficácia e o menor custo possível da máquina governamental deviam contribuir para atrair os camponeses. É preciso conquistar o camponês, evidentemente, mas não por meio da propaganda comunista. O Partido é posto em guarda contra uma empresa deste tipo:

*“Isto não deve tomar-se no sentido de que deveríamos levar de imediato ao campo as ideias comunistas puras e simples. Enquanto não tivermos uma base material para o comunismo nas aldeias, pode dizer-se que seria realizar um trabalho nocivo, um trabalho nefasto para o comunismo.”*¹⁴²

Lenine pensa num sistema de iniciação graças ao qual as células operárias das cidades difundiriam no campo a influência urbana e soviética, na condição, contudo – já que Lenine conhecia o seu mundo – que

140) *Ibid.*, págs. 387-388.

141) *Ibid.*, págs. 387-388.

142) *Ibid.*, pág. 367.

esta espécie de patrocínio fosse totalmente voluntário e não se transformasse por sua vez num corpo burocratizado.

Talvez pudesse definir-se globalmente o programa de Lenine a respeito do campesinato na consigna: “revolução cultural”. Este conceito, na actualidade muito em voga num país que diz ser leninista, caracteriza-se antes de tudo em Lenine por um realismo e um antidogmatismo que poderiam indubitavelmente ser qualificados de exacerbados. Lenine ridiculiza sem piedade todos os que tagarelam sobre a “cultura proletária”, quando se vive num “estado de incultura semi-asiático”; seria preferível pretender simplesmente uma cultura, e inclusive, mais modestamente, o saber ler e escrever. Antes de dissertar de forma sábia sobre a cultura proletária, há que tratar de alcançar o nível de um país ocidental médio: *“Para começar bastar-nos-ia possuir uma autêntica cultura burguesa; para começar bastar-nos-ia livrar-nos de dois tipos particularmente tenazes da cultura pré-burguesa, quer dizer, do tipo burocrático e do tipo feudal. Nesta matéria, a precipitação e a temeridade são o mais nocivo”*.¹⁴³ Ainda que este programa se denomine “revolução”, a sua execução ocupará um longo período histórico. É uma obra de longa duração; há que decorrer *“toda uma época de desenvolvimento cultural da massa popular”*. *“Isso é a única coisa que falta à Rússia para passar ao socialismo”*, dirá Lenine em “Da cooperação”.

Esta tarefa deve ocupar o centro das preocupações do regime. O professor da escola popular deve revestir-se de um prestígio novo e gozar de certos privilégios materiais (nessa época: abastecê-lo de pão de forma prioritária). Este aspecto do programa de Lenine permanecerá entre os mais utópicos da sua grande empresa: o pedagogo de aldeia manter-se-á durante longo tempo na URSS numa situação bastante desfavorável.

O programa socioeconómico de Lenine para o âmbito rural, o seu “plano cooperativo”, aparece intimamente ligado à “revolução cultural”; a sua importância aumenta graças a esta. Mas trata-se além disso de uma obra de longa duração.

Aos olhos de Lenine, a NEP é e deve continuar a ser por muito tempo o marco socioeconómico acessível ao camponês, compreensível para ele e adequado aos seus interesses. Antes de morrer, Lenine faz finca-pé sobre o carácter de autêntico princípio dirigente desta ideia, durante um longo período de transição e, *“em suma, tudo o que devemos fazer sob o regime da NEP, é agrupar em cooperativas camadas suficientemente amplas e profundas da população russa”*.¹⁴⁴ Neste ponto era preciso colocar a questão da correspondência de uma concepção deste tipo com os objec-

143) *Ibid.*, pág. 389.

144) *Ibid.*, pág. 370.

tivos socialistas do regime. Lenine sempre tinha considerado o cooperativismo como essencialmente burguês; por esta razão era razoável perguntar-se se as tendências capitalistas da NEP não reforçariam este suposto carácter do movimento cooperativista camponês. Em relação a isso, Lenine realiza uma total mudança doutrinal. Crê que o cooperativismo é o bom sistema para levar a classe camponesa às estruturas socialistas. Crê nisso com tanta firmeza que o cooperativismo ocupa então nos seus projectos o lugar que o capitalismo de Estado deixou vago, e que Lenine abandonou depois do seu fracasso na prática. Devido a o poder e os principais meios de produção se encontrarem agora nas mãos da classe operária, o cooperativismo deixou de ser uma instituição essencialmente burguesa e mercantil como tinha sido antes. Ia ser uma instituição socialista cujo crescimento correria a par com o do socialismo. Este sistema permitiria que todos os camponeses participassem na construção do socialismo por meio de procedimentos que lhe fossem familiares. Parecia ter-se encontrado o bom caminho: *“Propriamente falando, só necessitamos de fazer que a nossa população seja bastante «civilizada» para compreender todas as vantagens que oferece uma adesão generalizada às cooperativas, e para organizá-la. Só isso. Esta é toda a sabedoria de que necessitamos na actualidade para passar ao socialismo”*. Passar ao socialismo significa fazê-lo ao final do longo período necessário para a realização do primeiro objectivo. Em função da sua nova estratégia cooperativista, Lenine redefine assim o socialismo em geral: *“O regime dos cooperativistas civilizados, quando os meios de produção pertencem à sociedade e o proletariado como classe triunfou sobre a burguesia, é o regime socialista”*.¹⁴⁵ Lenine não tem tempo de desenvolver esta ideia no seu artigo, que é perfeitamente claro no seu conjunto. Os únicos parágrafos algo confusos são os que tentam explicar segundo que moldes seria socialista uma cooperativa (e não sabemos de que tipo: de consumo, de venda ou de produção?), e tão socialista como uma empresa estatal, carácter que não oferecia nenhuma dúvida a Lenine. Esta mudança de doutrina coloca tantos problemas como os que resolve. Por exemplo, Lenine não fala de cooperativas de produção; as funções daquelas que ele projecta seriam principalmente comerciais. O camponês e o comerciante russo *“exercem o comércio à maneira asiática; ao passo que, para ser um autêntico mercador, é preciso comerciar à europeia”*; o cooperativismo permitirá aos camponeses transformar-se em *“comerciantes inteligentes e civilizados”*. Para Lenine este seria então um dos sinais que demonstraria que a Rússia teria conseguido percorrer todo o intervalo de tempo que a separava dos países evoluídos.

145) *Ibid.*, pág. 373.

O socialismo ia ser um regime de “comerciantes civilizados”? Seguramente não era assim que Lenine entendia a questão. Os termos “socialismo” e “comunismo” têm para ele uma aplicação tão ampla que não sente escrúpulos em empregá-los agora pela sua carga revulsiva e o seu valor propagandístico, sem preocupar-se, em reflexões que se referem essencialmente à estratégia política a meio prazo, com a exactidão científica do emprego destas palavras. O mesmo artigo proporciona a chave para compreender a maneira algo desenvolta como trata este género de conceitos. Ao justificar-se por ter abandonado a noção de capitalismo de Estado perante certos comunistas mais ciosos que ele da pureza doutrinal, e que tinham criticado constantemente o seu uso, diz: *“Não se deram conta de que o que sempre me preocupou é a finalidade prática”*. Esta é a razão pela qual, nestes textos, as tarefas imediatas mais importantes foram baptizadas indistintamente com os nomes de “socialismo” ou de “comunismo”. Ao ser o cooperativismo, a seu ver, uma empresa de importância capital, concede-lhe com liberalidade executória uma nobreza para incitar as altas esferas do Partido a prestar-lhe a necessária atenção. Toda a ordem social nasce com o apoio de uma classe determinada, explica Lenine; era de utilidade apoiar o sistema cooperativo, a circulação cooperativa, concedendo-lhe créditos e vantagens. Isso era o que Lenine desejava que se fizesse mas, neste terreno, os seus sucessores iam-no secundar embora só de forma muito parcial.

CAPÍTULO IX

PARA UMA REFORMA DAS ESTRUTURAS GOVERNAMENTAIS

A reforma das estruturas governamentais é o tema desenvolvido com mais amplitude nos projectos de Lenine, já que o poder político é quase a única alavanca que os bolcheviques têm para impor uma direcção socialista ao desenvolvimento da sociedade russa. Com efeito, uma orientação deste tipo não está ainda na ordem dos movimentos espontâneos desta sociedade. A ferramenta, se se utilizasse mal, corria o perigo de escapar das mãos que a seguravam. Lenine, desde o final da guerra civil, não cessava de repetir: *“Aprendamos a governar”*.

Para lutar contra todas as tendências prejudiciais, para tentar dar remédio a todas as enfermidades do aparelho estatal do Partido, Lenine só via um ponto de partida: organizar de forma exemplar a elite comunista e, antes de tudo, a cabeça do Partido. A renovação teria de partir daí. De momento, até os grandes comissariados funcionavam mal. Lenine não os poupa às mais severas críticas.

Havia algo ainda pior: estava inquieto pelo funcionamento do seu próprio Sovnarkom, o que explica que, no decorrer do ano de 1922, consagrasse uma parte importante do trabalho que ainda podia realizar à organização das funções dos seus adjuntos e, através deles, de todo o governo central. Descobre com horror que o Sovnarkom instituía cento e vinte e cinco comissões, quando, segundo ele, dezasseis seriam perfeitamente suficientes para levar a cabo as mesmas tarefas.

Por outro lado, de regresso ao trabalho depois de um período de doença, Lenine dá-se conta de que, durante a sua ausência, as duas máquinas, o governo e o Partido, deixaram de trabalhar sincronizadas e começaram a trabalhar em paralelo ou a girar no vazio, com manifesta tendência dos altos funcionários, os comissários incluídos, de fugir às responsabilidades, ora escudando-se atrás das cento e vinte e cinco comissões, ora passando para o Bureau Político qualquer problema, por mínimo que fosse, e às vezes inclusive questões de rotina.

A recomendação mais importante, dada a 23 de Dezembro pela primeira vez, era a de aumentar até cinco o número de membros do Comité Central. Com isso, Lenine propunha-se amortizar os choques

entre os principais chefes, reabilitar o prestígio do Comité Central – muito necessitado disso – e confiar-lhe uma tarefa que até então não era sua: reconstruir todo o aparelho estatal numa nova base.¹⁴⁶

Lenine não explica por que razão o Comité Central tem necessidade de ser reabilitado, mas não é difícil compreender que, perante os outros vinte membros deste organismo, os sete Grandes do Bureau Político gozavam de uma influência excessiva. Depois do XI congresso, estes sete foram Lenine, Staline, Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Tomsky e Rykov.¹⁴⁷ Na segunda etapa do seu plano, Lenine proporá que se constitua, ao lado do Comité Central ampliado, uma Comissão Central de Controle que abarcaria de setenta e cinco a cem membros e que estaria encarregada precisamente de assumir as tarefas de construção do aparelho estatal. A ideia inicial era que os novos membros fossem eleitos entre os operários, mas esta cláusula será finalmente abandonada, posto que as tarefas que deviam ser-lhes cometidas eram demasiado complexas para que os operários das fábricas as levassem a bom termo.

O Comité Central e a nova Comissão Central de Controle constituirão em conjunto o novo Comité Central, importante assembleia de cento e cinquenta a duzentas pessoas, que passaria a ser na realidade uma Conferência do Partido e se reuniria seis vezes ao ano. Por outro lado, o presidium da Comissão Central de Controle participaria nos trabalhos do Bureau Político, como colaborador e como fiscalizador ao mesmo tempo, e velaria pelo funcionamento regular do Comité Central e do Bureau, examinando todos os documentos, etc., sem consideração de pessoas, mesmo que se tratasse do *genssek*.

O Comité Central, reforçado desta forma, seria dotado de poderes mais amplos. Mas, por último, de donde procederia a iniciação e o método para a criação de um corpo eficaz de funcionários? Lenine recorre à instituição da qual fora promotor noutra ocasião, mas que o havia decepcionado profundamente: a Inspeção Operária e Camponesa, que designaremos na sua sigla russa com as três letras RKL. Esta organização tinha a tarefa de controlar o trabalho dos organismos governamentais e administrativos. Sob a direcção de Staline, comissário de controle, desde Março de 1919 até 25 de Abril de 1922, transformara-se num corpo plétórico e muito burocratizado, que compreendia uns doze mil funcionários, entre os quais figuravam poucos operários: o *tchinovnik* havia conseguido

146) Estas ideias serão reassumidas por Lenine nos seus artigos “Sobre a Inspeção Operária e Camponesa” (cuja primeira versão está reproduzida em *Sotch.*, t. 45, págs. 442-450) e em “Mais vale menos, mas melhor”, reproduzido aqui no anexo IX.

147) Assim como quatro suplentes, entre eles Bukharine e Kuybychev.

apoderar-se muito depressa das instituições destinadas precisamente a combater a burocracia.

Trotsky havia começado a acusar a RKI desde princípios de 1922. Nessa altura, Lenine ainda defendia este comissariado e, portanto, indirectamente, também o seu chefe, mas nos seus últimos textos descreve-o como um foco de inépcia, um *“assunto sem esperança”*: *“Não existe outro comissariado pior organizado que este e nem sequer possui uma sombra de autoridade”*. Estes dardos lançados a Staline através do comissariado do qual fora responsável estão sem dúvida na origem de o artigo *“Mais vale menos, mas melhor”*, cuja redação estava terminada a 10 de Fevereiro, só ser publicado no Pravda e 4 de Março.¹⁴⁸

Era preciso livrar-se quanto antes de todo este parágrafo, para conservar no seio do comissariado apenas três ou quatro centenas dos melhores especialistas em métodos científicos de gestão e organização do trabalho, recrutados entre os antigos funcionários da RKI ou noutra parte. Desta maneira poderiam desempenhar um papel pedagógico ante os novos membros do Comité Central. Por outro lado, em tudo o relacionado com as administrações governamentais, a nova RKI unir-se-ia à Comissão Central de Controle numa espécie de comissariado modelo que agruparia *“tudo do melhor da nossa ordem social”*. Portanto, os seus especialistas gozariam ao mesmo tempo de uma situação material privilegiada e de um grande prestígio, graças a uma fusão parcial com as altas esferas do governo.

Eventualmente, a nova Comissão Central de Controle seria ao mesmo tempo uma espécie de academia ou de instituto, já que dedicaria parte do seu tempo ao estudo dos métodos de gestão, controle e racionalização do trabalho, sob a direcção de peritos na matéria. A partir daí, este CCC-RKI, com os seus quinhentos peritos e membros da Comissão Central, passaria a ser uma instituição dotada da mais alta capacidade de trabalho, de uma eficácia e de um nível sem igual no Estado, um singular supercomissariado de organização e supervisão, encarregado de difundir os bons métodos em todos os níveis da administração pública. Aprender a governar e ensiná-lo à máquina administrativa, ganhar assim a confiança dos camponeses e reduzir ao mínimo os riscos de ruptura da *“aliança”*, prevenir o perigo de cisão *“acidental”* do Partido, ajudar

148) Segundo DEUTCHER, *op. cit.*, págs. 88-90, a maioria do Bureau opunha-se à publicação; inclusive Kuybychev havia proposto imprimir, para uso de Lenine, um número especial do Pravda com o artigo em questão. Mas Trotsky insistiu para que o artigo fosse publicado normalmente, e a sua ideia triunfou finalmente, com o apoio de Kamenev ou de Zinoviev.

o Estado a manobrar mais folgadoamente no campo internacional, “estas são”, diz Lenine, “as grandes tarefas que sonho para a nossa Inspeção Operária e Camponesa. É por isso que projecto para ela a fusão do organismo supremo do Partido com um «simples» Commissariado do Povo”. O último artigo que Lenine escreveu termina com estas palavras.

Lenine, que se considerava marxista ortodoxo, que utilizava indubitavelmente o método marxista para analisar os fenómenos sociais e que abordava o problema internacional em termos de classes, comporta-se, contudo, no seu programa, como um chefe executivo guiado por um estrito sentido de elite, no que se refere aos problemas de governo. Não aplica ao acto de governar os métodos de análise social, e limita-se a examiná-lo sob o ângulo das técnicas de organização. Isso não é mais que o resultado da situação do poder soviético em princípios do ano de 1923, posto que, repetimos, o poder político – sobretudo com a NEP – era o único instrumento de acção que continuava nas mãos dos bolcheviques. Este facto inesperado, que inquietava a quem detinha o poder, era a primeira manifestação de uma das características mais originais da nossa época: a supremacia dos factores políticos, a enorme influência dos governos sobre a economia e a sociedade em geral. O leninismo era mais apto que outras escolas do marxismo para compreender esta verdade, posto que o seu voluntarismo punha a ênfase na consciência política e na possibilidade de inculcar os seus princípios às forças sociais.

O sentido de elite de Lenine apenas traduzia a sua adaptação a uma situação em que a principal força do regime era uma minoria, e dispunha-se a utilizá-la ao máximo para que servisse de detonador ao processo de transformação social de todo o país. Mas, nesta ordem de ideias, o pensamento de Lenine encerra alguns pontos débeis; diminui a sua vigilância em relação a algumas tendências perigosas que, precisamente, muito depressa predominarão no topo do poder.

É verdade que as circunstâncias tinham sido de tal ordem, até fins de 1921, que era lógico que a preocupação principal de Lenine fosse defender o poder, conquistado à custa de tanta audácia e de tantos sacrifícios, mais do que organizar a defesa contra o poder, contra a hipertrofia da ditadura. A questão devia ter-se colocado em 1922, mas escapou-lhe, como aconteceu com a questão nacional “quase por completo”, para o dizer com as suas palavras. Lenine, prisioneiro da doença, mas também da sua própria máquina governamental, vê-se por fim diante do problema tão difícil, e talvez insolúvel a curto prazo, dos travões e das garantias necessários para assegurar a saúde política e moral da ditadura. Neste momento não se pode confiar nas forças sociais que deveriam participar no seu funcionamento, visto que Rússia primeiro

tem de instruir-se. Os operários, em especial, “quiseram dar-nos um aparelho melhor, mas não sabem por onde começar, não têm o nível necessário.”¹⁴⁹ Os camponeses, pelo contrário, devem ser vigiados. Por este motivo, Lenine opõe-se duramente a tudo o que, de perto ou de longe, evoque a democracia burguesa. Poderia ter tirado proveito de uma reflexão mais madura, mas, de imediato, essas práticas teriam levado rapidamente à exclusão dos bolcheviques do poder. Este é o motivo de ele voltar à elite, à qualidade dos seus homens, à espera de que o país adquira uma cultura.

Se todo o edifício repousa assim sobre uma base “idealista”, sobre a qualidade dos quadros superiores, e não sobre a força e a consciência da classe operária, esta atitude, por frágil que seja, e inesperada que seja num marxista, responde perfeitamente à situação com que Lenine tem de confrontar-se. Noutros países iam apresentar-se mais de uma vez problemas análogos de estruturas, que dariam lugar à mesma tentativa de solução. Neste sentido e nesta medida, o “testamento de Lenine” conserva um interesse actual, ao propor uma política de quadros governamentais. Mas é preciso interrogar-se com mais amplitude e afrontar com lucidez o outro aspecto da realidade do poder, a burocracia, essa burocracia de que padecem os países em vias de desenvolvimento que escolheram para desenvolver-se métodos estatais e centralistas.

Lenine combatia ferozmente a burocracia, mas não a analisava o suficiente em profundidade. Admitia que compreendia ainda defeituosamente este problema: “É uma questão que ainda não podemos estudar”.¹⁵⁰ As mais das vezes, Lenine quer ver nela uma herança do antigo regime. A explicação, sem ser falsa, é, sob todos os aspectos, insuficiente. A burocracia ia transformar-se, por outro lado, num traço tão característico da realidade soviética, ajustando-se até tal extremo ao sistema, pela sua composição e pelos seus métodos, que os elementos do passado depressa perderam qualquer importância. É preciso procurar noutra parte.

O crescimento incessante do número de funcionários e da sua influência na vida do país era alimentado pela conjugação dos factores inerentes a um país atrasado e por uma necessidade real de novas administrações ou de administrações adicionais, engendrada pela economia em desenvolvimento e pela planificação centralista. Por isso – e Lenine

149) *Sotch.*, t. 45, págs. 390-391. A primeira versão dos textos sobre a RKI diz que os operários deverão representar a força essencial do novo Comité Central e da Comissão Central de Controlo. O artigo publicado pelo *Pravda* já fala menos disso. Em “Mais vale menos, mas melhor”, a ideia da preponderância dos operários nas novas instituições está totalmente abandonada.

150) *Ibid.*, pág. 251.

não se deu conta – a burocracia passou a ser a autêntica base social do poder. Não é possível a existência de um poder político “puro”, privado de qualquer base social. O poder deve encontrar uma base social que não seja constituída unicamente pelos aparelhos de coação. O “vazio” em que parecia suste-se o regime soviético avolumou-se com rapidez, embora os bolcheviques não se dessem conta ou não quisessem dar-se conta. O período estalinista poderia caracterizar-se pela substituição da base social inicial do poder, constituída pela classe operária, parte dos camponeses mais pobres e alguns estratos da “*intelligentzia*”, pela burocracia.

Sendo Staline, como o próprio Lenine, um técnico do poder, mas faltando-lhe a envergadura intelectual e moral deste e desprovido dos escrúpulos dos “quadros europeus do Partido”, não lhe custava nada incorporar nos seus projectos todas as emendas de Lenine tendentes a um sentido idealista, internacionalista ou socialista, pois dava por certo que muitas coisas seriam letra morta e que a realidade, tal como ele a compreendia, ia prevalecer. Deste modo, todos os projectos aos quais Lenine atribuía tanta importância – ampliação do Comité Central, criação da grande Comissão Central de Controle e fusão com a RKI – serão aceites e realizados; mas estas criações, ao já não estarem animadas pelo espírito em que haviam sido concebidas, só servirão para facilitar a vitória das tendências que Lenine queria combater.

Se o regime de Lenine terminou apoiando-se numa força, a burocracia, que este abominava, isso é só fruto de uma situação em que um regime novo impôs um esforço de desenvolvimento a um país atrasado, onde as forças sociais vitais eram débeis, indiferentes ou hostis. Se Lenine não previu este fenómeno, isso deve-se a que a sua análise social se fundamentou apenas em três classes: os operários, os camponeses e a burguesia, sem ter em conta o aparelho estatal como um estrato social diferenciado num país que nacionalizava os ramos essenciais da economia. Um grande historiador censura a Lenine o desconhecimento do papel das administrações numa sociedade moderna... ou, digamos, em vias de modernização.¹⁵¹

Esta censura justifica-se na medida em que Lenine confundia os aparelhos com o reinado do *tchinovnitshivo* de tipo czarista. Mas já havia abordado a questão no ano de 1918, ao favorecer as administrações contra as tendências anarco-sindicalistas dos operários; em 1923, os seus projectos de reorganização demonstram que estava cada vez mais consciente do problema.

151) CARR, *Socialism in One Country*, t. II, pág. 200.

Abordou de novo a questão de outro ângulo. Lenine continua a analisar o Partido na sua função de “vanguarda do proletariado”. Mas o Partido é composto por uma minoria de operários que, além disso, não desempenham nele um primeiro papel, e isso inquieta Lenine. A composição do Partido reflecte mais ou menos a situação das forças sociais do país. No seu seio, assim como no conjunto do regime, a tendência geral que mais tarde reforçará o seu “monolitismo” vai na direcção da burocratização, que se expressa especialmente pela preponderância das funções executivas e pela estrutura piramidal do aparelho. É o processo de transformação de um partido político num aparelho de poder. Staline apercebe-se da tendência e, longe de travá-la como queria Lenine, aceita-a, apoia-se nela e robustece-a.

No termo da vida, Lenine vê cada vez mais claramente estes problemas, uma vez que a intenção implícita ou explícita de todos os seus projectos é opor-se às tendências que despontam no regime e que, depois da sua morte, vão triunfar. Teria sido preciso que vivesse mais para demonstrar que podia mudar substancialmente algo, mas, neste caso, haveria de ter de superar também uma série de pontos débeis existentes na sua análise e no seu raciocínio; não via ainda com toda a clareza os fenómenos de que fala no seu “testamento”.

Vemos, por exemplo, que a CCC-RKI que ele projecta deve ser independente dos outros organismos da cúspide governamental, o que, em teoria, está garantido pelo seu vínculo directo com o Congresso do Partido e pela sua responsabilidade exclusiva perante esta assembleia. Contudo, Lenine não dedica nem uma palavra ao Congresso e ao seu papel, o que constitui uma importante lacuna. Isso talvez possa explicar-se devido a o Congresso ter sido até então uma autoridade suficientemente importante e prestigiada. Mas ia encontrar-se, sem Lenine o desejar, ligado às suas disposições de Março de 1921 sobre a proibição de fracções. Esta temível arma facilitada ao Secretariado permitia a este paralisar qualquer intenção de discussão ou de contestação, ao poder qualificar qualquer desacordo de divisionismo. Por outro lado, o Congresso ia ficar fora de combate por causa da faculdade que o Secretariado tinha de nomear praticamente todos os cargos de responsabilidade do Partido. A composição dos Congressos será muito depressa manipulada à vontade pelo Secretariado.

Nestas condições, desapareceu a liberdade necessária para a busca e formulação de uma política. O mecanismo que permitia mudar de linha ou de equipa é falso ou inexistente; Lenine menciona-o. Outra lacuna grave: os membros do futuro CCC-RKI não deviam ser eleitos, mas nomeados pelo Orgbiuro. Todo o futuro da reforma dependia, pois,

dos critérios e do espírito desta designação. Lenine, inconscientemente, continua a raciocinar como se fosse participar nela. Comprovou que um dos membros do Bureau Político, o *genssek*, possui um poder que os outros não têm, e quer que fiscalizadores poderosos controlem as suas actividades ao mesmo tempo que as do Bureau. Contudo, se o *genssek* conserva as prerrogativas que tem – e Lenine não propôs explicitamente uma revisão desta situação, salvo substituir o titular do cargo –, é ele quem na prática nomeará os fiscalizadores. E isso foi o que sucedeu.

Última lacuna, para concluir, muito distinta e significativa: todo o programa de Lenine tendia a assegurar a unidade do Partido, a evitar a cisão. Mas não diz uma palavra sobre este fenómeno, o divisionismo, cuja repressão servirá depois de eterno pretexto para abafar toda a crítica: sob Staline, a Comissão Central de Controle, constituída aparentemente no espírito dos projectos de Lenine, ia fazer disso pouco menos que a sua única preocupação. A este respeito, é perfeitamente permissível uma suposição, não desprovida de verosimilhança: Lenine já não via no divisionismo o mesmo perigo que na época do levantamento de Kronsadt e estava disposto a pôr de lado as cláusulas secretas das deliberações do X Congresso. Esta suposição concorda com o sentido geral do “testamento”, tal como vamos tentar esclarecer seguidamente e como conclusão.

CAPÍTULO X

SE LENINE TIVESSE VIVIDO...

Dada a pouca influência que as sugestões de Lenine tiveram sobre a marcha dos acontecimentos na URSS, sentimos por vezes a tentação de qualificá-las de utópicas, afastadas da realidade e ineficazes. Contudo, cremos que merecem melhor atenção e uma apreciação mais positiva. É certo que, se bem que Lenine considerasse objectivamente os problemas do seu regime, algumas tendências revelaram-se-lhe demasiado tarde e não compreendeu outras com toda a claridade que seria de desejar. Contudo, as suas propostas de reformas envolviam no essencial, tanto pelo conteúdo explícito, como pelas consequências implícitas, uma resposta global à realidade política do país.

Recapitulemos sucintamente o conjunto destes pontos.

Lenine não discerniu em toda a sua amplitude o perigo representado pelo abuso de poder que o topo da hierarquia podia exercer, e a tendência para este degenerar numa ditadura pessoal irresponsável. Mas apercebeu-se do problema a propósito de um sector particular da vida política do país, a questão das nacionalidades, e isso alarmou-o em extremo, até ao ponto, como vimos, de estar disposto a fazer derrogar a estrutura da União que o Congresso dos Sovietes acabava de aprovar, e chegar a exigir a liquidação política dos *dzerjímordy*¹⁵². Quando se pensa nos postos que os três principais de entre eles ocuparam dois anos depois da morte de Lenine, é possível medir a enorme distância que existe entre a direcção que tomaram os acontecimentos e o curso que Lenine queria dar-lhes: nesse momento, em vez de estarem expulsos do Partido, Ordjonikidze ocupava a presidência do aparelho de controle do Partido e do Estado, Dzerjinsky presidia ao Conselho Nacional de Economia e Staline continuava a ocupar o posto-chave do Partido.

A ideia da Comissão Central de Controle não era um simples procedimento para melhorar o trabalho do aparelho estatal. A sua implantação deveria acarretar mudanças importantes no próprio carácter do topo da hierarquia e na elite que reinava no seio do Partido. Se se tivesse

152) *Os brutamontes de Dzerjinsk. (N. da T.)*

conseguido o reforço do Comité Central, dar-se-ia como consequência a submissão do Secretariado e de todo o corpo legislativo do Partido ao controle de um organismo mais amplo e mais representativo. Ter-se-ia concedido um novo papel – Lenine desejava que fosse preponderante – aos especialistas e aos estudiosos, com a sua entrada nas altas esferas do Partido e do governo. Desde a ideia inicial de conceder maior valor às decisões do Gosplan, Lenine tinha chegado a conceber este CCC-RKI, que deveria educar aos tchekistas e ajudá-los na tarefa de reformar os aparelhos. Se se tivesse empreendido realmente este espectacular esforço de reunir em torno do Comité Central “*tudo do melhor que existia dentro da ditadura*”, é fácil imaginar que teriam mudado por completo a qualidade do pessoal no topo do poder, os métodos de trabalho e as relações internas. Ainda que não se obtivesse êxito, ao menos ter-se-ia tentado uma mudança séria nas tendências do aparelho. Por outro lado, o novo carácter do período que se iniciava – um período de respiração, segundo a apreciação de Lenine – parecia requerer essas mudanças. O espectro da fome, particularmente aterrador durante os anos de 1920 e 1921, cedeu diante da primeira boa colheita, a de 1922, feita sob o signo da NEP. Poder-se-ia passar a essas tarefas de construção e civilização (em sentido dinâmico: *kulturnitchestvo*) que iam requerer um tempo indeterminado. Esse trabalho em profundidade requereria, como é natural, sem que isso se dissesse expressamente, não só uma evolução nos métodos e no estilo do governo, mas também o acesso à cúpula de elementos novos, administradores e políticos cultos e especializados, com uma deslocação do centro de gravidade do poder, que passaria do Secretariado ao Comité Central, tendente a desbancar o *apparatchik* de costumes rudes e pouco instruído. O projecto de Lenine constituía um autêntico “golpe de Estado”, posto que se tratava ao mesmo tempo de deslocar alguns chefes e de implantar uma nova orientação em todo o funcionamento da ditadura: métodos de recrutamento e de trabalho, novos critérios para a escolha dos objectivos. Perante isto sentimo-nos tentados, extrapolando um termo em voga, a falar de uma “revolução tecnológica” contra a burocracia que Lenine considerava demasiado primitiva.

Por outro lado, Lenine tenta estabelecer no topo da ditadura um equilíbrio entre diferentes elementos, um sistema de controle recíproco que poderia desempenhar o papel – a nossa comparação é aproximativa – da separação de poderes num regime democrático. Um importante Comité Central, elevado ao nível de Conferência do Partido, traça as linhas globais da política e supervisa o conjunto do aparelho do Partido, ao mesmo tempo que participa na execução das tarefas mais importantes, tanto corno instituição considerada globalmente, como através das acti-

vidades dos seus membros considerados individualmente. Uma parte deste Comité Central, organizado em Comissão Central de Controle, além da sua participação nas funções comuns do Comité Central, controlaria esse mesmo Comité Central e os órgãos que dele emanam: Bureau Político, Secretariado, Orgbiuro. A Comissão Central de Controle, flanqueada pelos especialistas da RKI, o CCC-RKI, tinha que ocupar uma posição especial em relação ao conjunto das instituições; a sua independência devia garantir-se através do seu vínculo directo com o Congresso do Partido, sem passar pelo Bureau Político e os seus instrumentos administrativos, nem pelo Comité Central. Vistos sob este aspecto, estes projectos parecem complexos e pouco elaborados. Mas, embora embrionários, colocam o problema de princípio: como garantir a sobrevivência de uma ditadura revolucionária instaurada em condições “prematuros”, e ao mesmo tempo salvaguardar a pureza inicial e a adesão aos princípios? Lenine tentava racionalizar a ditadura, de modo a que esta pudesse defender-se ao mesmo tempo dos seus inimigos exteriores e dos perigos inerentes ao poder ditatorial.

A parte mais explícita do legado de Lenine poderia resumir-se esquematicamente nestes três mandamentos:

1. Travaí o nacionalismo, em particular o nacionalismo russo, combatei este chauvinismo de grande potência que todos os braços da máquina governamental tendem a servir; velai pela educação internacionalista dos povos da União.
2. Combatei a burocracia inculta, esbanjadora e geradora de opressão, combatei-a a todos os níveis, incluído o topo do Partido; lutai por uma administração eficaz do Estado.
3. Destituí Staline.

A ausência, no “testamento”, de qualquer menção à interdição das fracções torna-se significativa pela ausência igualmente de referências relativas ao terror como meio de promover a execução dos planos do governo. Contudo, o terror tinha ocupado um lugar bastante considerável nos escritos anteriores de Lenine, que havia sido um fervente defensor do mesmo, como último recurso. O novo volume 45 das *Obras* contém numerosos textos, até agora desconhecidos ou defeituosamente conhecidos, que o analisam enquanto método: era preciso manter esta arma sempre em reserva, Lenine empenhava-se em recordá-lo, porquanto se corria o risco de a liberalização que acompanhava a NEP romper os cordões de segurança e do poder. Assim, numa carta dirigida a Kamenev e publicada pela primeira vez no ano de 1959, Lenine declara: “É um equívoco muito grande pensar que a Nep tenha posto fim ao terror; ainda vamos

recorrer ao terror e ao terror económico".¹⁵³ Explica a Kamenev que será preciso encontrar a maneira de o fazer entender "*delicada e educadamente*" a todos aqueles que naquele momento quisessem ir além dos limites indicados pelo poder aos homens de negócios.

Mas, noutros textos, mais inquietantes, se se considerar o uso que depois se faria deles, Lenine ia mais longe. Nas suas emendas ao projecto do código penal, insistiu para que se desse a interpretação mais ampla possível à noção de "*acção contra-revolucionária*". A sua definição devia ser vinculada à "*burguesia internacional*", de forma tal que este tipo de delito ficasse juridicamente impreciso e que toda a arbitrariedade tivesse entrada por esta porta. O delito haveria consistido, entre outras coisas, de uma "*propaganda e agitação*" ou de "*uma participação ou ajuda a uma organização*" em proveito daquela parte da burguesia internacional que não reconhece ao regime soviético direitos iguais aos do capitalismo, ou tenta derrubá-lo pela força. Esta formulação já é bastante ampla, mas o que é realmente estarrecedor, se se considerar que a repressão podia chegar até à pena capital, é a ampliação do delito por analogia: seria culpado "*quem prestasse concurso objectivamente a esta parte da burguesia internacional*" (que combate o regime), e também quem participasse numa organização do interior cujas acções "*ajudassem ou fossem susceptíveis de ajudar*" esta burguesia!¹⁵⁴ Citamos este exemplo para demonstrar que Lenine desejava então deixar campo livre ao emprego do terror ou à ameaça do recurso a este (não por meio da Tcheca apenas, mas através dos tribunais e de um procedimento regular), enquanto os grandes países capitalistas continuassem a ameaçar a URSS.

Lenine está, portanto, longe de ser um liberal, brando e incapaz de empreender, se fosse o caso, uma acção enérgica. Mas, contrariamente a alguns dos seus herdeiros, a repressão repugnava-o; reservava-a para a defesa do regime contra ameaças graves e importantes e para o castigo de quem transgredisse a legalidade.

Contudo, voltando ao último programa de Lenine, o emprego da coação – e com maior razão do terror – fica ostensivamente excluído quando se trata de estabelecer as bases de uma nova sociedade. O segundo *Que fazer?* de Lenine exalta a prudência, a justa medida, a moderação e a paciência. Lenine não abandona a arma da coação, se se tratar de defender o regime, mas, para construir, está vedada toda a precipitação: "*É preciso impregnarmo-nos de uma desconfiança saudável perante*

153) Carta a Kamenev de 3 de Março de 1922 (Soth., t. 45, p. 428).

154) Carta a Kurskij, comissário para a justiça, datada de 15 de Maio de 1922. Ibid., t. 45, págs. 189-190.

tudo o movimento de avanço brusco e inconsiderado, perante toda a espécie de presunção". Esta frase é extraída de "Mais vale menos, mas melhor". É melhor não alcançar o êxito "até dentro de dois anos, ou inclusive até dentro de três, do que precipitar as coisas sem nenhuma esperança de formar um bom material humano". "Nada de segunda revolução!", esta será a interpretação do "testamento" que Bukharine, cinco anos depois, lançará contra Staline, e estava certo. Lenine já não evoca a força como "parteira de uma nova sociedade", depois da tomada do poder e do retorno à paz; a nova consigna nesta nova situação é claramente seguir o caminho de uma evolução gradual. E esta nova consigna é formulada contra toda a pressão da realidade russa que – e Lenine sabia-o perfeitamente – mais não fazia do que gravitar em sentido contrário.

A regra de "Mais vale menos, mas melhor" será certamente difícil de fazer observar mas, por antecipação, Lenine rechaça o argumento das tendências espontâneas:

*"Sei que a regra contrária abrirá caminho entre mil voltas e reviravoltas. Sei que vai ser preciso opor uma resistência formidável, que se tratará de dar mostras de uma perseverança prodigiosa, que essa tarefa, ao menos nos primeiros anos, será terrivelmente ingrata. E, contudo, estou persuadido de que só assim chegaremos ao nosso objetivo e saberemos, uma vez este alcançado, fundar uma república autenticamente digna do nome de República Socialista Soviética, etc."*¹⁵⁵

A nosso ver, não se pode falar de utopia a propósito dos grandes objectivos de Lenine. Muitos dos objetivos cometidos ao regime no que se refere ao desenvolvimento económico e cultural do país foram hoje alcançados. Quanto à outra grande empresa, a de criar uma máquina ditatorial capaz de, em grande medida, controlar-se a si mesma, ainda que a sua realização esteja hoje mais próxima, sofreu logo de início um doloroso descalabro: o regime soviético atravessou um longo período, sumariamente denominado "estalinista", cujos traços essenciais foram diametralmente opostos às perspectivas do "testamento". Este facto reclama alguns comentários. A ditadura progressista é um dos fenómenos políticos mais importantes do nosso século. O seu papel é de grande importância e as suas perspectivas estão longe de se ter esfumado. Mas nada permite concluir que este tipo de ditadura, em determinado grau de desenvolvimento, esteja obrigatoriamente fadada a degenerar numa ditadura pessoal, despótica e irracional. Visto numa perspectiva histórica, o objectivo de Lenine, que consistia em chegar a um regime ditatorial racional, à cabeça do qual figurassem chefes íntegros, dotado de

155) *Ibid.*, pág. 392. Veja-se anexo IX.

instituições eficazes e que trabalhasse conscientemente para mitigar o subdesenvolvimento e a ditadura, não tinha em si nada de utópico. Por outro lado, no tempo de Lenine, embora em condições tão difíceis, a máquina ditatorial soviética funcionava ainda de forma muito diferente do que ia funcionar mais tarde. Se os projectos de Lenine não se realizaram, foi porque as tendências originadas durante a guerra civil só podiam ser conjuradas por meio de reformas audazes e, na ausência de um chefe capaz e prestigiado, os projectos em questão ficavam reduzidos a simples “votos”. A máquina implantada sob Lenine fará com facilidade caso omisso das intenções profundas do chefe desaparecido; o embalsamamento do seu corpo e a instituição póstuma de um culto à sua pessoa iam servir para tentar encobrir um tipo de ditadura completamente alheio aos seus planos.

O maior desfasamento entre as intenções de Lenine e a história real pode ser encontrado no campo dos métodos. Parece que hoje em dia a URSS entrou num período de evolução interna em que os métodos económicos e pedagógicos substituem progressivamente a coacção administrativa, como desejava Lenine. Mas, durante longo tempo, o terror foi o instrumento principal para implantar as novas estruturas.

Nos nossos dias, discute-se vivamente se os métodos de Staline, tão prejudiciais à ideia que fazíamos do socialismo e ao desenvolvimento do movimento socialista no mundo, representavam a opção, brutal mas justa, do único caminho possível, ou se existia outra fórmula que Staline pessoalmente teria sido incapaz de conceber.

Não há dúvida de que as poderosas forças inerentes à situação interna da Rússia e à sua posição internacional imporiam o recurso a métodos de força para romper os obstáculos que se opunham ao desenvolvimento, tenazes em extremo nesse país atrasado, agrário e isolado. Não há dúvida de que, qualquer que tivesse sido a capacidade dos seus chefes e das suas minorias, a Rússia soviética estava predestinada a sofrer crises e comoções. Era difícil imaginar uma curva de desenvolvimento que subisse suave e gradualmente, sem tropeços nem convulsões. Lenine não tinha ilusões a esse respeito e tão-pouco as difundia. Contudo, em qualquer circunstância, desejava uma política reflectida, queria contenção perante qualquer tensão ou qualquer dilema que fosse necessário enfrentar. Se tivesse vivido, teria de resolver inevitavelmente o problema da “acumulação primitiva” (constituição do primeiro capital para o arranque da economia industrial), por grande que fosse a sua aversão perante este conceito. Teria que reagir quando o campesinato, embora sem uma intenção política deliberadamente hostil, se negou a vender o trigo e praticamente ameaçou submergir o país na fome, devido

à débil oferta de produtos industriais. Ter-se-ia visto constantemente obrigado a confrontar-se com o paradoxo de um partido único num país socialmente diversificado, ter-se-ia visto obrigado a preservar a unidade do Partido e os imperativos de disciplina e eficácia com frequência tão contraditórios com os impostos pela necessidade de dar lugar à livre crítica para impedir que o Partido caísse na degeneração burocrática.

Teria Lenine conseguido resolver praticamente todas estas questões de forma correcta, e como as teria abordado? (Será legítimo um historiador empreender uma indagação deste tipo? Afirmamos que sim, na condição de não transpor certos limites, que a transformariam numa especulação gratuita.)

Para responder a esta pergunta, é necessário proceder a uma extrapolação cujo ponto de partida se encontra nos nossos conhecimentos da personalidade de Lenine e no seu último programa. Sem dúvida Lenine ter-se-ia empenhado na realização das suas reformas; no decurso do caminho, algumas revelar-se-iam pouco realistas ou irrealizáveis e teriam sido substituídas. Outras, e inclusive a sua política global, teriam tropeçado em oposições no seio do Partido e dificuldades no país; a oposição interna teria procedido da burocracia, dos *apparatchiki* nomeados pelo Orgbiuro, oposição debilitada, contudo, pelo menos por algum tempo, pela eliminação do grupo de Staline, que Lenine teria levado a cabo conforme as suas intenções. Com Lenine nunca teria cessado a luta contra os “métodos administrativos” e contra a ineficácia da burocracia, contra o nacionalismo russo (e os nacionalismos locais alimentados por este). Ter-se-ia visto incessantemente obrigado a mobilizar aliados dentro do Partido e fora dele; teria de recorrer às “forças vivas” do país: a juventude, operária e estudantil, os intelectuais, os melhores elementos camponeses, determinados elementos da velha guarda revolucionária, dos outros partidos socialistas e deste ou aquele grupo, segundo as circunstâncias, da velha guarda bolchevique, composta então por homens ainda jovens; os elementos mais ilustrados da administração teriam sido além disso um apoio. O *apparatchik*, os polícias, os *dzerjimordy* e os *tchinovniki*, sem desaparecer nunca de todo, teriam sido constantemente atacados, desalentados, rechaçados. O primeiro plano da cena teria sido ocupado pelos inúmeros militantes que Staline eliminou, e também por militantes menos brilhantes mas com frequência honestos, que foram utilizados pelo sistema estalinista, por todo o tipo de gente valiosa não filiada que sucumbiu nas purgas. Ter-se-ia visto mais facilmente Lenine perecer na prisão do que infligir ao seu país uma hemorragia demencial desse jaez. Uma coligação de Lenine com Trotsky e alguns outros teria permitido uma utilização racional dos melhores quadros, em vez da sua elimina-

ção. É indubitável que toda essa legião de homens não se teria limitado a contribuir na promoção do programa de Lenine, teria havido também um plantel de oponentes que teriam tentado derrubá-lo, umas vezes à direita e outras à esquerda. Lenine, com toda a certeza, não teria utilizado os métodos estalinistas para desfazer-se deles. As nossas palavras não passariam de simples especulação se afirmássemos que Lenine teria vencido infalivelmente e teria saído exitosamente da situação. Também poderia ter sucumbido, ou acabado como “desviacionista”, como tantos outros. Mas o que pode afirmar-se com certeza é que Lenine teria combatido encarniçadamente o processo que terminou por fazer do período estalinista o que este foi.

Para não ser derrotado, Lenine teria tido que realizar prodígios de habilidade, teria precisado de mostrar-se audaz, destro nas manobras, inovador em política; reconhecem-se-lhe amplamente estas qualidades. Ter-se-ia visto obrigado a, segundo as suas próprias palavras, “*dar mostras de uma obstinação prodigiosa*”. Podemos crer que era capaz de o fazer. É legítimo pensar que Lenine, actuando de acordo com Trotsky e outros, teria podido fazer passar a Rússia soviética por um caminho menos trágico, mais racional e que teria comprometido menos a ideia do socialismo. Com efeito, Lenine necessitava da ajuda de Trotsky para levar a bom fim as suas ideias. Não foi só por causa da doença que recorreu a ele. Os dois homens completavam-se perfeitamente, embora sem chegar a produzir a simbiose que Lenine queria ver entre Krijanovsky e Piatakov no Gosplan. Juntos simbolizavam o apelo mobilizador da Revolução de Outubro.

Trotsky por si só não era capaz de conseguir o reagrupamento, a consolidação e a conservação dos “futuros depurados”. Deutscher explica perfeitamente por que não podia ser ele o “herdeiro”: por exemplo, estando já Lenine definitivamente paralisado, Trotsky acabou por concluir aquele “compromisso desigual” contra o qual Lenine o havia posto em guarda. Tranquilizou Kamenev, dizendo-lhe que, ainda que no fundo estivesse de acordo com Lenine, não era seu parecer “*acabar com Staline, nem excluir Ordjonikidze, nem afastar Dzerjinsky do Comissariado para as Vias e Comunicações*”. Começou a admoestar Staline: “*Basta de intrigas, necessitamos de uma colaboração honesta*”.¹⁵⁶ Queria mostrar-se magnânimo, seguro de poder permitir-se a tal com o apoio de Lenine consignado no “testamento”, mas assim demonstrava precisamente que não compreendia as recomendações essenciais deste.

156) TROTSKY, *Ma vie, op. cit.*, pág. 559.

A sua debilidade era também a de um homem demasiado altivo e, em certo sentido, demasiado idealista para manobrar na “cozinha” política do círculo limitado dos dirigentes. A posição de *outsider*, por causa do seu passado e do seu estilo, impediu-o de actuar, quando chegou a ocasião – e para ele só houve uma – com a resolução que se impunha. Sucumbiu a uma fetichização do Partido, a um legalismo e a uns escrúpulos que o paralisavam e o impediam de responder sem vacilações ao que os seus inimigos faziam contra ele, como Lenine o teria feito. Lenine, o fundador, não tinha medo de desfazer e refazer o que havia feito com as próprias mãos, Lenine não temia organizar gente à sua volta, conspirar, bater-se pela vitória da sua linha e para conservar a direcção sob domínio. Trotsky não era esse tipo de homem. Desaparecido Lenine, Staline tinha a vitória assegurada.

ANEXOS

I

O PROJECTO DE STALINE CHAMADO DE “AUTONOMIZAÇÃO”

“1. Considerar a utilidade da conclusão de um acordo entre as Repúblicas Soviéticas de Ucrânia, Bielorrússia, Azerbaijão, Geórgia e Arménia e da RSFSR com a adesão formal destas Repúblicas à RSFSR, deixando de lado a questão de Bukhara, do Khorezm e da República do Extremo Oriente, e limitando o acordo à conclusão de protocolos sobre as tarifas aduaneiras, o comércio externo, os assuntos estrangeiros, as questões militares, etc.

Adenda: Introduzir as modificações necessárias às constituições das Repúblicas enumeradas no parágrafo 1 e à da RSFSR, após exame prévio da questão pelos órgãos soviéticos.

2. Em consequência, as resoluções do VCIK¹⁵⁷ da RSFSR serão consideradas como executivas no que se refere às instituições centrais das Repúblicas enumeradas no parágrafo 1, e as dos SNK¹⁵⁸ e do STO¹⁵⁹ da RSFSR pelos comissariados unificados destas Repúblicas.

Adenda: Os representantes destas Repúblicas formarão parte do presidium do VCIK e da RSFSR.

3. Os serviços de assuntos exteriores e comércio externo, de defesa, de vias de comunicação e de correios e telégrafos das Repúblicas enumeradas no parágrafo 1 fundir-se-ão com as instituições correspondentes da RSFSR e os comissariados correspondentes da RSFSR delegarão nestas Repúblicas representantes acompanhados de um pequeno número de funcionários.

Estes representantes serão designados pelos comissariados da RSFSR com o acordo das CIK das Repúblicas.

Há que considerar útil a participação de representantes das Repúblicas envolvidas nas representações dos comissariados de assuntos exteriores e de comércio externo no estrangeiro.

4. Os comissariados para as finanças, a alimentação, o trabalho e a economia das Repúblicas estarão submetidos formalmente às directivas dos comissariados correspondentes da RSFSR.

157) Comité Executivo Central Pan-russo.

158) Conselho de Comissários do Povo.

159) Conselho do Trabalho e da Defesa.

5. Os outros comissariados das Repúblicas enumeradas no parágrafo 1, quer dizer, os comissariados para a justiça, a instrução pública, o interior, a agricultura, o controle operário e camponês, a saúde pública e os seguros sociais considerar-se-ão independentes.

Adenda 1: Os organismos das Repúblicas enumeradas mais acima que tenham por objecto a luta contra-revolucionária ficarão submetidos às directrizes da GPU da RSFSR.

Adenda 2: Os das Repúblicas só disporão do direito de amnistia nos assuntos civis.

6. A presente decisão, se for confirmada pelo Comité Central do PCR, não será publicada mas sim comunicada aos Comités Centrais das Repúblicas para que circule entre os órgãos soviéticos, os comités executivos centrais, ou os congressos dos Sovietes das ditas Repúblicas, antes da convocatória do congresso pan-russo dos Sovietes, onde se declarará que expressa a vontade destas Repúblicas.”

(Arquivos centrais do Partido no Instituto do Marxismo-Leninismo do CC-PCUS. Origem: Sotchinenija, 5.^a edição, t. 45, págs. 557-558).

II

OBSERVAÇÕES DE LENINE E O SEU PROJECTO DE FORMAÇÃO DA URSS

“Carta a L. B. Kamenev, destinada aos membros do Bureau Político do CC-PCR (b) 26/IX.

Camarada Kamenev! Sem dúvida Staline já te terá enviado a resolução da sua comissão relativa à incorporação das Repúblicas independentes na RSFSR.

Caso ainda não a tenhas recebido, rogo-te que a peças ao secretário e a leias de imediato. A propósito deste assunto conversei ontem com Sokolnikov, falei hoje com Staline e devo avistar-me com Mdivani (comunista georgiano suspeito de *nezavisimost*¹⁶⁰) amanhã.

Na minha opinião, a questão tem enorme importância. Staline apressa-se demasiado. Dado que já tinhas antes a intenção de ocupar-te disso e que inclusive estudaste um pouco este assunto, deves meditar seriamente sobre ele e Zinoviev deve fazer o mesmo.

Staline já aceitou fazer uma concessão, a de substituir o termo de «adesão» à RSFSR do parágrafo 1 por «união formal com a RSFSR no marco de uma União das Repúblicas Soviéticas da Europa e da Ásia». Confio em que o sentido desta concessão esteja claro: reconhecemo-nos iguais em direito com a RSS de Ucrânia, etc., e entramos com ela em pé de igualdade numa nova União, uma nova Federação, a «União das Repúblicas Soviéticas da Europa e da Ásia».

Neste caso, o parágrafo 2 também deve modificar-se para criar, paralelamente às sessões do VCIK da RSFSR, algo parecido com um «VCIK federal da União de Repúblicas Soviéticas da Europa e da Ásia».

Se o primeiro organismo deve reunir-se uma vez por semana e o segundo a igual ritmo (ou inclusive se se tratar de estabelecer convocatórias a cada duas semanas), as coisas não serão difíceis de combinar. É importante não levar água ao moinho dos *nezavisimets*, não destruir a sua independência, mas estabelecer um novo escalão, uma Federação de Repúblicas que tenham direitos iguais. A segunda parte do parágrafo 2 poderia ficar como está: as queixas (contra as decisões do STO e do

160) *Independentismo*. (N. da T.)

SNK) serão examinadas pelo VCIK federal, sem que por isso se atrase a sua resolução (como no caso da RSFSR).

O parágrafo 3 poderia conservar-se com esta modificação: «fundem-se com os comissariados federais situados em Moscovo os comissariados correspondentes da RSFSR, que disporá nas Repúblicas membras da União de Repúblicas da Europa e da Ásia de representantes acreditados e de um reduzido número de funcionários».

A segunda parte do parágrafo 3 fica como está; para ser mais equitativos, talvez se pudesse dizer: «segundo acordo dos VCIK das Repúblicas membras da União de Repúblicas Soviéticas da Europa e da Ásia ».

Seria preciso reflectir sobre a terceira parte: não seria necessário substituir «útil» por «obrigatória»? Ou não seria preciso estipular uma obrigação teórica, ainda que sob forma de uma interpolação, e não admitir uma decisão que não esteja sujeita a interpolação a não ser nos casos «excepcionais»?

O parágrafo 4 deveria talvez estipular «fusionar segundo acordo dos VCIK»? Poderia acrescentar-se ao parágrafo 5: «com a criação de conferências e congressos comuns (ou gerais) de carácter puramente consultivo (ou unicamente consultivo)?

Isso originaria as modificações correspondentes na primeira e segunda adenda.

Staline deu o seu acordo para atrasar o depósito da resolução no Bureau Político do Comité Central até à minha chegada. Chegarei segunda-feira, 2 de Outubro. Gostaria de poder ver-te com Rykov durante umas duas horas pela manhã, digamos desde o meio-dia até às duas ou, se for necessário, digamos das 5 às 7 ou das 6 às 8 da tarde.

O anterior constitui o meu ponto de partida. Carrearei adições e modificações com base nas minhas conversações com Mdivani e os outros camaradas. Peço-te insistentemente que faças o mesmo e me respondas.

Teu

Lenine.

P.S. envia cópias a todos os membros do Bureau Político.”

(Redigido a 26 de setembro de 1922 e publicado nos termos do manuscrito. Primeira publicação em 1959 em Leninskij Sbornik, XXXVI. Fonte: Sotchinenija, 5.ª edição, t. 45, págs. 211-213.)

III

PROJECTO SUBMETIDO AO COMITÉ CENTRAL A 6 DE OUTUBRO DE 1922, REDIGIDO POR STALINE TENDO EM CONTA AS EMENDAS DE LENINE

“1. Considerar indispensável a conclusão de um acordo entre a Ucrânia, a Bielorrússia, a Federação de Repúblicas Transcaucásicas e a RSFSR relativo à união no marco de uma «União das Repúblicas Socialistas Soviéticas», em que cada uma delas disponha do direito de abandonar livremente a «União».

2. A instância suprema da «União» será o «CIK federal», constituído pelos representantes dos CIK da RSFSR, da Federação Transcaucásica, da Ucrânia e da Bielorrússia, representadas em proporção à sua população.

3. O órgão executivo do «CIK federal» será o «Sovnarkom federal», designado pelo «CIK federal».

4. Os comissariados dos assuntos exteriores, de comércio externo, da defesa, das comunicações e dos correios e telégrafos das Repúblicas e da Federação que formem parte da «União» fundir-se-ão com os órgãos correspondentes da «URSS», tendo os comissariados correspondentes da «União de Repúblicas» em todas as Repúblicas e Federações os seus representantes acreditados, juntamente com um reduzido número de funcionários, designados pelos comissariados da «União» de acordo com os CIK das Federações e Repúblicas.

Adenda: Considerar indispensável agregar representantes das Repúblicas envolvidas nas representações no estrangeiro nos comissariados de assuntos exteriores e de comércio externo.

5. Os comissariados para as finanças, a alimentação, a economia, o trabalho e o controle das Repúblicas e Federações membros da «União de Repúblicas», assim como os seus organismos centrais de luta contra-revolucionária, ficarão submetidos às directrizes dos comissariados correspondentes e às decisões do Sovnarkom e STO da «União das Repúblicas».

6. Os outros comissariados das Repúblicas membros da «União», quer dizer os comissariados para a justiça, a instrução pública, o interior, a agricultura, a saúde pública e os seguros sociais serão considerados independentes.”

(Arquivos centrais do Partido no Instituto do Marxismo-Leninismo do CC-PCUS. Fonte: Sotchinenija, t. 45, pág. 559).

IV

OPINIÃO DE STALINE SOBRE A CARTA DE LENINE DE 13 DE OUTUBRO, RELATIVA AO MONOPÓLIO DO COMÉRCIO EXTERNO

“A carta do camarada Lenine não me fez mudar de opinião quanto à justeza da decisão do plenário do Comité Central de 6 de Outubro relativa ao comércio externo. Os «milhões» do comissariado do comércio externo (aliás, devem estabelecer-se e calcular-se primeiro) perdem todo o valor se se tomar em consideração que ficam várias vezes compensados pelas dezenas de milhões de ouro que este comissariado faz sair da Rússia. Contudo, visto o carácter insistente da proposta do camarada Lenine no sentido de que se demore a realização do plenário do Comité Central, eu voto a favor, no sentido de que esta questão seja discutida pelo próximo plenário com a participação de Lenine.”

(Arquivos centrais do Partido no Instituto do Marxismo-Leninismo do CC-PCUS Fonte: Fotieva, Iz vospominanij o Lenine, págs. 28-29).

VI

CARTA DE KRUPSKAYA A KAMENEV, “O BUREAU POLÍTICO PERMITE A LENINE DITAR AS SUAS NOTAS”, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1923, RELATIVA AO COMPORTAMENTO DE STALINE PARA COM ELA A 23 DE DEZEMBRO

“Lev Borisovitch! Staline permitiu-se ontem uma saída de tom das mais grosseiras contra mim, a propósito de quatro palavras que me ditou Lenine com autorização dos médicos. Não data de ontem a minha entrada no Partido. No decurso destes trinta anos nunca escutei uma única palavra grosseira de um camarada. Os interesses do Partido e de Ilitch não me são menos caros que a Staline. Nestes momentos tenho necessidade de todo o domínio sobre mim mesma. Sei melhor que todos os médicos do que se pode falar e do que não se pode falar a Ilitch, já que sei o que o altera e o que não, e em qualquer caso sei-o melhor que Staline.”

Krupskaya pede (segundo o resumo que fazem os redactores, sem citar as suas palavras textuais) para ser protegida contra “uma ingerência grosseira na sua vida privada, contra injúrias indignas e ameaças”. “Não me resta nenhuma dúvida quanto à decisão unânime da comissão de controle com a qual Staline se permite ameaçar-me, mas não tenho forças nem tempo para perder numa comédia tão estúpida. Eu também sou um ser de carne e osso e os meus nervos estão tensos em extremo. N. Krupskaya.”

(Dos mesmos arquivos. Fonte: Sotchinenija, t. 54, págs. 674-675.)

“1. Outorga-se a Vladimir Ilitch o direito de ditar todos os dias durante cinco a dez minutos, mas tal não pode ter o carácter de uma correspondência e Ilitch não deve esperar resposta a essas notas. As entrevistas ficam proibidas.

2. Adverte-se a amigos e pessoas da casa que não devem comunicar a Lenine nada relativo à política, para não lhe dar motivos de meditação e preocupação.”

(Dos mesmos arquivos. Fonte: Sotchinenija, t. 45. pág. 710.)

VII

PLANO DE TRABALHO DITADO POR LENINE A 27 (OU A 28) DE DEZEMBRO DE 1922

“Memorandum:

Na carta sobre o aumento do número de membros do Comité Central omitiu-se (um parágrafo) sobre as relações entre o Comité Central aumentado e a Inspecção Operária e Camponesa.

Temas a tratar:

1. O Centrosojuz¹⁶¹ e a sua importância do ponto de vista da NEP.
2. A relação entre o Glavprofobr¹⁶² e o trabalho da instrução popular em geral.
3. A questão nacional e o internacionalismo (a propósito do recente conflito no seio do Partido georgiano).
4. O novo livro estatístico sobre a educação nacional publicado em 1922.”

(Fonte: *Sotchinenija*, t. 45, pág. 592.)

161) *União da Cooperação*.

162) *Comité da Educação Profissional*.

VIII

RESPOSTA DE TROTSKY A LENINE A PROPOSITO DA DEFESA DOS GEORGIANOS

O Instituto do Marxismo-Leninismo de Moscovo diz que Trotsky recusou encarregar-se da defesa dos georgianos perante o Comité Central e o Congresso, com o pretexto de que estava doente. Não se apresenta nenhuma prova para suster esta alegação, que Louis Fisher repete na sua biografia de Lenine. Mas Deutscher diz o contrário¹⁶³ e o “Diário” menciona, a 6 de Março de 1923, que “a resposta (de Trotsky) foi recebida por telefone e estenografada”; se esta resposta tivesse sido negativa, Lenine não teria enviado a Trotsky o texto do seu memorandum e a cópia da carta aos georgianos, escrita depois de ter recebido a resposta de Trotsky.

Possuímos também uma carta de Fotieva a Kamenev, datada de 16 de Abril de 1923, que confirma o acordo com Trotsky. Eis o seu teor:¹⁶⁴

“Ao camarada Kamenev, cópia ao camarada Trotsky

Na continuação da nossa conversa telefónica, participo-lhe, na sua qualidade de presidente do Bureau Político, o seguinte: como já lhe foi dito, a 31 de Dezembro de 1922 Vladimir Ilitch ditou um artigo sobre a questão nacional. Esta questão atormentava-o muito e preparava-se para intervir a propósito dela no congresso do Partido.

Pouco tempo antes da sua última recaída, informou-me de que publicaria este artigo, mas mais tarde. Depois, caiu enfermo sem ter-me dado a ordem definitiva.

Vladimir Ilitch pensava que esse artigo devia servir de directiva e considerava-o muito importante. Por ordens suas, comunicou-se ao camarada Trotsky, a quem Vladimir Ilitch havia encarregado de defender o seu ponto de vista no congresso, dada a sua unidade de critério sobre esta questão...”

O Instituto do Marxismo-Leninismo não cita esta carta, mas confirma a sua existência e assinala que Fotieva a enviou ao Bureau Político a 16 de Abril de 1923.

163) *Veja-se* *Sotchinenija*, t. 45, pág. 607; FISHER, *La Vie de Lenine*; DEUTSCHER, *op. cit.*

164) *Carta citada por Trotsky, op. cit., pág. 163. Os itálicos são nossos.*

IX

MAS VALE MENOS, MAS MELHOR

(Pravda, 4 de Março de 1923)

“No que concerne ao aperfeiçoamento do nosso aparelho estatal, a meu ver, a Inspeção Operária e Camponesa não deve apressar-se nem correr atrás da quantidade. Até hoje, temos tido tão pouco tempo para pensar e velar pela qualidade do nosso aparelho estatal que seria legítima a preocupação de formá-lo com um cuidado extremo, de concentrar na Inspeção Operária e Camponesa um material humano de alta qualidade, quer dizer, que não siga a reboque dos mais altos modelos ocidentais. Certamente, isso é demasiado modesto para uma república socialista. Mas os primeiros cinco anos encheram-nos a cabeça de desconfiança e de ceticismo. A nosso pesar, estamos inclinados a imbuir-nos deste sentimento perante aqueles que dissertam demasiado e com excessiva facilidade, por exemplo, sobre a «cultura proletária»: para começar, bastar-nos-ia possuir uma autêntica cultura burguesa; para começar, bastar-nos-ia livrarmo-nos dos tipos particularmente inveterados da cultura pré-burguesa, isto é, burocrática ou feudal, etc. Nesta matéria, a precipitação e a temeridade são o que há de mais nocivo. Muitos dos nossos jovens literatos e comunistas deveriam meter isso bem na cabeça.

E agora, no que concerne ao aparelho estatal, devemos extrair da experiência passada esta conclusão de que é melhor proceder mais lentamente.

As coisas andam tão mal, para não dizer detestáveis, com o nosso aparelho estatal, que primeiro é-nos preciso reflectir seriamente sobre a forma de combater os seus defeitos; defeitos que, não o olvidemos, remontam ao passado, o qual, certamente, foi alterado mas não foi ainda abolido; não se trata de uma fase cultural superada há tempo. Coloco aqui precisamente a questão da cultura, porque nesta ordem de coisas só há que considerar realizado aquilo que penetrou na vida cultural, nos modos de proceder e nos costumes. Contudo, entre nós, o que há de bom na nossa organização social foi captado superficialmente, não pode ser menos meditado, compreendido, sentido, examinado, provado, confirmado pela experiência, consolidado, etc. Como é evidente, não podia ser de outro modo numa época revolucionária e com um desenvolvimento tão vertiginoso que, em cinco anos, nos levou do czarismo ao regime dos Sovietes.

Chegou o momento de meditar. Há que imbuir-se de uma desconfiança saudável em relação a um ímpeto desmedido, em relação a todo o tipo de jactância, etc.; é preciso pensar em verificar as disposições que proclamarmos a cada hora, que utilizamos a cada minuto e cuja debilidade e carácter inconsistente e ininteligível demonstramos a cada segundo. O mais nocivo, aqui, seria a precipitação. O mais nocivo seria crer que é suficiente o pouco que sabemos, inclusive crer que possuímos um número mais ou menos considerável de elementos para formar um aparelho realmente novo, e que mereça de verdade o nome de aparelho socialista, soviético, etc.

Não, não temos esse aparelho, e só possuímos um número ridiculamente escasso de elementos que permitam criá-lo. E não devemos esquecer que para implantá-lo não há que economizar tempo, e que isso levará muitos, muitos, muitos anos.

Que elementos possuímos para criar esse aparelho? Unicamente dois. Em primeiro lugar, os operários exaltados pela luta pelo socialismo. Não são suficientemente instruídos. Desejariam dar-nos um aparelho melhor. Mas não sabem como fazê-lo. Não estão suficientemente formados, não possuem o nível de cultura requerido. Contudo, para fazer isso é necessário precisamente ter cultura. Neste caso, a solução não pode alcançar-se com um golpe de audácia ou um assalto, com fortaleza ou com bravura, ou, em geral, por meio de alguma das melhores qualidades humanas, não importa qual. Em segundo lugar, possuímos elementos de conhecimento, de instrução, de ensinamento, mas ridiculamente escassos em relação a todos os outros países.

É preciso não esquecer que ainda estamos demasiado inclinados a querer suprir este saber (ou a imaginar que ele se pode suprir) com o zelo, a precipitação, etc.

Para renovar o nosso aparelho estatal devemos fixar-nos a todo o custo a tarefa seguinte: primeiro, instruir-nos; segundo, instruir-nos mais; terceiro, continuar a instruir-nos. Depois, cuidar de que o saber não fique entre nós como letra morta ou como uma frase da moda (o que, reconhecamo-lo, nos sucede com muita frequência); que o saber penetre autenticamente no espírito, se torne parte integrante da nossa vida, plena e efectivamente. Em resumo, é preciso exigirmos outra coisa diferente do que exige a burguesia da Europa ocidental, saber o que é digno e conveniente de exigir num país que se propõe transformar-se num país socialista.

Conclusão: devemos fazer da Inspeção Operária e Camponesa um instrumento de melhoramento do nosso aparelho estatal, uma instituição verdadeiramente exemplar. Para que possa alcançar o nível dese-

jado é preciso atermo-nos à regra: se for necessário, recomeçemos vinte vezes a tarefa.

Para isso, é preciso que tudo o que haja realmente de melhor no nosso regime social seja empregue com o máximo de prudência, de reflexão e de competência, para criar este novo comissariado do povo. Para isso, precisamos dos melhores elementos do nosso regime social, a saber: os operários avançados, primeiro, e, em segundo lugar, os elementos realmente instruídos, entre aqueles que possamos garantir que não criarão nada sem mais nem menos e que não pronunciarão uma única palavra que seja contrária à sua consciência, sem temer ter consciência das dificuldades, quaisquer que sejam, e não retrocedam perante nada para alcançar o objectivo que se terão seriamente fixado.

Há cinco anos que nos esforçamos por aperfeiçoar o nosso aparelho estatal. Mas não passou de uma vã agitação que, nestes cinco anos, nos demonstrou simplesmente ser ineficaz, inclusive inútil, para não dizer prejudicial. Esta vã agitação dava-nos uma aparência de trabalho; na realidade, cevava as nossas instituições e os nossos cérebros.

É necessário, por fim, que isso mude.

É preciso adoptar esta regra: mais vale menos, mas melhor. É preciso adoptar esta regra: mais vale dentro de dois anos, ou inclusive de três, que precipitar as coisas sem esperança alguma de formar um bom material humano.

Sei que será difícil observar esta regra e aplicá-la na nossa situação. Sei que a regra contrária abrirá caminho entre mil voltas e reviravoltas. Sei que vai ser preciso opor uma resistência formidável, que se tratará de dar mostras de uma perseverança prodigiosa; que essa tarefa, ao menos nos primeiros anos, será terrivelmente ingrata. E, contudo, estou persuadido de que só assim chegaremos ao nosso objectivo e saberemos, uma vez este alcançado, fundar uma república autenticamente digna do nome de República Socialista Soviética, etc., etc., etc.

É provável que muitos leitores tenham considerado insuficientes as cifras que citei a título de exemplo no meu primeiro artigo.¹⁶⁵ Estou convencido de que se podem apresentar muitos cálculos para demonstrar a insuficiência destes números. Mas creio que, por cima de todos os cálculos possíveis e imaginários, devemos colocar uma coisa: uma qualidade autenticamente exemplar.

Estimo que chegou o momento justo em que devemos ocupar-nos como é devido, com toda a gravidade requerida, do nosso aparelho estatal, e em que a precipitação seria talvez o que causaria o pior dano.

165) *“Como reorganizar a Inspeção Operária e Camponesa?”*

Por isso me inclino a prevenir contra um aumento destes números. Muito pelo contrário, creio que neste caso há que mostrarmo-nos particularmente avaros em números. Falemos claro. O comissariado do povo da Inspeção Operária e Camponesa não goza na actualidade da mais leve sombra de prestígio. Toda a gente sabe que não existem instituições pior organizadas que as que dependem da nossa Inspeção Operária e Camponesa, e que nas condições actuais nada se pode exigir deste comissariado. É preciso ter consciência disso se realmente queremos chegar a constituir, daqui a uns anos, uma instituição que, em primeiro lugar, seja exemplar, em segundo lugar inspire a todos uma confiança absoluta, e, por último, demonstre a todos e a cada um que justificámos realmente as actividades desta alta instituição que é a Comissão Central de Controle. Em minha opinião, todas as normas gerais do pessoal das suas administrações devem ser proscritas de um só golpe e sem recurso. Devemos escolher os quadros da Inspeção Operária e Camponesa com um cuidado particular, submetendo-os ao mais rigoroso exame, e de nenhuma outra maneira. Com efeito, para quê instituir um comissariado do povo em que o trabalho se faça medianamente, e que, de novo, não inspire a menor confiança, e cuja opinião tenha apenas uma ínfima autoridade? Creio que a nossa tarefa principal é evitá-lo quando realizarmos a reorganização que projectamos agora.

Os operários que designarmos como membros da Comissão Central de Controle devem ser comunistas irrepreensíveis, e creio que será preciso consagrar-lhes um longo esforço para lhes ensinar os métodos e os objectivos da sua tarefa. Depois, precisaremos de um número determinado de pessoal auxiliar, que teremos a precaução de submeter a um triplo controle antes de os admitir. Por último, aqueles entre os candidatos que decidamos, a título excepcional, enquadrar à entrada na Inspeção Operária e Camponesa deverão reunir as condições seguintes:

primeira, serão recomendados por vários comunistas;

segunda, passarão uma prova em que demonstrem que conhecem o nosso aparelho estatal;

terceira, passarão uma prova em que demonstrem que conhecem os elementos da teoria relativa ao nosso aparelho estatal, os princípios da ciência administrativa, a contabilidade, etc.;

quarta, deverão actuar em boa articulação com os membros da Comissão Central de Controle e com o seu próprio secretariado, de forma a que possamos responder pelo bom funcionamento de todo o aparelho.

Reconheço que estas são condições fora de série, e não duvido que a maioria dos «práticos» da Inspeção Operária e Camponesa as decla-

rem irrealizáveis, ou as acolham com um sorriso desdenhoso. Mas, a qualquer dos dirigentes actuais da Inspeção Operária e Camponesa ou das pessoas vinculadas a este comissariado, pergunto-lhes: pode algum deles dizer-me francamente qual é a utilidade prática deste comissariado do povo que é a Inspeção Operária e Camponesa? Creio que esta pergunta lhes permitirá encontrar o sentido da medida. Ou não vale a pena proceder à reorganização – temos visto tantas coisas – desta empresa desesperada que é a Inspeção Operária e Camponesa; ou é realmente preciso impormo-nos a tarefa de criar, por meio de um esforço lento, difícil, extraordinário e não sem recorrer a numerosas comprovações, algo autenticamente exemplar, susceptível de inspirar respeito a todos e a cada um de nós, e não pela simples razão de que títulos e graus a tal obrigam.

Se não nos armamos de paciência, se não se consagrarem a esta obra vários anos, é melhor não empreendê-la.

Creio que entre as instituições que já concebemos, no tocante a institutos superiores do trabalho, etc., há que escolher um mínimo, comprovar se estão organizadas com toda a seriedade requerida, e prosseguir a tarefa, mas só de modo que esteja realmente à altura da ciência moderna e nos beneficie com todas as suas aquisições. A partir daí, já não será uma utopia esperar ter, dentro de alguns anos, uma instituição que esteja capacitada para desempenhar a sua tarefa, quer dizer, aperfeiçoar o nosso aparelho estatal com método, sem desfalecimento e gozando da confiança da classe operária, do partido comunista da Rússia e de toda a população da nossa República.

A acção preparatória poderia começar agora. Se o comissariado da Inspeção Operária e Camponesa aceitasse o plano desta reforma, poderia iniciar de imediato os preparativos e continuar a actuar sistematicamente para levá-los a bom fim, sem apressar-se e sem negar-se a refazer o que haja sido feito já uma vez.

As meias-tintas seriam neste caso prejudiciais ao máximo. Todas as considerações de outra ordem que se pudessem fazer a propósito dos efectivos da Inspeção Operária e Camponesa estariam, na realidade, baseadas nos velhos princípios burocráticos, nos velhos preconceitos, naquilo que já foi condenado e que provoca o escárnio público, etc.

Em suma, a questão coloca-se assim:

Ou demonstrar, desde já, que adquirimos conhecimentos sérios em matéria de construção do Estado (não é impossível aprender algo em cinco anos); ou ainda não estamos maduros para isso e, então, não vale a pena encarregarmo-nos de tal coisa.

Creio que com o material humano de que dispomos não será imo-desto presumir que já sabemos bastante para poder reconstruir de novo, com método, nem que seja um só comissariado do povo. É certo que esse comissariado deve dar a medida do conjunto do nosso aparelho estatal.

Abrir de imediato um concurso para a redacção de dois ou mais manuais sobre a organização do trabalho em geral e especialmente da administração.

Em primeiro lugar, poderia tomar-se como base o livro de Iermanski, ainda que, diga-se entre parêntesis, este autor simpatize de forma claramente manifesta com o menchevismo e seja incapaz de redigir um manual que possa convir ao poder dos Sovietes. Depois, poder-se-ia tomar por base a obra recentemente publicada de Kerjentsev; por último, poder-se-iam aproveitar alguns outros manuais que tratam diversos aspectos da questão.

Enviar algumas pessoas especializadas e conscientes à Alemanha ou à Inglaterra, para recolher documentação e estudar o problema. Disse Inglaterra para o caso de ser impossível a viagem para os Estados Unidos ou o Canadá.

Nomear uma comissão encarregada de elaborar o programa preliminar dos exames a que devem submeter-se as pessoas que solicitem um posto na Inspeção Operária e Camponesa; o mesmo para os solicitantes de postos na Comissão Central de Controle.

Estas actividades e outras parecidas não importunarão, como é evidente, o comissário do povo nem os membros do colégio da Inspeção Operária e Camponesa, nem o presidium da Comissão Central de Controle.

Paralelamente, será necessário designar uma comissão preparatória encarregada de encontrar candidatos para os postos de membros da Comissão Central de Controle. Espero que para estes postos tenhamos neste momento um número de candidatos mais que suficientes, tanto entre os colaboradores experimentados das administrações, como entre os estudantes das nossas escolas soviéticas. Não seria muito razoável excluir por antecipação esta ou aquela categoria. Provavelmente ser-nos-á necessário dar preferência, para esta instituição, a pessoal variado, e nele devemos buscar uma síntese de numerosas qualidades, de méritos diversos. De forma que será preciso um grande esforço para redigir a lista dos candidatos. Seria indesejável em extremo que este novo comissariado se formasse segundo uma norma única, digamos, o tipo de funcionário, ou eliminando o tipo de agitador, os homens cujo traço distintivo é a sociabilidade ou a faculdade de penetrar nos meios pouco familiares a este género de colaboradores, etc.

Creio que expressaria melhor o meu pensamento comparando o meu plano com instituições de carácter académico. Os membros da Comissão Central de Controle examinarão regularmente, sob a direcção do seu presidium, todos os dossiês e documentos do Bureau Político. Por outro lado, deverão repartir o seu tempo de forma racional entre as diversas tarefas de comprovação dos sistemas administrativos das nossas instituições, desde as mais pequenas e menos importantes até às grandes administrações do Estado. Por último, deverão estudar também a teoria, quer dizer, a teoria da organização do trabalho a que têm intenção de dedicar-se; deverão inclusive efectuar exercícios práticos sob a direcção de camaradas experimentados ou de professores dos institutos superiores da organização do trabalho.

Mas creio que não terão ocasião de limitar-se a esta actividade puramente académica. Necessitarão de preparar-se, por outro lado, para funções que não duvidaria em chamar de preparação para a caça, não direi de carteiristas, mas algo desse tipo, e para a invenção de artimanhas destinadas a dissimular as suas campanhas, as suas marchas e contra-marchas, etc.

Nas instituições da Europa ocidental, propostas semelhantes provocariam uma indignação inaudita, um sentimento de protesto moral, etc.; mas confio em que ainda não estejamos burocratizados até esse extremo. A NEP não adquiriu ainda entre nós uma reputação tal que a ideia de encurralar alguém possa ofender. Há tão pouco que foi edificada a nossa República dos Sovietes e reina uma tal salgalhada que ninguém pensará em irritar-se perante a ideia de que nesta amálgama se realizem pesquisas com ajuda de certos artifícios e de sondagens que por vezes apontem para fontes bastante longínquas ou se realizem por vias indirectas. E se alguém pensar em fazê-lo, podem ter a certeza de que todos nos riremos de boa vontade.

A nossa nova Inspecção Operária e Camponesa, esperamos, deixará muito longe atrás de si essa característica que os franceses denominam *pruderie*,¹⁶⁶ que poderíamos chamar afectação ridícula ou ridícula ostentação, e que faz de forma superior o jogo de toda a nossa burocracia, tanto das nossas instituições soviéticas como das organizações do Partido, visto que, diga-se entre parêntesis, a burocracia existe tanto numas como noutras.

Se está escrito mais acima que devíamos instruir-nos e continuar a instruir-nos nas escolas superiores de organização do trabalho, etc., isso não significa nem remotamente que conceba este «ensinamento» à

166) *Em francês no texto.*

maneira escolástica ou que me limite à ideia de um ensinamento escolar. Confio em que um autêntico revolucionário não pensará que eu tenha renunciado aqui a entender por «ensinamento» uma piada semidivertida, uma argúcia, uma boa jogada ou algo do estilo. Sei que num Estado empertigado e circunspecto da Europa ocidental esta ideia teria provocado autêntico horror; nenhum funcionário que se respeite haveria de consentir sequer em discuti-la. Mas confio em que nós não estejamos ainda burocratizados até esse ponto e em que a discussão desta ideia só provoque bom humor entre nós.

Com efeito, por quê não juntar o útil ao agradável? Por quê não aproveitar uma piada divertida ou semidivertida para surpreender alguma coisa ridícula, algo danoso, ou semirridículo, semidanoso, etc.? Parece-me que a nossa Inspeção Operária e Camponesa ganhará muito se tomar em conta estas considerações e que a lista dos casos em que a nossa Comissão Central de Controle ou os seus colegas da Inspeção Operária e Camponesa conseguiram algumas das suas vitórias mais brilhantes se enriquecerá com numerosos êxitos dos nossos futuros inspectores e fiscalizadores, em aspectos que não é propriamente cómodo mencionar em manuais decorosos e circunspectos. Como pode unir-se uma instituição do Partido com uma administração soviética? Não há nisso algo inadmissível?

Não coloco esta questão em nome próprio, mas em nome daqueles a quem aludi mais acima ao dizer que temos burocratas não só nas nossas administrações soviéticas, mas também nas organizações do Partido.

Com efeito, por que não reunir umas instituições com as outras quando o interesse da coisa o exige? Será que nunca ninguém se deu conta de que, por exemplo, num comissariado do povo como o dos assuntos exteriores tal reunião é extremadamente útil e pratica-se desde a sua fundação? Acaso o Bureau Político não discute, do ponto de vista do Partido, uma série de questões, grandes e pequenas, relativas às nossas «contramanobras» em resposta às «manobras» das potências estrangeiras, a fim de prevenir, dizendo-o cortesmente, alguma artimanha do seu lado? Acaso não é uma fonte imensa de energia na nossa política a aliança flexível do elemento administrativo e do elemento do Partido? Creio que o que demonstrou o seu valor, se consolidou na nossa política externa e passou a ser um costume ao ponto de não suscitar a menor dúvida na matéria não seria menos conveniente (e até muito mais, na minha opinião) para o conjunto do nosso aparelho estatal. Contudo, a Inspeção Operária e Camponesa deve tomar em consideração justamente o nosso aparelho estatal na sua totalidade, e a sua actividade deve incidir sobre todas as instituições do Estado sem excepção, locais,

centrais, comerciais, puramente administrativas, escolares, teatrais, etc., numa palavra, todas, sem a menor excepção.

Por quê então, no caso de uma instituição desta envergadura e que, por outro lado, exige uma flexibilidade extraordinária nas suas formas de actividade, por quê então não admitir no seu caso uma fusão particular do organismo de controle do Partido com o do Estado?

Para mim não haveria nenhum inconveniente. E mais: creio que esta fusão constitui a única caução que garante uma actividade fecunda. Creio que todas as dúvidas a este respeito emanam dos recantos mais empoeirados do nosso aparelho estatal e que só merecem serem postas em ridículo.

Outra dúvida: é conveniente associar os estudos ao exercício de uma função? Parece-me que não só é conveniente como necessário. Em geral, apesar de toda a nossa atitude revolucionária perante os princípios que regem os Estados ocidentais, estes conseguiram inocular-nos uma série de preconceitos do mais prejudicial e ridículo. Em certa medida este contágio provém também dos nossos amáveis burocratas que no-lo passaram conscientemente, muitas vezes com a esperança de poder pescar nas águas turvas desses preconceitos. E pescaram nessas águas turvas a tal ponto que só os cegos impenitentes não se deram conta de como essa pesca se praticava amplamente.

Em toda a esfera das relações sociais, económicas e políticas somos «terrivelmente» revolucionários. Mas no que concerne à hierarquia e ao respeito das formas e práticas do processo administrativo, o nosso «revolucionarismo» cede constantemente o lugar ao mais bolorento espírito de rotina. Neste caso pode constatar-se um fenómeno do mais alto interesse: saber que na vida social o mais prodigioso salto em frente está com frequência unido a uma monstruosa indecisão perante as menores mudanças.

Isto concebe-se porque os passos em frente mais audazes pertenciam, desde há muito, ao domínio da teoria, a um domínio cultivado principalmente, até quase em exclusivo, no plano teórico. Enojado da abominável realidade burocrática, o russo aligeirava o seu coração construindo andaimes de sistemas eminentemente audazes; e esta é a razão pela qual esses sistemas eminentemente audazes adquiriam no nosso país um carácter muitíssimo estreito. Via-se coexistir a ousadia nas construções de ordem geral com uma surpreendente timidez diante da mais insignificante das reformas administrativas. Elaborou-se a ideia de uma prodigiosa revolução agrária universal com uma audácia desconhecida nos outros países; e ao lado disso, carecia-se de imaginação para realizar uma reforma administrativa de décima ordem; carecia-se de imaginação

ou de paciência para aplicar a essa reforma os princípios gerais que, no tocante aos problemas de ordem geral, davam tão «brilhantes» resultados.

Aqui reside a razão para que a nossa vida presente reúna de forma surpreendente traços de audácia de pasmar e essa tal indecisão de pensamento perante as mudanças mais insignificantes. Creio que sempre foi assim em todas as revoluções autenticamente grandes, já que estas nascem das contradições entre o velho, a tendência a retocar o velho e a tendência mais abstracta para o novo, novo até ao extremo de não conter nem um átomo do passado. E quanto mais radical for esta revolução, durante mais tempo subsistirão estas contradições. O traço que caracteriza a nossa vida actual é este: destruímos a indústria capitalista, dedicamo-nos a demolir a fundo as instituições medievais, a propriedade senhorial, e, nesta base, criámos o pequeno e o minúsculo campesinato que segue ao proletariado, confiado nos resultados da sua acção revolucionária. Contudo, apenas com esta confiança não nos é fácil manter-nos até à vitória da revolução socialista nos países mais avançados: já que o pequeno e o minúsculo campesinato, sobretudo sob a NEP, fica, por necessidade económica, a um nível de produtividade de extremamente baixo. Quanto ao resto, a situação internacional faz com que a Rússia tenha retrocedido; que, no conjunto, a produtividade do trabalho nacional seja agora sensivelmente menos elevada do que antes da guerra. As potências capitalistas de Europa ocidental, em parte conscientemente e em parte por instinto, fizeram todo o possível para nos atrasarem, para aproveitar a guerra civil na Rússia para arruinar ao máximo o nosso país. Precisamente uma saída deste tipo à guerra imperialista parecia-lhes oferecer, sem dúvida, muitas vantagens. “Se não derrubarmos o regime revolucionário da Rússia, ao menos entorpeceremos a sua evolução sob o socialismo”, era assim que estas potências raciocinavam, mais ou menos, e, do seu ponto de vista, não podiam raciocinar de outro modo. No fim de contas cumpriram metade da sua tarefa. Não derrubaram o novo regime instaurado pela Revolução, mas também não lhe permitiram dar de imediato um passo em frente de tal ordem que tenha justificado as previsões dos socialistas, que lhes tenha permitido desenvolver as forças produtivas a um ritmo extremamente rápido, que lhes tenha permitido desenvolver todas as possibilidades cujo conjunto teria formado o socialismo e demonstrar a todos e a cada um, com toda a clareza, abertamente, que o socialismo implica forças imensas e que a humanidade passou agora a uma nova etapa de desenvolvimento que compreende perspectivas extraordinárias e brilhantes. O sistema de relações internacionais é agora de tal ordem que na Europa um Estado, a Alemanha, está subjogado pelos vencedores.

Então, vários Estados, entre os mais velhos do Ocidente, encontram-se, a consequência da vitória, em condições que lhes permitem aproveitar a ocasião para fazer certas concessões às suas classes oprimidas, concessões, que, ainda que medíocres, retardam o movimento revolucionário nestes países e criam uma aparência de «paz social».

Por outro lado, bom número de países, os do Oriente, a Índia, a China, etc., precisamente por causa da última guerra imperialista, foram desviados do seu caminho em definitivo. A sua evolução orienta-se em definitivo para a derrota geral do capitalismo europeu. Começou lá a efervescência que afecta toda a Europa. E tornou-se evidente para o mundo inteiro que se lançaram por um caminho que não pode deixar de acabar numa crise do conjunto do capitalismo mundial.

Por conseguinte, actualmente, confrontamo-nos com a seguinte pergunta: saberemos subsistir com a nossa pequena e minúscula produção camponesa, com o estado de deterioração do nosso país, até ao dia em que os países capitalistas da Europa ocidental tenham consumado o seu desenvolvimento em direcção ao socialismo? Mas não o consumam como antes julgávamos. Consumam-no, não através de uma «maturação» regular do socialismo entre eles, mas à custa da exploração de certos Estados por outros, da exploração do primeiro Estado vencido na guerra imperialista, exploração que se vai juntar à de todo o Oriente. Por outro lado, precisamente como consequência desta primeira guerra imperialista, o Oriente entrou definitivamente no movimento revolucionário, e foi definitivamente arrastado pelo torvelinho do movimento revolucionário mundial.

Que tática impõe esta situação ao nosso país? Evidentemente a seguinte: devemos dar mostras da maior prudência, a fim de conservar o nosso poder operário, de manter sob a sua autoridade e sob a sua direcção o nosso pequeno e minúsculo campesinato. Temos a vantagem de o mundo inteiro, desde agora, ser arrastado para um movimento que deve engendrar a revolução socialista universal. Mas também temos a desvantagem de os imperialistas terem conseguido cindir o mundo em dois campos; e esta cisão complica-se pelo facto de a Alemanha, país em que o capitalismo está realmente evoluído, só muito dificilmente poder hoje recuperar-se. Todas as potências capitalistas do que se denomina o Ocidente a despedaçam e a impedem de recuperar-se. Por outro lado, todo o Oriente, com as suas centenas de milhões de trabalhadores explorados, reduzidos ao último extremo, está em tais condições que as suas forças físicas e materiais não resistiriam de nenhum modo à comparação com as forças físicas, materiais e militares de qualquer Estado, por muito menor que fosse, da Europa ocidental.

Podemos conjurar o futuro choque com estes países imperialistas? Podemos confiar em que os antagonismos e os conflitos internos entre os países imperialistas prósperos do Ocidente e os países imperialistas prósperos do Oriente nos concederão pela segunda vez uma trégua, como o fizeram a primeira vez, quando a cruzada empreendida pela contra-revolução ocidental em ajuda à contra-revolução russa fracassou em consequência das contradições que existiam no campo dos contra-revolucionários do Ocidente e do Oriente, no dos exploradores orientais e dos exploradores ocidentais, no do Japão e dos Estados Unidos?

Parece-me que a resposta a esta pergunta é que a solução depende neste caso de um enorme número de factores; o que permite, em suma, prever o resultado da luta, é o facto de, no fim de contas, o próprio capitalismo instruir e educar para a luta a imensa maioria da população do globo.

O resultado da luta depende em última análise do facto de a Rússia, a Índia, a China, etc., formarem a imensa maioria da população do globo. E é justamente esta maioria de população que, desde há alguns anos, é impulsionada com uma rapidez incrível para a luta pela sua libertação. A este respeito, não poderá haver nem sombra de dúvida quanto ao resultado final da luta à escala mundial. Neste sentido, a vitória definitiva do socialismo está absoluta e plenamente assegurada.

Mas o que nos diz respeito aqui não é, de modo nenhum, essa vitória final do socialismo. O que nos diz respeito é a tática que devemos seguir nós, Partido Comunista da Rússia, nós, poder dos Sovietes da Rússia, para impedir que os Estados contra-revolucionários da Europa ocidental nos esmaguem. Para que possamos subsistir até ao próximo conflito militar entre o Ocidente imperialista contra-revolucionário e o Oriente revolucionário e nacionalista, entre os Estados mais civilizados do mundo e os países atrasados como os do Oriente, que, contudo, constituem a maioria, é preciso que essa maioria tenha tempo para civilizar-se. Nós tão-pouco, nós não somos civilizados o bastante para poder passar directamente ao socialismo, ainda que possuamos as premissas políticas. Devemos seguir esta tática ou adoptar, para nossa salvação, a política seguinte.

Devemos esforçar-nos por construir um Estado no qual os operários continuem a exercer a direcção sobre os camponeses, conservem a confiança destes últimos e, por meio de uma economia rigorosa, destermem de todas as esferas da vida social o menor excesso.

Devemos realizar o máximo de economias no nosso aparelho estatal. Devemos desterrar dele todos os vestígios de excessos que a Rússia

czarista, o seu aparelho capitalista e burocrático, lhe deixou em enorme quantidade.

Não será isso acaso o reinado da mediocridade camponesa?

Não. Se conservamos à classe operária a sua direcção sobre o campesinato, poderemos, à custa de uma economia das mais rigorosas na gestão do nosso Estado, empregar todas as quantidades economizadas para desenvolver a nossa grande indústria mecanizada, a electrificação, a extracção hidráulica da turfa, para terminar de construir a central hidroeléctrica do Volkhov, etc.

Aí, e só aí, residem as nossas esperanças. Só então poderemos, para empregar uma imagem, mudar de cavalo, abandonar a pileca do camponês, do *mujik*, renunciar às economias indispensáveis num país agrícola arruinado, e montar no cavalo que o proletariado busca e não pode deixar de buscar, isto é, a grande indústria mecanizada, a electrificação, a central hidroeléctrica do Volkhov, etc.

É aí que se vincula no meu espírito o plano de conjunto do nosso trabalho, da nossa política, da nossa táctica, da nossa estratégia, às tarefas da Inspeção Operária e Camponesa reorganizada. Está aí o que justifica a meu ver o cuidado excepcional, a atenção sustentada que devemos dedicar à Inspeção Operária e Camponesa, situando-a a uma altura excepcional, conferindo aos seus dirigentes os direitos do Comité Central, etc., etc.

Eis a justificação: só depurando ao máximo o nosso aparelho, reduzindo ao máximo tudo o que não é absolutamente necessário, poderemos subsistir de forma infalível. E isso, não ao nível de um país de pequena agricultura camponesa, não ao nível desta estreiteza generalizada, mas a um nível que se eleva cada vez mais em direcção à grande indústria mecanizada.

Estas são as grandes tarefas que sonho para a nossa Inspeção Operária e Camponesa. É por isso que projecto para ela a fusão do organismo supremo do Partido com um «simples» Commissariado do Povo.

2 de Março de 1923. Lenine.”

(Versão em francês em *Oeuvres*, Editions Sociales, Paris, t. 33, págs. 501-517.)

GLOSSÁRIO

apparatchik – funcionário do aparelho partidário
dzerjinmordy – os agentes de Dzerjinsky, da polícia política Tcheka
edinonatchalia – reinado dos directores
gensek – secretário-geral
mujik – camponês
nepmany – os nepmen, a nova burguesia da nep
nezavisimest – nacionalista, independentista
Orgbiuro – Bureau de Organização
proderjatsija – resistir, aguentar
pugatchevchtchina – sublevação popular
Sovnarkom – Conselho dos Comissários do Povo
tchinovniki – funcionários czaristas
utchra-spred – gabinete especial

